

# **POEMAS**

JÚLIO DINIS

Esta obra respeita as regras

do Novo Acordo Ortográfico

A presente obra encontra-se sob domínio público ao abrigo do art.º 31 do Código do Direito de Autor e dos Direitos Conexos (70 anos após a morte do autor) e é distribuída de modo a proporcionar, de maneira totalmente gratuita, o benefício da sua leitura. Dessa forma, a venda deste e-book ou até mesmo a sua troca por qualquer contraprestação é totalmente condenável em qualquer circunstância. Foi a generosidade que motivou a sua distribuição e, sob o mesmo princípio, é livre para a difundir.

Para encontrar outras obras de domínio público em formato digital, visite-nos em: http://luso-livros.net/



PRIMEIRA

PARTE

# AO MEU IRMÃO

# (JOSÉ JOAQUIM GOMES COELHO)

Também tu, meu irmão, ainda aos vinte anos,
Dizes ao mundo teu extremo adeus!
Deixas-me só e partes! os arcanos
Vais da vida sondar aos pés de Deus?
Inda há bem pouco aspirações ridentes,
Despertadas ao sol da juventude,
Te apontavam futuros resplendentes
De mil glórias, de amor e de virtude.
Há pouco em devaneios tão risonhos,
Cantavas em sentida poesia
As meigas ilusões, dourados sonhos
Que te adejavam sempre à fantasia.

Há pouco tu julgavas do horizonte

Ver de um belo porvir sorrir-te a aurora,

Bem como a áurea luz coroando o monte,

Do Sol precede a chama animadora.

Tudo isso era ilusão, simples quimera,

Que aos vinte anos sonhamos acordados;

Curta página a sorte te escrevera

No grande livro incógnito dos fados!

E enquanto descuidado te entregavas

Aos sonhos da exaltada fantasia,

Sob a flórea vereda que trilhavas

A morte, a fria morte, se escondia!

Tu viste uma por uma emurchecerem

As mais viçosas flores da tua vida;

E as esperanças o seu verdor perderem

Com a aridez da existência desflorida.

E a vida te pareceu áspero deserto,

Assim desguarnecida de ilusões,

De laços materiais cedo liberto

Remontaste às celestes regiões.

Não te lamento, irmão; a tua sorte,

Ao que padece, inveja só produz;

Porque às trevas finais da hora da morte

Seguem-se anos sem fim de imensa luz.

Eras justo, no Céu gozas a palma,

Que ao mundo, aqui debalde pedirias,

E os anjos acolheram a tua alma

Num coro de suaves harmonias.

Mas eu, que te amei, para quem tu eras

Mais que irmão, mais que pai, mais que amigo,

Eu, a quem desde infante ofereceras,

Pra suprir o de mãe fraterno abrigo.

Mais infeliz fui eu; junto ao meu lado

Vago está o lugar que abandonaste.

Vivo só, com as saudades do passado,

Do tempo que de encantos povoaste.

Nesta acerba aridez do meu presente

Recordo-me da vida que passou,

E bem vejo que a sorte fatalmente

Na vida do infortúnio me lançou.

Como a do nauta desditosa sorte,

Que o mar arrosta em tormentosa viagem,

E viu nas ondas que enfurece a morte

Sucumbir todo o resto da equipagem;

Tal o destino meu; entrei no mundo

E saudei-o com hinos de alegria;

Nos êxtases de um júbilo profundo,

O dom da vida a Deus agradecia.

Em ambiente de amor desabrocharam

Na infância as flores da existência minha.

Amor de pai, de mãe, de irmãos, douraram

A amena senda, que ante mim eu tinha.

E depois... ai, irmão! que acerbas dores

Juntos sofremos! Murchas, ressequidas,

Desfolharam-se as mais viçosas flores,

Ceifou a dura morte aquelas vidas.

O belo céu, que nos sorriu na infância,

Em breve se mostrou turbado e triste;

A terna mãe pedira a outra estância

A paz, que neste mundo não existe.

E ai daquele, que no alvor da vida

Perdeu para sempre maternais afagos,

Ai, que bem cedo a vê ser consumida

Por mil anelos, mil desejos vagos.

Ai, bem cedo o sentimos! Separados

Do sol que a infância em luz nos envolvia,

Quais estioladas plantas, assombrados,

A cara ainda infantil, já nos pendia.

E assim viveste! e quando a idade ardente

De mil aspirações te enchia o peito,

Olhaste, e vendo a isolação somente,

Cansado, te deitaste em frio leito.

E eu, em vão no ataúde me curvava,

Em vão hei procurado a tua campa;

A morte de mistérios te falava,

Mas nos lábios do morto o dedo estampa.

Em vão te perguntei: Nessa morada

Outros fúlgidos sonhos imaginas?

Ao sair da vida deparaste o nada?

Ou acordaste em regiões divinas?

Mudo ficaste. Os ventos perpassaram,

Soltando queixas no volver das folhas,

E teus lábios imóveis não falaram,

Nem sequer o irmão saudoso olhas.

Meu Deus! permite que através da lousa

Possa ele ouvir a minha voz ainda,

E desse leito, onde afinal repousa,

Me diga: A vida neste pó não finda;

Me diga: A crença que na leda infância

Aprendemos da mãe é verdadeira;

Há outra vida, há uma outra estância,

Tão feliz, quanto esta é passageira;

Que se encontram os entes mais queridos,

E em eterno amplexo a Deus se humilham;

Que os prazeres em sonhos concebidos

Só há no espaço onde as estrelas brilham.

E então, ó Senhor, com a fé mais pura

Eu ansiarei pelo supremo instante

Em que, livre da humana desventura,

Demandar tua estância radiante.

Deixa que o amigo ao amigo só revele

Os segredos que a morte lhe confia,

Esta incerteza... em vão a fé repele,

A dúvida cruel continua a cria.

Porque negas, Senhor, ao peregrino

Que vai cumprindo só esta romagem,

Um raio ao menos do saber divino,

Que lhe brade na dúvida: Coragem!?

Porque não há de a lousa funerária Erguer-se à voz saudosa da amizade, Para falar à alma solitária Que anela por saber toda a verdade? Porquê?... Mas, Deus, perdoa! eu creio! eu creio! No seu leito de morte o conheci: Sim, nesse instante de tormentos cheio, No peito a voz da crença bem ouvi! E por isso prostrei-me de joelhos, E os lábios murmuravam a oração, E cri então no Deus dos Evangelhos, E a dúvida deixou-me o coração. Repousa, irmão, à sombra do cipreste; Não repousar na terra é desventura.

Dorme no mundo e acorda à luz celeste,

Cruzando o limiar da sepultura.

Dezembro de 1859.

Nota do Autor. — Duvidar da verdade desta poesia, era duvidar dos meus sentimentos mais puros, dos meus mais queridos afetos e nesse caso, não sei de palavras que me pudessem justificar.

#### A MORTE DO POETA

(A memória de A. A. Soares de Passos)

Calou-se a lira! E a criação nos coros

De menos uma voz aos céus revoa!

Na imensa harpa, em que o universo entoa

Os seus cânticos, de menos uma corda!

Que foi? que nota falta às harmonias?

Que foi? que mão deixou quebrar a lira?

O poeta morreu, o canto expira,

Cessam seus hinos do sepulcro à borda!

Morreu o teu cantor, ó Armamento!

O teu sacerdote ardente, ó poesia!

Ó Deus, ó Pátria, a última agonia

Gelou a voz que hosanas vos sagrara!

Crente inspirado, os brados do entusiasmo

Não lhe esfriou dos homens a indiferença,

E a venenosa taça da descrença

Dos generosos lábios arrojara!

O poeta morreu! E o Sol e os astros

Que ele cantou, e a abóbada celeste

De lutuosas trevas se não veste;

E tu, ó Pátria, que ele amava tanto,

Tu dormes ainda esse gelado sono?!

Não te acorda o seu último gemido?

Sente-lhe a morte, se não hás sentido

De animação e glória o eterno canto.

Mas não; os homens veem pasmar o féretro,

Veem do sepulcro alevantar-se a lousa,

E, olhando a nobre cara que repousa,

— Quem é? perguntam com cruel frieza.
— É um poeta, lhes respondem poucos.
Um poeta! palavra incompreensível!
Por ele a multidão passa insensível,
E a campa desampara com presteza.
E um poeta morreu! listas palavras
Nada vos dizem, povos, que as ouvistes?
Não as há mais solenes nem mais tristes.
Oh! nelas refleti um só momento!
Não sabeis o que diz a morte do homem
Que se encaminha à campa que lhe ergueram
Seguido apenas dos que ainda veneram
O culto da poesia e pensamento?
Não ouvis esse dobre, que o lamenta?
É como a voz do século, que brada:

— «Chorai, ó multidões, que na cruzada

Da civilização vos alistastes,

Chorai, um dos soldados que há caído,

Deus lhe dera a bandeira que vos guia,

O estandarte da ideia, a poesia;

Mas vós na heroica empresa o abandonastes!

«Lamenta, ó liberdade, o teu apóstolo!

Amor, o coração que te entendia!

Tu, Pátria, o filho que melhor podia

Entre as nações da terra engrandecer-te!

Religião, ai! chora o sacerdote,

Que, entoando no templo os sacros hinos,

Chamara os povos aos altares divinos

E cultos sem iguais pudera erguer-te!»

E tu, ó mundo, o vês quase indiferente!

Curva a cabeça ante essa campa aberta,

Ajoelha-te, e a cara descoberta,

Venera as cinzas que deixou na Terra;

Os restos são da mais violenta chama,

Que o fogo do Céu no mundo ateia;

A chama ardente de inspirada ideia,

Fogo que a mente do poeta encerra!

Verte, oh! verte uma lágrima na tumba;

Uma lágrima só. Outros desejam

Soberbos mausoléus onde se vejam

Fulgir os nomes seus em letras de ouro;

Ele não. Flores e lágrimas, eis tudo!

Eis o diadema a que o poeta aspira;

Porque lho negas? Que paixão te inspirar

Delas fizeste, ó mundo, o teu tesouro?

Ai, não; umas e outras as desprezas:

As flores procuram as campinas,

Porque a turba, ao passar, calca as boninas,

E o sopro das cidades as murchava.

As lágrimas, as flores do sentimento,

Não as diviso já nos olhos do homem,

Ou das paixões as lavas as consomem,

Ou morto é o sentimento que as gerava.

Fazes bem em passar, mundo, se ignoras

Desta cena a solene majestade,

Impassível ficar era impiedade.

Parte, vai; a indiferença era um insulto.

Oh! mil vezes mais grato o isolamento...

Mas não, o isolamento não existe:

Junto da campa se reúne triste

Longo cortejo de lutuoso vulto.

Ei-los; do vasto templo se avizinham,

Trazem no rosto a dor, que os consome.

Esses veneram do poeta o nome,

Do féretro ao passar, curvam a cara,

Respeitai esse choro, que é sentido;

Longe, indiferentes, que o lugar é santo!

Os que entenderam seu sublime canto,

Saúdam-no ao sumir-se no horizonte!

Silêncio! A Pátria do seu sono acorda!

Sono talvez, que precursor da morte,

Do filho só lamenta a triste sorte,

Teme saudosa com magoado acento!

Ai, nos seus dias de passada glória,

De mãe o desespero a voz lhe erguera,

E, no seu clamor, às praias estendera

Das nações mais longínquas o alto alento.

Mas hoje, já de forças exaurida,

É fraca a sua voz ante essa tumba;

Do peito vem, porém já não retumba

Nos ecos das nações mais poderosas.

Apenas sua irmã, a mais vizinha,

Que quase a mesma linguagem fala,

Compassiva parece lamentá-la,

Ouvindo suas queixas dolorosas.

Poeta, dorme pois: a tua campa

Não ficará sem lágrimas nem flores,

As liras soltam fúnebres clamores

E os ventos reproduzem suas queixas.

Dorme, dorme, poeta, que o teu sono

A turba inquietaria com os seus passos; Mas qual o infante nos maternos braços, Dorme ao som dessas lânguidas endeixas. Dorme, dorme em sossego... mas, silêncio! Para que solto a voz? Cala-te ó lira! Se o génio da poesia não te inspira, Para que o seu cultor lamentas triste? Diante da mudez deste sepulcro Os teus ais de dor, ó coração, suspende; Vê em silêncio o Sol, que ao ocaso pende Como em silêncio no zénite o viste. Março de 1860. Nota do Autor. — Obedeci a um impulso irresistível escrevendo esta poesia. Admirei Soares de Passos durante a vida, como poeta, no seu livro; como homem, nas sempre lembradas noites em que, entre poucos mas escolhidos amigos, víamos na sua casa correrem as horas como instantes e passarem as longas noites de Inverno como um sonho delicioso e aprazível.

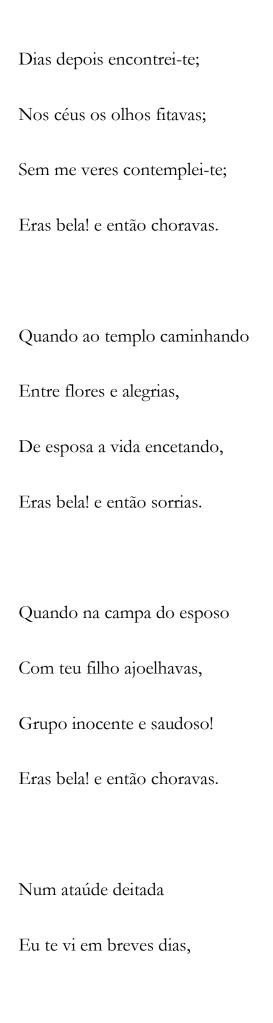
Foi então que pudemos apreciar a pureza daquele caracter, aquela rigidez de princípios, que nesta época de indiferentismo e egoísta especulação, causava assombro a quantos o ouviam.

Por isso, quando morreu, senti-o. como todos que prezavam as letras pátrias e como todos que respeitam os caracteres elevados; mas senti-o também, como ninguém, pela dor que a sua morte deixava no coração do seu irmão, o mais sincero, desinteressado e generoso amigo que nunca hei encontrado.

Tudo isto me levou a lamentar a sua morte, temerária empresa de onde me não podia sair bem.

# UMA RECORDAÇÃO

Lembra-me ver-te ainda infante,
Quando nos campos corrias
Em folguedos palpitantes;
Eras bela! e então sorrias.
Depois, na infância, eras inda,
Junto ao cadáver rezavas
De tua mãe, com dor infinda;
Eras bela! e então choravas.
Num baile vi-te valsando
Da juventude nos dias,
Todos de amor fascinando;
Eras bela! e então sorrias.



Mimosa flor desfolhada!	
Eras bela! e então sorrias.	
Sorrindo, na vida entraste,	
Sorrindo deixaste a vida;	
Alguma flor que encontraste	
A espinhos a viste unida.	
Sim, às vezes tu sorrias,	
E os sorrisos o que são?	
Quase sempre profecias	
Das penas do coração.	
	1857

Nota do Autor. — Sorrisos e lágrimas andam muitas vezes acompanhados,

uns por os outros, na vida. Olhada por este lado, esta poesia é verdadeira.

Alguma coisa me podiam dizer as minhas recordações, para o provar, mas não seria absolutamente o que escrevi. Neste ponto é ela mentirosa. É pecado de que me confesso arrependido.

# ÉS BELA

És bela, sim, quando, corando, foges
De um beijo perseguida;
Ou quando cedes com mais pejo ainda,
Mas na luta vencida.
És bela, sim, quando, banhada em lágrimas,
Soltas mimosas queixas;
Ou quando, comovida por maus choros,
Já ameigar-te deixas.
És bela, sim, à luz do Sol nascente
Regando as tuas flores,
Ou com os olhos no ocaso e o pensamento
No país dos amores.

És bela sempre, e o mesmo fogo acendes

No coração do poeta;

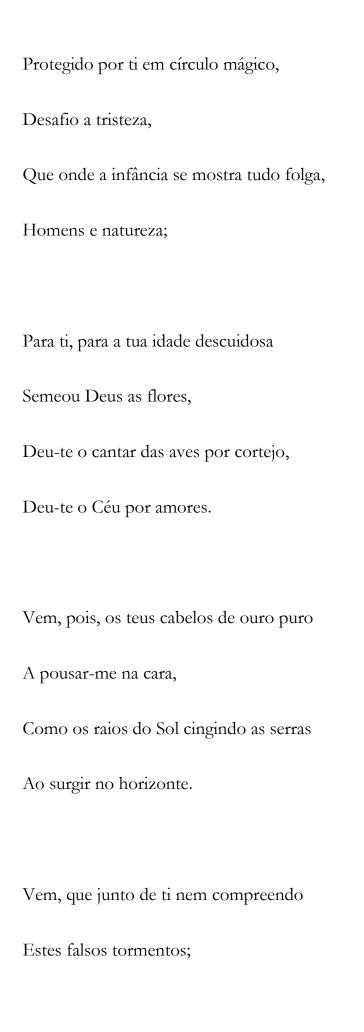
És bela sempre, ó linda flor do prado,

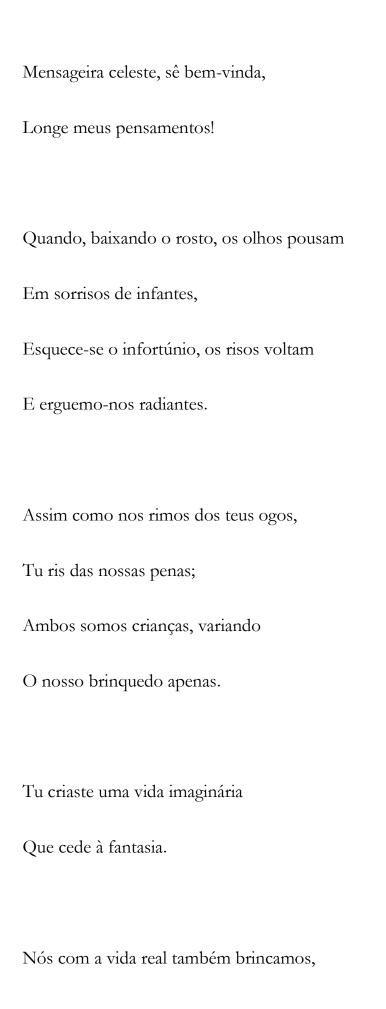
Ó mimosa violeta,

Março de 1882.

# O SEGREDO DESTAS LÁGRIMAS

Quem te disse o segredo destas lágrimas,
Pra assim me consolares?
Quem te disse que a dor que me angustiava
Cedia aos teus olhares?
Criança, onde aprendeste essa ciência,
Ignorada de tantos?
Algum anjo do Céu é quem te inspira
Do conforto os encantos?
Oh! Vem, vem junto a mim com os teus sorrisos
Livrar-me destas trevas,
Rir-te do meu ar lúgubre, falar-me,
Vem, que só tu me enlevas.





Porém sem alegria.

3 de Junho de 1862.

# SAUDADE E ESPERANÇA

Ai não foi sonho, não. Era na infância,
Duas visões queridas
Ao lado do meu berço me sorriam
De uma amorosa auréola cingidas;
Eu sorria também. Vendo-as tão belas,
Por anjos as tomava,
E acordando de um sonho de inocência,
Inda a mais gratos sonhos me entregava.
E repetindo as orações ferventes,
Que à voz da mãe ouvia,
Olhava-as, e julgava que era a elas
Que tão sentidas preces dirigia.

Quando as via, tão jovens e já tristes,

Olhar a mãe chorando,

Eu cismava, e o infortúnio pressentia,

Vago ainda, os meus dias ameaçando.

E o infortúnio chegou. Era uma noite,

E eu ainda infante

Despertei aos gemidos dolorosos

Das órfãs junto à mãe agonizante!

Transportaram-me ao leito aonde a triste

Lutara na agonia,

Era tarde! A primeira vez na vida,

Ao beijá-la, as suas bênçãos não colhia!

E as lágrimas, tão fluentes na infância

Os meus olhos não banhavam! Então senti que os dias de ventura Com ela para sempre me deixavam. Depois os mesmos anjos, que na infância No berço me sorriam, Em vez das vestes cândidas de outrora, Agora negras túnicas cingiam. Nunca mais como a flor na Primavera Eu as vi radiantes; Mas sim como no Outono ela se ostenta, Pendendo as alvas pétalas fragrantes. Pobres flores! tão cedo sem abrigo, Dia a dia enlanguescem Como as que adornam virginais capelas,

E ao fim de um baile pelo chão fenecem. Como cândidas pombas surpreendidas Por furiosa tormenta, Voam amedrontadas a acolher-se Junto à mãe que no seio as acalenta, Assim elas também amedrontadas Das tormentas da vida Voam para o Céu, e no materno seio Procuram contra elas fiel guarida. Um dia eu vi-me só! Junto ao meu berço Os anjos não sorriam, Nem sequer suas lágrimas saudosas Uma a uma nas faces me caíam.

Passaram tempos, e da infância aos dias Seguiu-se uma outra idade; Mas nem o tempo, nem paixões mais vivas Me extinguiram a imagem da saudade. Ainda as vejo a ambas, quando às vezes Em sonhadas delicias, Recordo o tempo da passada infância, Recordo seu amor, suas carícias. Outras vezes, mais vago o pensamento, Num só anjo as confunde; E então adoro essa visão querida, Que na alma ignotas sensações me infunde. Se a imagem delas é como o crepúsculo De um dia já passado,

A nova imagem será ainda aurora
De um dia ardentemente desejado?
Meu Deus! a flor dos campos também murcha
Vive um momento apenas;
Mas depois nova quadra veste os prados
De outro manto de rosas e açucenas.
Também as flores de infantil idade
Eu vi cair sem vida:
Deixa que a nova quadra dos vinte anos
Se adorne de uma túnica florida.

## VISÃO

Não és real. Para o seres

Não foras, ó flor, tão bela;

Se à mente Deus te revela,

Não te cria o mundo, não.

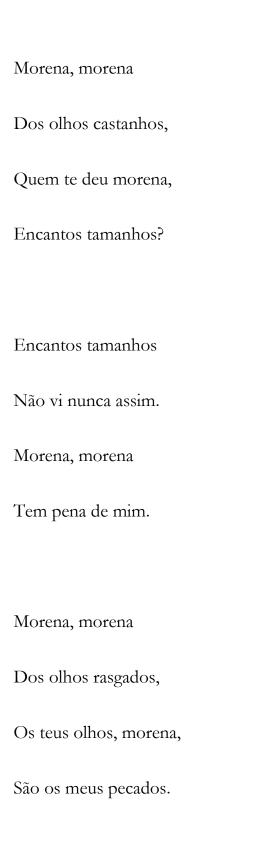
Vegetas no peito do homem,

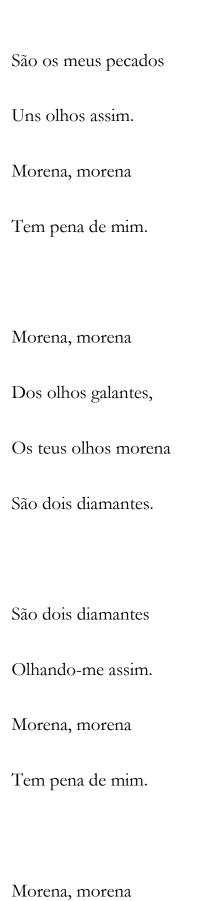
Mas não há viçoso prado

Onde te beije embriagado

O sopro da viração.

#### **MORENA**





O olhar desses olhos	
Concede-me ao menos.	
Concede-me ao menos	
Não sejas assim.	
Morena, morena	
Tem pena de mim.	
De	: As Pupilas do Sr. Reitor

# MOMENTO DECISIVO

Ouviam-se auras suaves
E das aves o trinado.
Tu sentada ao pé da fonte
O horizonte contemplavas
Vias o Sol declinando
E, corando, suspiravas.
E depois seria acaso?
Do ocaso a vista ergueste,
E, ao olhar-me, mais coraste,
Suspiraste e emudeceste.

O Sol descia ao poente,

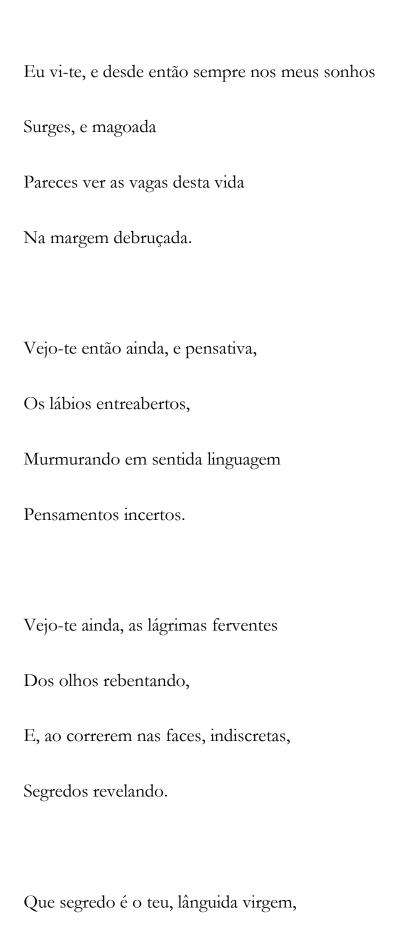
E florente estava o prado;

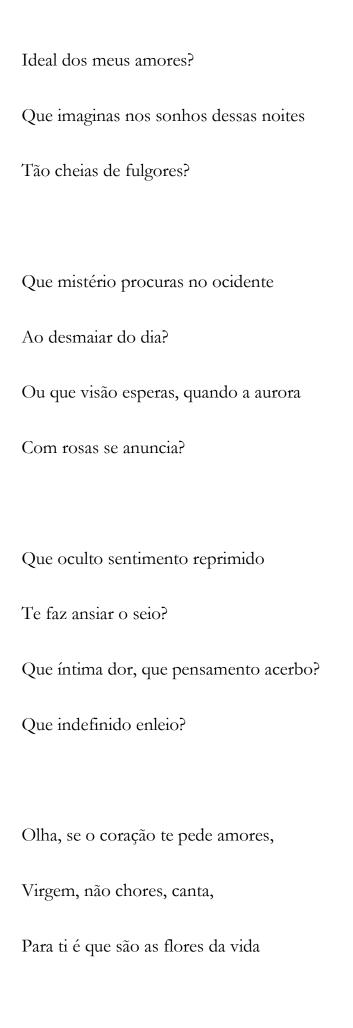
Foi bem rápido o momento De um alento repentino; Porém nesse olhar de fogo Eu li logo o meu destino. Nesse olhar, no rubor vivo, No furtivo respirar... Diz, tu mesma nessas letras Não soletras já: amar? 1860.

Nota do Autor. — Não é muito fácil esta espécie de leitura, o sentido das letras é diferente, conforme os desejos do que as pretende decifrar e daí mil deceções e amargos desenganos. Eu não sei se li bem ou mal; mas é certo que depois disso, o livro parece fechado... não descubro carateres novos.

## CULTO SECRETO

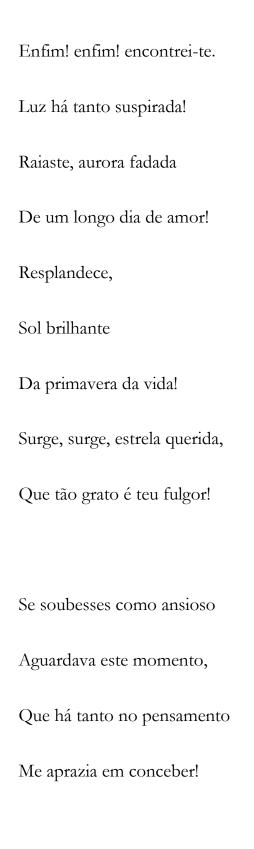
Ouve, lânguida virgem das cidades,
A paixão que me inspiraste.
Curvada, como a flor em vaso de ouro,
Tu, bela, me encantaste.
Eu vi-te assim pendida; a estrela de alva
Ao surgir do oriente
Não nos envia mais saudosos raios
Do seu leito fulgente.
A viração da tarde, mais amena
No bosque, não murmura;
A alva açucena, que o vergel enfeita,
Não tem a cor mais pura.





E a luz que nos encanta. Tu, sim, podes amar; nas sacras aras Dessa chama inquieta, Ateia o sacro fogo com que inflamas O coração do poeta. Tu sim, podes amar; mas eu... se ao ver-te Interrogo o futuro, Uma voz me murmura: «Adora, mártir, Adora, e morre obscuro».

#### ENFIM!



Se soubesses, minha esperança, Que anelar ardente e incerto Na aridez deste deserto Me fazia esperar e crer! Ai, bem-vinda, mensageira De uma indizível ventura! A uma vida de amargura, Ridente imagem, põe fim! Para longe esta tristeza, Vejo enfim formosos dias! Oh! dá-me, dá-me alegrias, Que me cansa a vida assim! Qual a terra desflorida Pelas mãos do Inverno agreste, Que de gelos a reveste,

E lhe afrouxa a luz do Sol; Cinge as vestes de verdura, Toda de amor palpitante, Qual virgem junto do amante Da Primavera ao arrebol; Tal minha alma envolta em trevas De um passado de incerteza, Rasga o seu véu de tristeza, Ao ver-te surgir, amor! E num hino de alegria Saúda a risonha aurora, Que deslumbrante a namora Com fatídico fulgor, Bela flor, fragrante rosa

Nos agros campos da vida,

Entre as outras escondida, Como pudeste florir! Como os vendavais furiosos Das tempestades humanas, Em suas fúrias insanas Te não puderam ferir? Foi condão do Céu por certo, Foi talvez aura celeste Que, ao nasceres, recebeste E em ti se difundiu; E, forte, desceste ao mundo, Brilhando de luz divina; Essa luz que me fascina, Que nas trevas me sorriu!

Também, tu, bela, aspiravas

A um futuro vago ainda? Também uma dita infinda Te pedia o coração? Ai, conta-me os teus segredos, Os teus sonhos, teus anelos, Conta-me, quero sabê-los: Os teus sentimentos meus são. Diz-me se naquele instante, Em que te vi meiga e bela, Quando tu, formosa estrela, Te elevaste no meu céu, Uma voz misteriosa, Prendendo-te em doce enleio, Segredar-te ao ouvido veio: «Ama! teu dia nasceu!»

Diz-me, se ao viver inquieto

Por não sei que oculta chama

Não sucede, quando se ama,

Uma existência de paz?

Se no horizonte sombrio,

Novo astro fulgurando,

Longínquas praias mostrando,

Venturas ver-te não faz?

Conta-me a vida passada

Antes do mágico instante

Em que te vi radiante

Meiga visão a sorrir.

Diz-me os teus jogos da infância

As lágrimas que verteste,

As penas que padeceste,

Sem eu as poder sentir. Tu choravas! quando longe Eu de ti, talvez sorria! Tu choravas! e eu podia Tão indiferente viver! Oh! não! mística influência, Que dois entes num só liga, Embora longe, os obriga Um com outro a padecer. E é esse, esse o segredo Da tristeza indefinida, Que em certas horas da vida Nos oprime o coração; Esse o segredo das lágrimas, Que de olhos virgíneos correm,

E dos suspiros que morrem Nas asas da viração Mas deixemos o passado, Suas penas, suas dores, Deixemos auras melhores Nos manda o porvir de além, Qual no meio do oceano, Após longínqua viagem, Ao nauta fragrante aragem Da Pátria falar-lhe vem. Em que mago encantamento Esta dita a alma me embebe! Só quem o sente o concebe; Não se exprime este prazer! Bem hajas, cândida virgem!

Bem hajas tu, que no seio De aspirações todo cheio, O amor fizeste nascer! Adeus pois, passado triste, Longas horas de amargura; Adeus, paz da sepultura, Sem encantos para mim; Adeus sofrimentos vagos, Adeus, febris pensamentos; Esperam-me outros momentos, Que o amor surgiu enfim. Acorda pois, ó minha alma, Chegou enfim a tua festa; E qual se adorna a floresta Da manhã ao grato alvor,

Veste também tuas galas,

O teu mais florido manto

E leva um sentido canto

Ao sol da vida, ao amor!

Julho de 1859.

Nota do Autor. — Em vez de — enfim — antes lhe devera chamar — rebate falso. A ser mais de que um sonho, não passou de um desejo. Não se deve portanto tirar ilações arrojadas porque seriam falsas.

## METAMORFOSE

Repara: — a imóvel crisálida
Já se agitou inquieta,
Cedo, rasgando a mortalha,
Ressurgirá borboleta.
Que misteriosa influência
A metamorfose opera!
Um raio de Sol, um sopro
Ao passar, a vida gera.
Assim minha alma, ainda ontem
Crisálida entorpecida,
Já hoje treme, e amanhã
Voará cheia de vida.

Tu olhaste — e do letargo

Mago influxo me desperta;

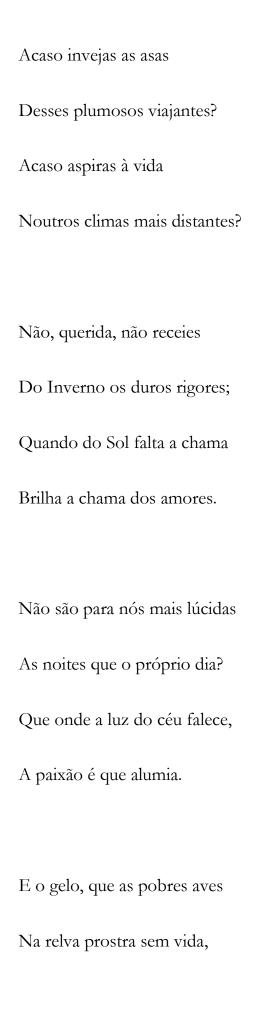
Surjo ao amor, surjo à vida,

À luz de uma aurora incerta.

1 de Maio de 1860.

## O TEU PENSAMENTO

Quando, os olhos elevando,  Segues das aves ligeiras  Esse harmonioso bando?  Que te dizem os gorjeios  Dessas pobres foragidas,  Que vão procurar ao longe  Outras selvas mais floridas?  Acaso temes, como elas,  As nuvens negras, pesadas,  E os ventos que descem rápidos  Das altas serras nevadas?	Onde vai o teu pensamento
Esse harmonioso bando?  Que te dizem os gorjeios  Dessas pobres foragidas,  Que vão procurar ao longe  Outras selvas mais floridas?  Acaso temes, como elas,  As nuvens negras, pesadas,  E os ventos que descem rápidos	Quando, os olhos elevando,
Que te dizem os gorjeios  Dessas pobres foragidas,  Que vão procurar ao longe  Outras selvas mais floridas?  Acaso temes, como elas,  As nuvens negras, pesadas,  E os ventos que descem rápidos	Segues das aves ligeiras
Dessas pobres foragidas,  Que vão procurar ao longe  Outras selvas mais floridas?  Acaso temes, como elas,  As nuvens negras, pesadas,  E os ventos que descem rápidos	Esse harmonioso bando?
Dessas pobres foragidas,  Que vão procurar ao longe  Outras selvas mais floridas?  Acaso temes, como elas,  As nuvens negras, pesadas,  E os ventos que descem rápidos	
Que vão procurar ao longe  Outras selvas mais floridas?  Acaso temes, como elas,  As nuvens negras, pesadas,  E os ventos que descem rápidos	Que te dizem os gorjeios
Outras selvas mais floridas?  Acaso temes, como elas,  As nuvens negras, pesadas,  E os ventos que descem rápidos	Dessas pobres foragidas,
Acaso temes, como elas,  As nuvens negras, pesadas,  E os ventos que descem rápidos	Que vão procurar ao longe
As nuvens negras, pesadas,  E os ventos que descem rápidos	Outras selvas mais floridas?
As nuvens negras, pesadas,  E os ventos que descem rápidos	
E os ventos que descem rápidos	Acaso temes, como elas,
	As nuvens negras, pesadas,
Das altas serras nevadas?	E os ventos que descem rápidos
	Das altas serras nevadas?



Fundir-se-á ao fogo ardente

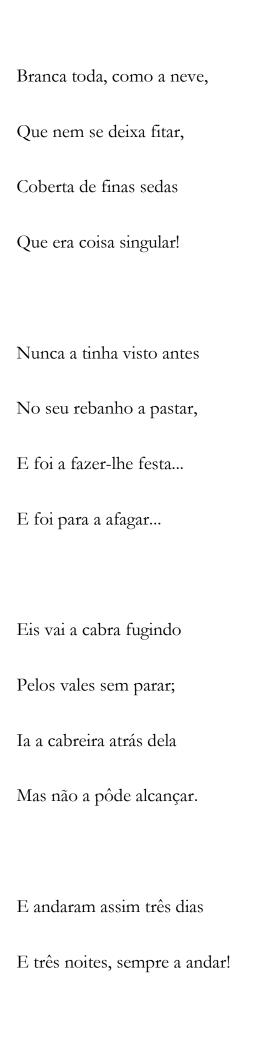
Da nossa paixão, querida.

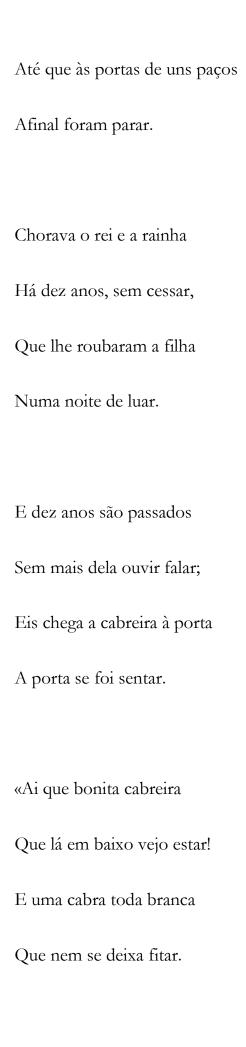
18 de Outubro de 1862.

### A CABREIRA

Andava a pobre cabreira	
O seu rebanho a guardar	
Desde que rompia o dia	
Até a noite fechar.	
De pequenina nos montes	
Não tivera outro brincar.	
Nas canseiras do trabalho	
Os seus dias vira passar.	
Sentada no alto da serra	
Pôs-se a cabreira a chorar.	
Porque chorava a cabreira	
Ides agora escutar:	

«Ai! que triste a sina minha, Ai! que triste o meu penar, Que não sei de pai nem mãe Nem de irmãos a quem amar, «De pequenina nos montes Nunca tive outro brincar. Nas canseiras do trabalho Os meus dias vejo passar.» Mas, ao desviar seus olhos Viu coisa que a fez pasmar: Uma cabra toda branca Se lhe fora aos pés deitar!



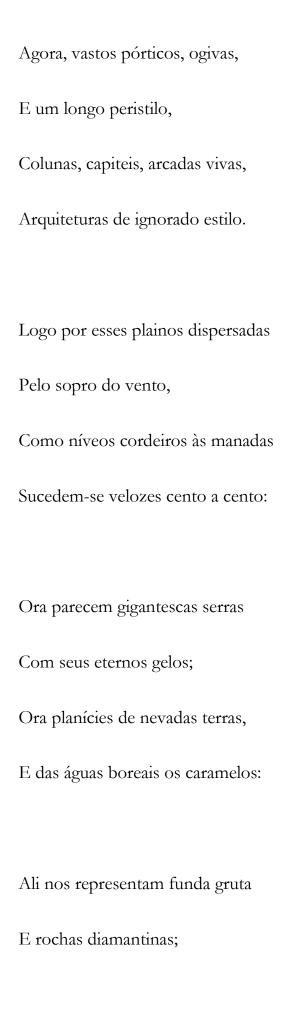


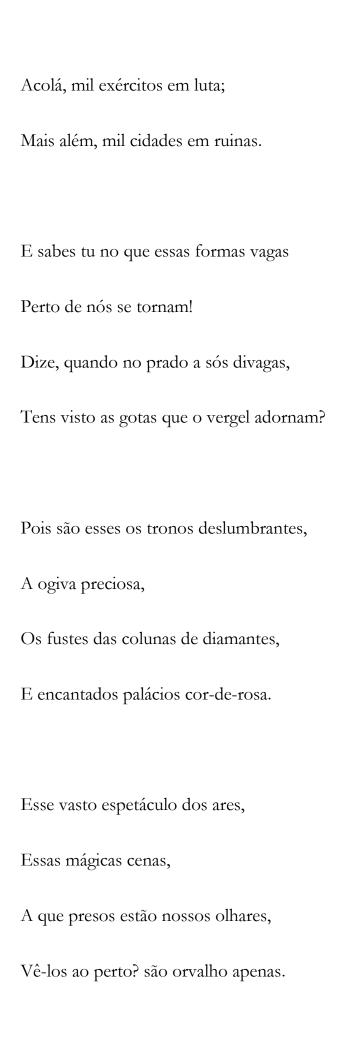
«Meus criados e escudeiros, Ide a cabreira buscar.» Isto dizia a rainha, Este foi o seu mandar. Foram buscar a cabreira E a cabra de a acompanhar Até às salas do paço Onde o rei a viu chegar. «Pela minha coroa de ouro Eu quero agora apostar, Que é esta a filha roubada Numa noite de luar.» Milagre! quem tal diria!

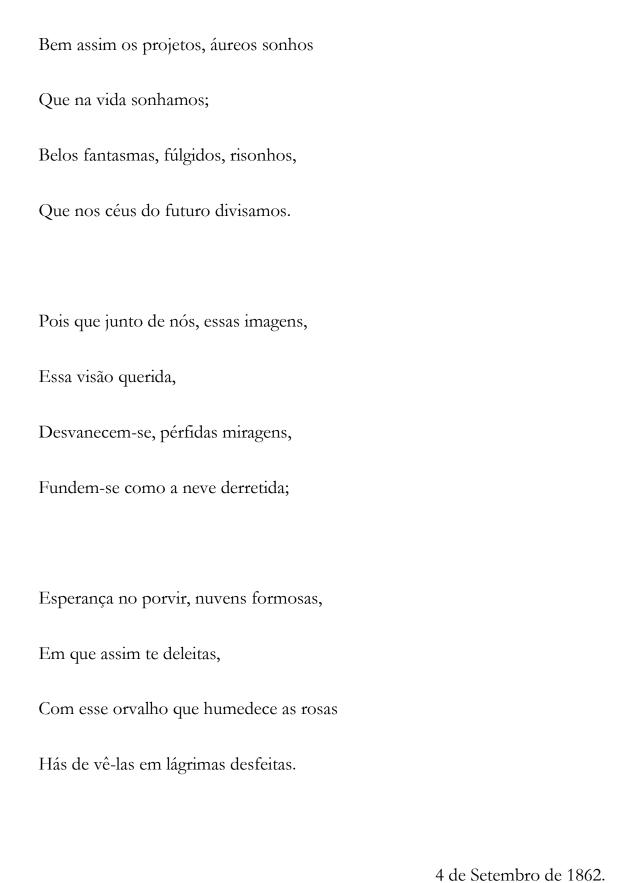
Para as trancas lhe enfeitar.	
Vão procurar a cabrinha	
Ninguém a pôde encontrar;	
Mas um anjo de asas brancas	
Viram aos Céus a voar.	
	De: As Pupilas do Sr. Reitor.

### NUVENS

Vês as nuvens no azul do firmamento
De brancuras ofuscantes,
Como impelidas por tufão violento
Se formam em legiões extravagantes?
Olha; acolá, reunidas uma a uma,
Um trono simbolizam;
Ali, rasgam-se em flocos, como a espuma
Das vagas crespas que em areais deslizam.
Mais longe, vês? as massas vaporosas
Informe monstro imitam,
E além, tingidas pela cor das rosas,
Paços que ocultas mágicas habitam.







#### LAVA OCULTA

Não me entendes? não suspeitas Que esta frieza é fingida? Não vês, cega, que envolvida Está nela ardente paixão? Quando teus olhares evito, Quando julgas que medito, Não compreendes que me agito Em profunda inquietação? E julgas isto frieza? Julgas que o meu peito é gelo? Se o que sinto não revelo, Julgas que isso é não sentir? Ai, louca, que assim te iludes;

Um momento que me estudes, Verás que tormentas rudes Me estão no peito a bramir. Se a mão te cinjo à partida, Não a sentes vacilante? Diz, não vês como inconstante Busco e evito o teu olhar? Chamas a isto indiferença? Não é, não, repara, pensa; E o amor que se condensa Para mais me devorar. E tu não sentes... nem podes; Pra que os olhos vejam tanto, E, sob indiferente manto, Descubram violento amor,

Não, não basta olhar somente; O que o peito não pressente, Só quando fora rebente Pode aos olhos ter valor... E o teu coração... outrora Esperei que me entendesse; Julguei que nunca esquecesse O que na infância nasceu, E com os olhos no futuro Caminhei firme e seguro, E nunca este culto puro No peito me adormeceu Mas tu... Essa flor singela Da afeição que nos unia Se definhava e morria

Desde que outra flor surgiu; Cenas da infância, folguedos, Os seus sorrisos, seus segredos, Passam, como nos olmedos, A folha que ao chão caiu. E por isso as esqueceste; Eu não; que então já no seio Ocultava com receio Mais do que infantil amor. Quando, só, em ti pensava, E só contigo me achava, Não te lembras? já corava, Nem para mais tinha valor. Cresci, e esta ideia sempre Afagava na lembrança;

Sempre, sempre esta esperança, Sempre, sempre esta ilusão! Ilusão, sim, era apenas; Todas as passadas cenas E recordações amenas Riscou-tas nova paixão. Foi uma noite. Esta ideia Inda a conservo bem viva, Cada dia mais se aviva Pra mais me fazer sentir; Desde então já não me iludo, Foi uma noite; vi tudo, E fiquei gelado, mudo, Sem esperanças, sem porvir! Um outro estranho, que importa? Te falava com meiguice E às palavras que te disse Tu sorriste e ele sorriu, E, desumana, não vias Que o amigo de outros dias, De cada vez que sorrias, Cruéis angústias sentiu! Ai, noite de insónia aquela! Tu caiçaras o passado, Nem talvez nunca pensado Havias nele como eu; Quis esquecer-te, vingar-me, A outro amor entregar-me, Mas só consegui cansar-me;

Este amor permaneceu.

Até quando? Só Deus sabe. Comprimido ele floresce, Mas vive, mas não fenece, Que já da infância ele vem; Tu não vês, que uma outra chama Há muito teu seio inflama, E quando deveras se ama, Vê-se o amante e mais ninguém? Bom é pois que não suspeites Que esta frieza é mentida, Que não vejas que envolvida Oculta ardente paixão. Quando teus olhares evito, Quando julgas que medito, Nunca saibas que me agito

Em profunda inquietação.

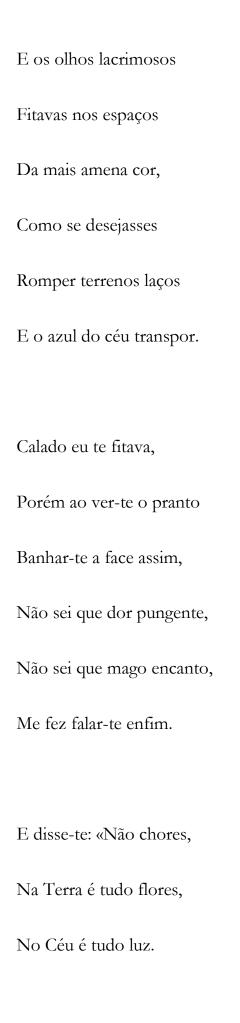
Abril de 1860.

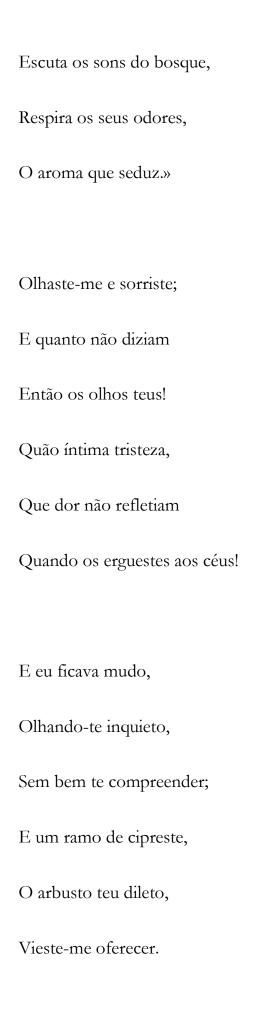
Nota do Autor. — Esta poesia é um enigma, que eu não decifrarei. Isto quase equivale a dizei que ficará sendo um enigma para todos e para sempre talvez.

Foi escrita o ano passado e esquecida. Encontrei-a, fiz-lhe algumas modificações inclui-a nesta coleção. É em grande parte imaginária.

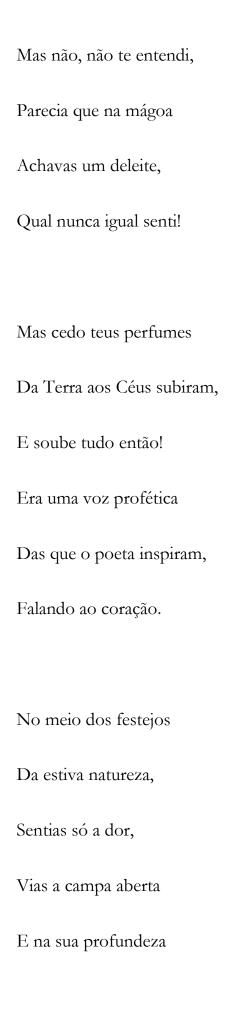
# PRESSÁGIO

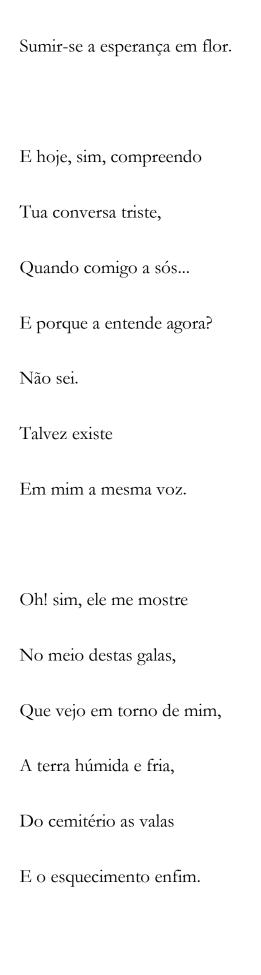
Era em florente Junho;
A Lua se ostentava
Serena no seu brilhar;
A brisa na alameda
Saudosa suspirava
Nas folhas ao passar.
Contigo, eu só no bosque
Contigo, eu só no bosque Ouvia-te, tao triste,
Ouvia-te, tao triste,
Ouvia-te, tao triste, Soltar, mais triste, a voz;
Ouvia-te, tao triste, Soltar, mais triste, a voz; Falavas magoada





«Bem vês, da campa à beira Também a flor rebenta», Disseste-me a sorrir, «Também no chão da morte De seiva se alimenta, Também a vês florir. «Quem vir esta campina Virente e matizada Viçar à luz do Sol, Dirá, que neste manto Se envolve a fria ossada Do morto no seu lençol!» De novo emudeceste, E eu, triste, contemplei-te:





Nota do Autor. — Esta é filha de um momento de spleen. Pareceu-me verdadeira então, hoje não. Estes pensamentos lúgubres acometem-me de vez em quando, mas passam. Estando dominado por eles, acho nesta produção um valor que depois, debalde lhe procuro.

Não é decerto no primeiro caso que melhor a avalio no que ela vale. Não há ninguém que não tenha os seus momentos de hipocondria, muitos com menos razões do que eu.

Desculpem-me portanto os efeitos de um desses momentos.

#### JUNTO A UMA CAMPA

Que seria de ti, se desfolhada Não fosses, linda flor, no chão da morte? Quem pode ler na página cerrada Do livro do futuro a ignota sorte? Ninguém; e quantas vezes iludidos Choramos o que é núncio de ventura? Quantas, na esperança de prazeres mentidos, Vemos luz onde tudo é noite escura? Que seria de ti? Não sei. Se escuto A voz do coração, fala de amores. Mas quem me diz que a dor com que hoje luto Não findará com o aroma doutras flores?

Que me diz que a minha alma, que palpita

Ao recordar-te, ó virgem desditosa,

Não viria ainda um dia a ser precita

Ao fogo da paixão mais poderosa?

Quem sabe? Tudo muda: o peito do homem

Como a ondulante face do oceano;

A um volvem as paixões que nos consomem,

A outro as fúrias do vento vário e insano.

Tudo muda! e o meu seio não se exime

Da eterna lei que rege este universo:

Bênção ou maldição. Ela se exprime

Sem cessar na existência desde o berço.

E então se no porvir o ardente culto

Que eu te votava, ó sombra idolatrada,

Tivesse de findar, antes sepulto

Seja todo este amor na urna gelada.

Foste feliz talvez, talvez na vida

Tivesses de provar amarga taça,

E hoje à sombra da campa, adormecida

Colhes a prece e o choro de quem passa.

Vivias para amar, morreste amando,

Morreste rodeada do perfume

Da divindade, e virgem, não ansiando

No pungir aflitivo do ciúme.

Morreste amando e amada. Sobre o leito

Onde tombaste inânime, sentiste

A sacra chama que me enchia o peito

E na extrema agonia ainda sorriste.

Não devo lamentar-te, não. Podias

Sentir na vida dores que ignoraste;

E eu mesmo, a quem do túmulo sorrias,

Talvez te desse a coroa, que enjeitaste;

A coroa do martírio, que a não colhe

Quem verga, como tu, tão cedo à terra;

Mas sim quem vive e ao túmulo se colhe

Depois de transes de porfiada guerra.

Eu li na descrição de antigas viagens

O destino de um náufrago, que os ventos

Sobre parcéis e incógnitas voragens

De longe arremessaram violentos.

Ia a desfalecer, no húmido abismo

Buscando o último leito e o eterno olvido,

Mas no esforço do extremo paroxismo

Firmou-se às rochas de um penhasco erguido.

E salvou-se! prostrado sobre as

Ao Eterno com júbilo agradece;

E, olhando ao longe as furiosas vagas,

Do destino dos mais se compadece.

Mas bem cedo na estéril penedia

Colheu o triste amargo desengano,

Vendo seguir-se um dia após um dia,

E tudo só na vastidão do oceano.

Era a mudez da campa! Em passos lentos

Se aproximava a descarnada fome;

Longos dias de horríficos tormentos

A preceder-lhe um túmulo sem nome!

Até que enfim o pobre, quase louco,

Pra fugir à tortura que o devora,

Nas próprias ondas, que evitara há pouco,

Busca o refúgio, o passamento, agora!

Nos naufrágios da vida, quantas vezes

Nós, pobres nautas, o furor das vagas

Vencemos, para mais ríspidos reveses

Irmos sofrer em solitárias plagas!

Feliz o que sucumbe na tormenta;

Um instante de angústia... e o eterno sono

O livra do martírio que experimenta

O que sofre na Terra o abandono.

Feliz pois tu, que cedo desfolhada

Caíste, ó bela flor, no chão da morte;

Quem sabe o que na página cerrada

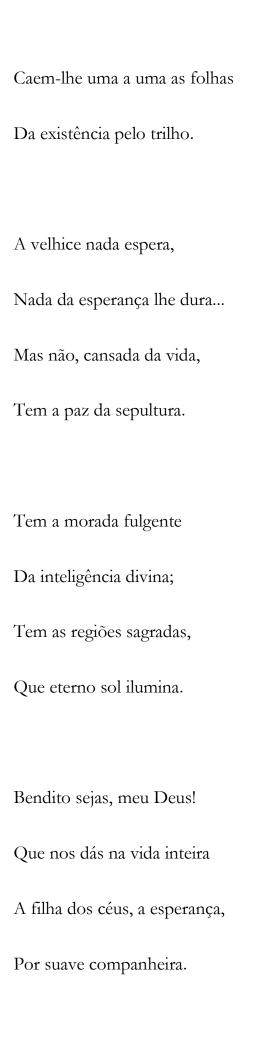
Do livro seu te reservava a sorte?

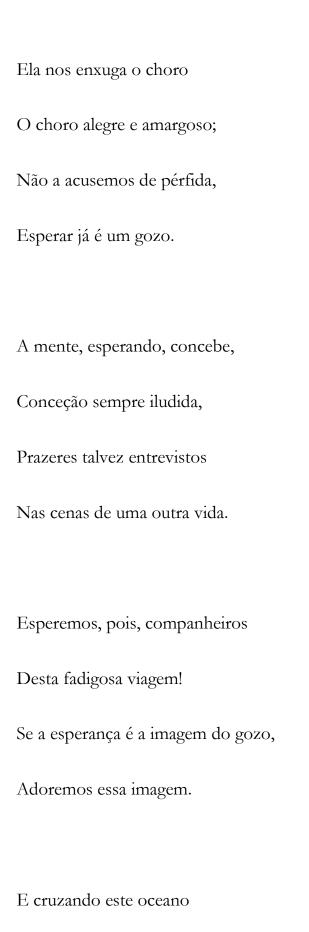
20 de Dezembro de 1861

## A ESPERANÇA

No passado, uma saudade,
No presente, uma amargura,
E no futuro, uma esperança
De imaginária ventura;
Eis no que consiste a vida
Imposta por Deus ao homem.
Nisto se consomem dias!
Nisto anos se consomem!
Saudade é flor sem perfumes
Quando ainda verdejante,
Mas à medida que murcha,
Ai, que aroma inebriante!

A amargura é duro espinho Que nas carnes penetrando, Faz desesperar da vida, Suas flores definhando. A esperança é frouxa luz Que nas trevas nos fulgura; Vendo-a, ousados caminhamos: Mas, ai, que bem pouco dura; Quantos mais passos andados Na agra senda desta vida, Mais amargo é o presente, E a saudade mais sentida. Mas a esperança não; os anos Fazem-lhe perder o brilho;





Com os olhos no porvir.	
Esqueçamos no presente	
O seu horroroso bramir.	
E quando enfim, já cansados,	
Reclinarmos nossa cara.	
Que a esperança nos revele	
Mais dilatado horizonte.	
	Agosto de 1859

### ILUDAMO-NOS

Desenganos do passado,
Não servireis ao porvir?
Sempre a perder ilusões
Sempre ilusões a sentir!
Não mais, não mais; nesta vida
Ainda esperar é loucura.
Sofrer: eis nosso destino!
Sonhar: eis toda a ventura!
Soframos pois Não, sonhemos,
Criando mundos ideais,
E com mentidos prazeres
Curemos penas reais.

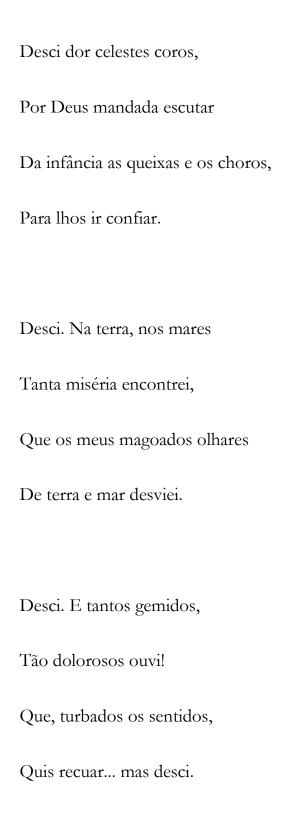
Ilusões, sede bem-vindas,

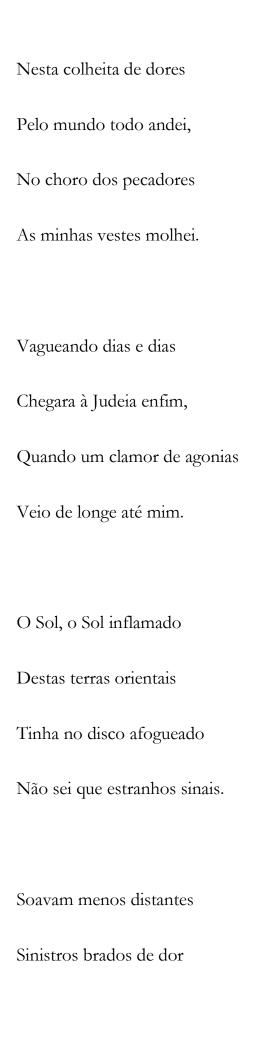
Povoai-me o pensamento:

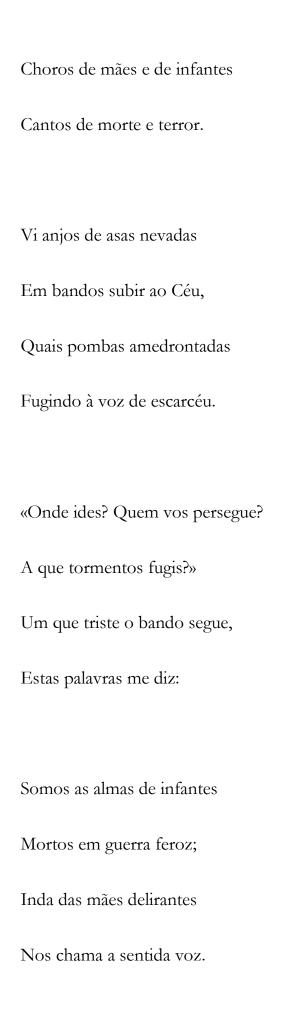
Convosco, sim, a ventura

Se goza per um momento.

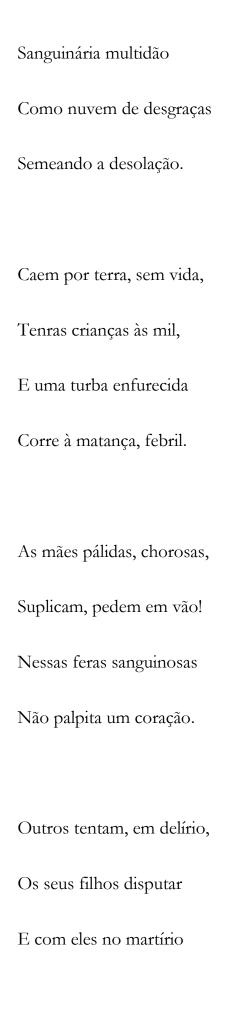
# O ANJO DA GUARDA DA INFÂNCIA







«Só a materna saudade Nossa carreira detém, Embora no Céu, quem há de Esquecer o amor de mãe?» Disse e o rosto formoso Com as asas encobriu, E ao bando silencioso Silencioso se uniu. Eu segui. Na ampla cidade Aterrada penetrei... Ai, da fera humanidade Os meus olhos desviei! Que cena! Corre nas praças



Gostosas se vão juntar.
Sobre a terra ensanguentada
Eu soluçando, ajoelhei,
E de intensa dor magoada,
A Deus piedade implorei.
Findava a prece, e uma estrela
No horizonte despontou,
Pura, cintilante, ela
O caminho me traçou.
À humilde e escondida estância
Da venturosa Belém
Cheguei; vi um Deus na infância
Nos ternos braços da mãe.

Minha colheita de dores	
Naquele berço depus,	
Da humanidade aos rigores	
Pedi remédio a Jesus.	
No olhar do divino infante	
Raiou luz e fulgor,	
Foi a aurora radiante	
Que anuncia um redentor.	
	De: A Morgadinha dos Canaviais

#### HINO DA AMIZADE

(A meu primo e amigo José Joaquim Pinto Coelho)

Amigo, concede que as notas da lira Te sagre num dia a que tantos sorri; Se a triste, saudosa, de mágoas suspira, Soará d'esperanças agora por ti. Escuta-a; se as vozes são fracas, afeita Que ela é desde muito com os cantos da dor, O seu débil tributo, seus hinos aceita Qual tênue perfume de lânguida flor. Os anos são marcos na senda da vida, Nos quais o viajante costuma parar,

E os olhos volvendo na estrada corrida,

As cenas passadas lhe apraz recordar.

Suspende um momento teus passos, suspende,

Na santa romagem que cumpres al,

E além, ao passado teus olhos estende,

Além, ao passado, contempla-o daqui.

Oh! pára, paremos, que as cenas doutrora,

Tão ricas de encantos, são minhas também;

Pois juntos nos vimos da vida na aurora,

E juntos passamos os anos além.

Além,- ao mais longe que avistam teus olhos,

Estende-os amigo; repara, que vês?

Formosa campina de flores, sem abrolhos,

Mais bela a distância, que ao perto talvez.

Ai — não te lembras ? — correu-nos a vida,

Qual linfa tranquila no prado em Abril,

De dia em folguedos a mente esquecida,

De noite enlevada por sonhos aos mil.

Ai tempos de encantos, ai fúlgidas cenas

Volvidas com os anos chorados em vão;

Ai, quanto mais gratas não são tuas penas,

Que a própria ventura que as outras nos dão!

Paremos, amigo, paremos ainda

A olhar esta quadra tão longe de nós;

Que a luz que a ilumina bem cedo se finda,

Que os entes que a adornam deixaram-nos sós.

Tão gratos nos eram da aurora os fulgores,

Como o último raio do dia a findar,

Que se uns ainda ao peito nos falam de amores,

As outras saudades vem-nos despertar.

Após esta parte da nossa jornada,

Tão bela e tão curta, lá se ergue uma cruz,

E eu, órfão mesquinho, na campa ignorada

Não pude ajoelhar-me, nem flores depus.

E as cinzas queridas... mas não, adiante,

Perdoa, perdoa, se esqueço o meu fim;

Ó lira, teus crepes arroja distante;

Ó alma, tuas dores divulgas assim?

Mas nesses instantes em que eu na orfandade

Aos ecos tão tristes falava da mãe,

Os laços ligando da nossa amizade,

As vestes de luto cingias também.

Porém nova quadra se segue. A corrente

Da vida mais turva para nós se mostrou;

Pequenos martírios que sofre o inocente

De que hoje nos rimos, o peito provou.

No meio de estranhos eu vi-me sozinho,

E assim na carreira das letras entrei.

A mão que os meus passos guiou com carinho

A morte roubou-ma, eu só caminhei.

Mas ainda então mesmo na vida de criança

A nossa amizade não pôde esfriar;

Nas horas votadas à grata folgança

De júbilo cheio te vinha encontrar.

Mais tarde ambos na senda da vida

Guiou-nos os passos benévola mão.

Recordas-te dele? Da imagem querida,

Da imagem saudosa do amigo, do irmão?

Que tempo, que cenas passámos unidos!

Prazeres, trabalhos, leituras comuns!

Ai, quantas saudades dos tempos volvidos

Me restam no peito, remorsos nenhuns!

Aquela nobre alma, já perto da morte,

Que negra adejava de si ao redor,

Mais nobre por isso, mais bela, mais forte,

Pra as lutas da vida nos dava calor.

O Sol à florinha que adorna a colina,

Já perto do ocaso não nega o luzir;

Sem ele os rigores da brisa ferina

Faziam-lhe o sopro da vida exaurir.

A estrada apontou-nos que afouto seguira,

E onde tão firme marchar sempre o vi,

Em nós verte o alento que a ele o inspira,

E pára ao dizer-nos: «Eu fico — partil»

E a sombra seguindo do irmão, que lhe aponta,

Fugenta de esperanças a estrada do Céu,

A terra abandona, no empíreo desponta,

E cedo para sempre de nós se perdeu.

Ao ver-me sem ele sozinho na vida,

Faltaram-me as forças, tentei recuar,

Que a luz que me guiava, na campa sumida,

Em trevas profundas deixou-me ficar.

Mas ainda de novo para mim sua imagem,

Surgindo da campa, me veio sorrir,

Alento infundir-me, bradar-me: «Coragem!»

E eu, forte, sua obra não quis destruir.

Por outro caminho seguiste, contudo

De espaços a espaços cingimos as mãos:

Nas lides da vida, nas lides do estudo,

Jamais esquecemos o nome de irmãos.

Mil vezes à sombra do denso arvoredo

Falávamos ambos do nosso porvir,

Dos tempos passados, do ignoto segredo

Que dentro do peito tentava florir.

Ao fim da carreira, que ansiado trilhava,

Após mil fadigas enfim te encontrei;

Mas antes, de novo a dor nos magoava:

De um túmulo à beira contigo chorei.

Aos mares da vida teu barco lançaste:

Na margem parado, meu barco sustei.

É tempo! Partamos. Tu, forte, cruzaste

As ondas, e «Ao largo!» bradar escutei.

Mas lá que me espera? nas vagas furiosas

Veria afundar-se meu pobre baixei;

Vogando tão longe de praias formosas

Irá destruir-se num outro parcel?

Calai-vos, inquietos anelos de um peito,

Que muito receia, por muito querer;

Calai-vos, esperanças com que eu me deleito

Nas horas mais gratas de um triste viver.

Oh! deixa, deixemos tão longo horizonte,

Que vago e obscuro para todos ele é:

Deixemo-lo, amigo, 'té quando desponte,

Esperemo-lo fortes de esperança e de fé.

E a vista lancemos mais perto: no espaço

Bem curto em distância, de afetos maior,

Que vemos? Os entes, que um cândido laço

Reúne em família com santo fervor.

Nos rostos que anima fulgente alegria,

Amor e ventura bem fácil se lê;

E a ideia que é hoje de encantos um dia,

O seio lhes enche de júbilo. Vê.

Louvemos o Eterno, que assim te permite

Provar de uma taça tao pura e sem fel;

Saudemos o dia que aos rostos transmite Os gozos, que verte no peito fiel. Desviemos o rosto das nuvens passadas, Fechemos os olhos às trevas por vir, E as horas presentes, à paz consagradas, Gozemos; gozemos tão belo existir. E agora perdoa se as notas da lira Num dia como este, que a tantos sorri, As vezes, saudosa de mágoas, suspira, Em vez de esperanças soar só por ti.

### VOZ DE SIMPATIA

Ao despontares da amena juventude, De galas e de flores ornaste o seio. E de mil sonhos de prazer no meio, Com que o peito se ilude, Aguardaste o alvor do Sol fulgente, Que a luz e vida ao coração dispensa, De amores ideais, na dita imensa, Deleitava a mente. Ele surgiu! esse astro rutilante! Não; efêmera luz, que instantes brilha, Porém cujo fulgor cedo se humilha, Nasce e morre inconstante. Surgiu! não como a chama das estrelas, Que em multidão infinda o céu povoam, E pálidas o véu da noite coroam, Quais lúcidas capelas; Mas único brilhante, duradouro, Como o astro do dia, que surgindo, E luminosas vagas difundindo Raios de fulgente ouro, Dispersa na amplidão a imensa turba Dos outros astros que no espaço giram, Enquanto eles no céu sua luz admiram, E nenhum o perturba. Volveram anos, risos e fulgores Da idade juvenil se desvanecem, Mas não morre a afeição, mas não fenecem Os teus cândidos amores; Não fenecem, não morrem; crescem antes,

O sentimento e a razão os gera,

Sentimento e a razão, que Deus vertera

No teu ser, abundantes.

Volveram anos... e afinal? Gozaste

Essa ventura, esperança dos teus dias?

Ai, não; em vez do cálix de alegrias,

O do travor provaste.

Traíram-te! e um frio esquecimento

O prêmio foi do teu amor constante!

E a luz que te guiava fulgurante

Sumiu-se num momento.

E a dúvida não veio na tua alma

Negar de um Deus supremo a existência,

Descrer dessa irrisória providência,

Que aos maus concede a palma?

Oh! não; curvaste a cara angustiada,

Escondeste tuas lágrimas ardentes,

E mostraste-te aos olhos indiferentes

Vitima resignada.

Eles veem nos teus lábios o sorriso,

E julgam que provém do esquecimento!

Cegos! vissem-te à luz do sentimento

Como eu te diviso.

Saberiam que angústia ele escondera,

Que pungente amargura nele oculta!

Saberiam que a dor que mais avulta

Não é a mais sincera.

Que mundo! Àquele que a sua fé trairá,

Os prazeres, os gozos, a riqueza;

A ti saudade, isolação, tristeza!

E não é Deus mentira?!

E o crime folga, e é vítima a inocência!...

Não folga; o Céu é justo, e o mau condena,

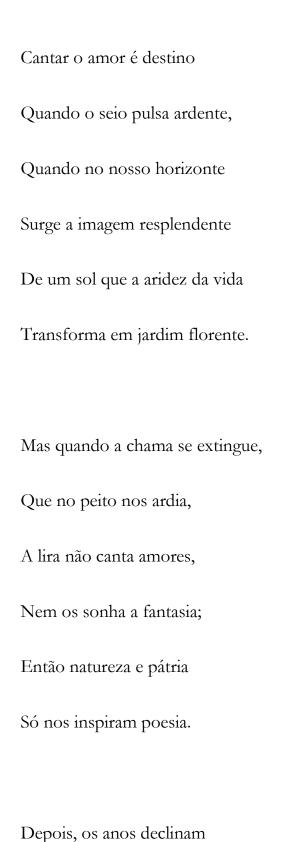
Dá-lhe o remorso por amarga pena,

E a ti a consciência.

35 de Abril de 1860.

Nota do Autor. — Se chegar aos olhos da pessoa a quem é dirigida, ela compreenderá.

#### O DESTINO DA LIRA



Como o Sol no azul dos céus;

E quando a noite da vida

Já nos estende seus véus,

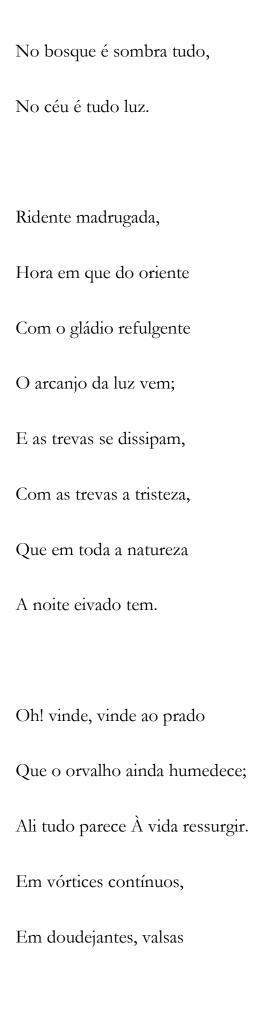
Todos os cantos da lira

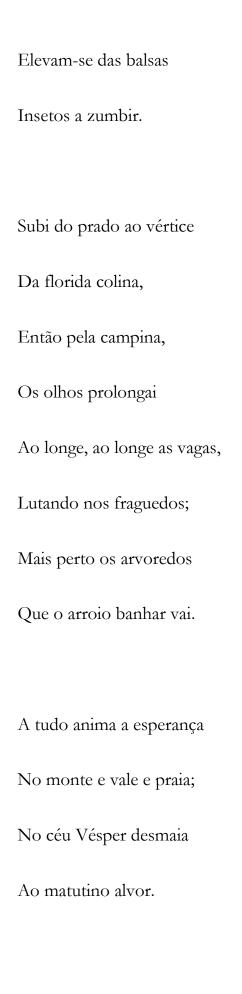
São consagrados a Deus!

12 de Agosto de 1860.

# À LUZ DO SOL NASCENTE

À luz do Sol nascente
Resplendem pelas selvas
Mil pérolas nas relvas,
Nos ares mil rubis;
No azul do céu nevoado
Não brilham as estrelas,
Mas são imagens delas
A - (1 1
As flores do tapiz.
As flores do tapiz.
As aves perpassando
•
As aves perpassando
As aves perpassando  Agitam a ramagem,
As aves perpassando  Agitam a ramagem,  E a perfumada aragem





O cântico das aves,

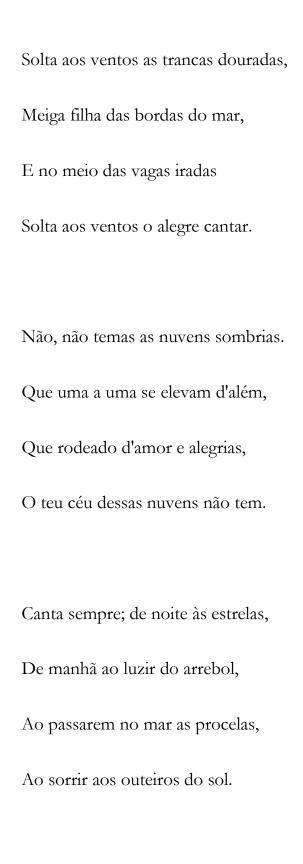
Das flores o aroma

Nos diz: — O dia assoma!

Hosana ao Criador!

1 de Julho de 1862.

## NOVA VÉNUS



Canta sempre, ó alcíone destas vagas,

Nova filha da espuma do mar,

Canta sempre, e eu sentado nas fragas,

Voltarei para ouvir-te cantar.

28 de Fevereiro de 1863.

## QUANDO TE VI

Hoje, quando te vi, estavas pensando; Em que pensavas tu, virgem formosa, Desmaiadas as faces cor-de-rosa, E o seio, o gentil seio, inquieto arfando? Em que pensavas tu? De vez em quando Elevavas ao céu, triste, saudosa, A vista amortecida, lacrimosa, Para a baixar depois em gesto brando. No chão jaziam murchas, desfolhadas, As rosas, que ainda há pouco te toucavam, Agora já por ti abandonadas.

Os últimos clarões do Sol douravam

As tuas belas tranças desatadas;

Diz, que íntimos anelos te turbavam?

### DESESPERANÇA

Meu Deus, que destino!... viver isolado,

Sem ter quem no mundo me possa entender!

Não era esta a vida que tinha sonhado

Nos sonhos passados de um outro viver!

As feras, as aves, as flores, quanto existe,

Se abrasam num terno, dulcíssimo ardor!

Só eu, solitário, viver sempre triste!

Viver? — Não: que é vida, faltando-lhe o amor?

É ermo entre gelos, é hórrida noite,

Onde um só astro, sequer, nem reluz!

Como hei de, sem crenças onde a alma se açoite,

Do Gólgota ao cimo levar minha cruz?!

O anseio, este fogo que lento me inflama

Não hei de apagá-lo num gozo real?

E os vagos transportes que sente quem ama

Terá de abafá-los paixão mundanal?

Não ter seio amigo no qual eu repouse

A cara cansada de ardente pensar,

Uma alma conforme com a minha, a quem ouse

Dizer quanto sinto no peito a pesar!

Ai! triste, que sorte! viver entre gelo,

Sentindo atear-se cá dentro um vulção!

Nutrir tanto afeto no peito, e perdê-lo!...

Desejos que abrasam, mantê-los em vão!

Meu Deus! És injusto!... mas oh! se blasfemo,

Perdoa, que a mente mal pensa o que diz!

Perdoa, perdoa-me, ó Ente supremo,

Concede-me ainda que eu seja feliz!

Oh! dá-me a ventura que em sonhos já tive!...

Uma alma que esfalma soubesse entender!

Um ente, se acaso na Terra ele vive,

Que possa este vácuo de amor preencher.

Que imenso tesouro de afetos lhe dera!

Sorria-lhe a vida num éden gentil!

Entre outros segredos então lhe dissera

Tais falas, cortadas por beijos aos mil!

Ai! foge, deixemos da vida mundana

Os seus vãos devaneios, seu fogo falaz!

Busquemos sozinhos deserta cabana,

Aonde não turve ninguém nossa paz!

Que imensos prazeres que lá nos esperam!

Que ledo futuro que então nos sorri!

Ali não há mágoas, que o peito laceram,

Dos homens o bafo não chega até 'li!

Que vida, essa vida que então lá teremos

Tão rica de afetos, de gozo sem fim!

Que ternos enlevos, que doces extremos,

Que belos os dias, passados assim!

De esperanças e flores no quadro tão lindo

No cimo do monte, da aurora ao nascer,

Iremos saudá-la, dizer-lhe: — Bem-vinda

Tu sejas, que à Terra dás luz e prazer!

Depois, vendo as aves com doce harmonia

Soltarem seus cantos no bosque além,

Na língua dos anjos, na maga poesia,

Aos Céus nossos hinos se elevam também;

Oremos ao Eterno, sagremos-lhe os cantos,

Que d'alma espontâneos prorrompem então!

Depois resolvamos provar dos encantos

Da vida inefável que anima a solidão.

Da tarde ao crepúsculo, nos breves instantes

Dessa hora em que se unem as sombras e a luz,

Também nossas almas unidas e amantes

Anelem delícias que a noite conduz!

Ali, o murmúrio da rápida brisa

Banhada em perfumes, roubados à flor,

A linfa, que mansa no prado desliza,

Virão segredar-nos mil falas de amor!
— Amor — repercutam os ecos da serra!
— Amor — lá das aves se escute na voz!
E as nuvens, as fontes, os bosques, a terra,
— Amor — só respirem em torno de nós!
— Amor — alta noite veremos escrito
Com letras douradas no livro de Deus!
Presságio divino do gozo infinito,
Que um dia teremos unidos nos Céus.
E um dia lá corre, d'amor bafejado,
Ao outro que surge prazeres iguais!
E sempre esta vida! Mas, ai! desgraçado!
Que assim me enlevava de esperanças banais!

Debalde iludir-me procuro num sonho!

Cruel desengano, cruel que ele é!

Ele aponta o futuro, sombrio e tristonho,

Sem crenças, sem glória, sem vida, sem fé!

A mim só me resta viver isolado!

Sem ter quem no mundo me possa entender!

Ai! sonhos tão Belos que outrora hei sonhado!

Delícias passadas de um outro viver.

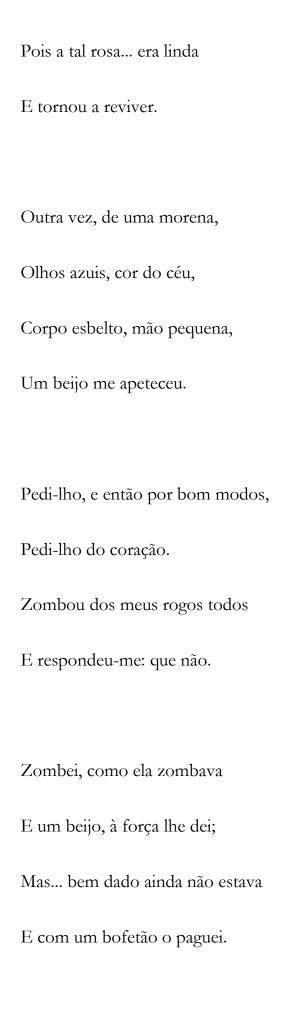
### SIMILIA SIMILIBUS

Nova seita proclamaram
De Esculápio os descendentes;
Dão vivas os boticários,
Estremecem os doentes.
Mas que achado! Os velhos médicos
Veem o passado com mágoa;
Estes, de novo sistema,
Aquecem água com água.
O fogo apagam com fogo,
Dão vista aos cegos, cegando,
E até para coroar a obra,
Curam da morte matando.

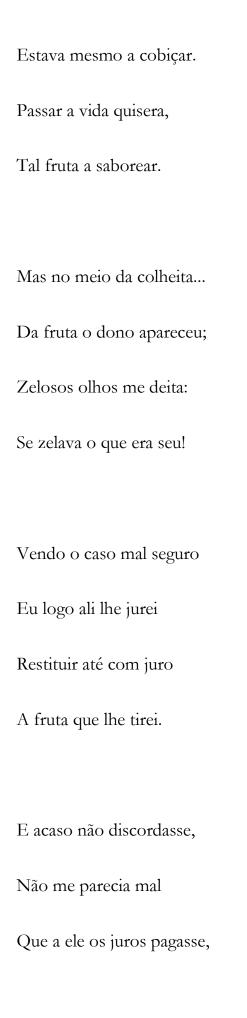
# HISTÓRIA DE UNS BEIJOS

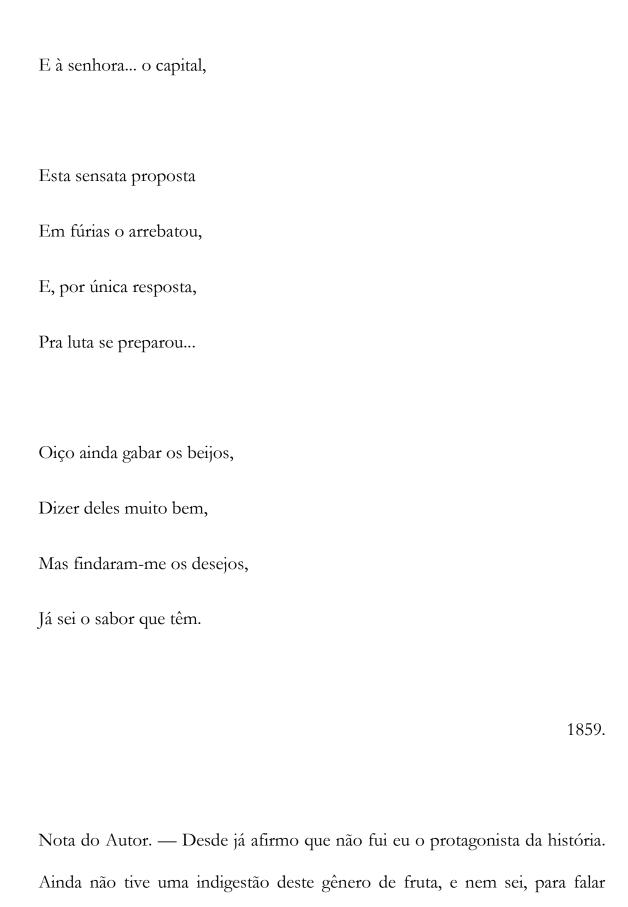
Ouvia gabar os beijos,
Dizer deles tanto bem,
Que me nasceram desejos
De provar alguns também.
Esta fruta não é rara,
Mas nem toda tem valor,
A melhor é muito cara
E a barata é sem sabor.
Colhi-os dos mais mimosos,
Provei três; mas, pelo meu mal,
Ao princípio saborosos,
Amargaram-me afinal.

Um colhi eu de uma bela Que era Rosa, sem ser flor, Se tinha espinhos como ela, Dela também tinha a cor. Vi-a a dormir e furtei-lhe Um beijo, que a acordou, Eu gostei, porém causei-lhe Tal susto que desmaiou. Logo que a v: sem sentidos Fugi sem outro lhe dar, Pois beijos sem ser pedidos Não são coisas para brincar. Porém deste beijo ainda Pouco tive que dizer,



Custou-me caro o desejo, Que muito caro ela o vendeu. Pagar por tal preço um beijo! Assim não os quero eu. Este mais do que o primeiro, Me deixou fraca impressão; Quis provar ainda um terceiro, Para não jurar em vão. Mas não quis fruta roubada, Que mal com ela me dei; Uma dama delicada Ofereceu-ma... eu aceitei. Ai que boa fruta era!





francamente, se mesmo quando a tivesse, a ficaria abominando para sempre.

O caso, enquanto a mim, não foi de natureza que justificasse semelhante aversão; mas enfim há suscetibilidades tais...

Não afirmamos, contudo, que a dieta tenha sido escrupulosamente observada.

Nesta espécie de fruta, parece-me que, ao contrário do que se diz para as outras, é a qualidade e não a quantidade que faz o mal.



Acredita	que o	s anjos	também	sofrem
	_	,		

Nesta mansão de dores,

E não olhes o mundo lacrimosa,

Quando o vires despido de fulgores.

Mal sabe, a rosa, ao vicejar lasciva

Em plena Primavera,

Que é passageira a quadra; que após ela

Se despovoa o prado e a morte a espera.

O terreno que pisas nesta vida

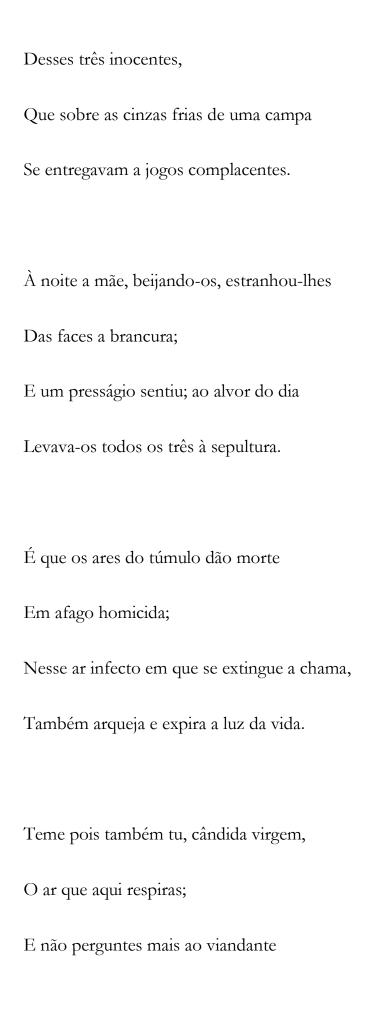
Oculta um precipício

O caminho, onde ao fim vemos a glória,

Quantas vezes termina no suplício!

Eu já vi, sobre um túmulo isolado, Um grupo de crianças Dando as mãos, e travando em chão de morte, Com risos infantis, alegres danças. Vi-as também sorrindo descuidadas, Se piedoso viandante Parava pensativo e, murmurando, Uma humilde oração, passava adiante. Assim também sorris, se melancólico Eu penso no futuro, Quando uma sombra vem turbar-me a cara. Com elas, ris do meu rosto escuro.

Mas olha, vais saber a história triste



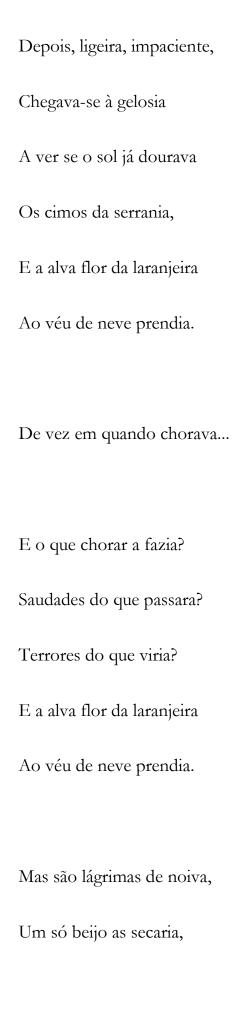
Que pensamentos de amargor lhe inspiras.

Nota do Autor. — Esta poesia foi enviada ao redator da Grinalda, João Marques Nogueira Lima, assinada com o pseudónimo Júlio Dinis, em 9 de Março de 1861 e publicada no 3.º número daquele jornal. No dia 18 de Março, à noite, o Passos elogiou-a, sem saber quem ara o autor.

### A NOIVA

# (NO ÁLBUM DA EXMA. SRA. D. ISABEL M. FIGUEIREDO DE CARVALHO)

Mal as regiões do oriente
A luz da manhã tingia,
Já ao cristalino espelho
A linda noiva sorria,
E a alva flor da laranjeira
Ao véu de neve prendia.
A noite passara à vela
E que noiva a dormiria?
E ao desmaiar das estrelas,
Alvoroçada se erguia.
E a alva flor da laranjeira
Ao véu de neve prendia.



São como gotas de orvalho

Quando o Sol as alumia;

E a alva flor da laranjeira

Ao véu de neve prendia.

Que longo porvir d'amores,

Que futuro de poesia,

Que palácios encantados

Lhe pintava a fantasia,

Quando a flor da laranjeira

Ao véu de neve prendia!

E ao casto leito de virgem

Dentro da alcova sombria,

A noiva, de vez em quando,

Inquieta os olhos volvia;

E a alva flor da laranjeira

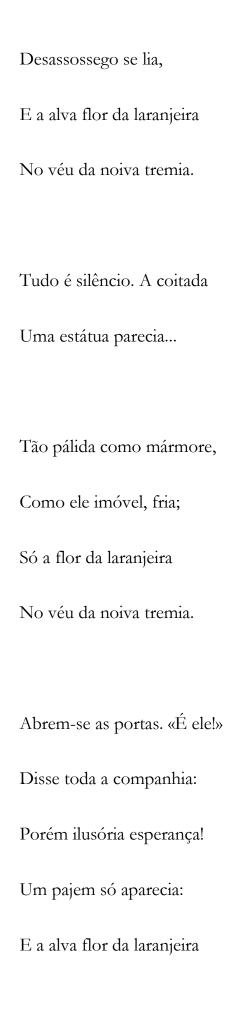
Ao véu de neve prendia. Por entre o rosai florido, Que o balcão lhe entretecia As avezinhas cantavam Com festiva melodia. E ela a flor da laranjeira Ao véu de neve prendia. Alto ia o Sol, resplendente Na manhã daquele dia, Cuja noite... Esta lembrança Da noiva as faces tingia; E a alva flor da laranjeira Ao véu de neve prendia.

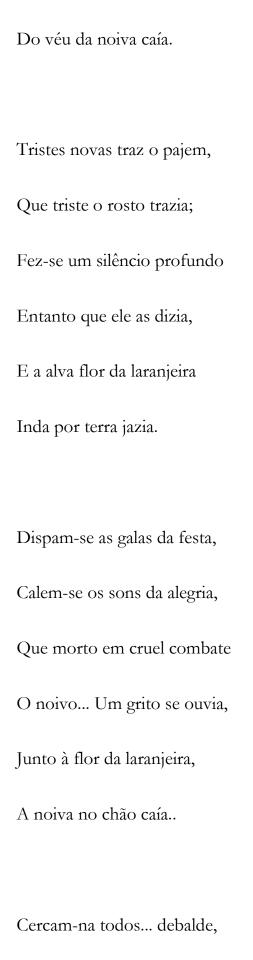
A mãe, vendo-a tão formosa,

Julgava um sonho o que via, Que o vestido de noivado As graças lhe encarecia, E a alva flor da laranjeira Do véu de neve pendia. Vêm as irmãs, que a contemplam Com inveja, eu juraria: Ela baixa os olhos, cora, O que mais bela a fazia, E a alva flor da laranjeira Do véu de neve pendia. Junto delas, perturbada, Quase nem falar podia; Só as mães bem compreendem O que a noiva então sentia,

Quando a flor da laranjeira Do véu de neve pendia. As horas passam tão lentas! E o coração lhe batia, A mãe chorava, coitada, Com saudades o fazia; E a alva flor da laranjeira Do véu de neve pendia. A sala já estava cheia; A noiva achava-a vazia, Que entre tantos convidados Ainda o noivo se não via; E a alva flor da laranjeira Há muito do véu pendia!

Passa a manhã, e não chega! Não chega, e é já meio-dia! Nas varandas, nos eirados, Se dispersa a companhia; E a alva flor da laranjeira Há tanto do véu pendia! O rosto da bela noiva Cada vez mais se anuvia, Não sei que voz misteriosa Desgraças lhe pressagia; E a alva flor da laranjeira Inda do véu pendia. Fenece a tarde. Eis a noite, Hora de melancolia. No rosto dos convidados





O seio já não batia; Aquela mimosa planta Sem alentos sucumbia, Como a flor da laranjeira, Derrubada ali jazia. Mal sabia a pobre noiva Pra que bodas se vestia! Mal sonhava a desposada Que a morte esposar devia! Quando a flor da laranjeira Ao véu da neve prendia. Com as vestes do noivado Para o sepulcro ela se ia; Em vez do rubor da noiva A palidez da agonia

E a alva flor da laranjeira

Do véu de neve pendia.

Tantos sonhos que sonhara!...

Tanta esperança que nutria!...

Por esposo tinha a morte,

Por tálamo, a lousa fria,

E a flor da laranjeira

Com ela à campa descia.

## O DESPERTAR DA VIRGEM

Que é isto? que sentimento
Me faz palpitar o seio?
Meu Deus, meu Deus, porque anseio?
A que aspira o coração?
Que me revela este fogo,
Esta vaga inquietação?
Da vida a clara corrente
Porque é que se perturba?
Porque, fugindo da turba,
Eu só folgo ao ver-me a sós,
Escutando ignotas falas
De não sei que estranha voz?

Ainda há pouco me apraziam

Da alegre infância os folguedos; Hoje não sei que segredos O coração me prediz. Enfadam-me as alegrias Desses tempos infantis. Às horas do fim do dia, Quando o Sol no mar declina E d'áurea luz ilumina Todo o horizonte ao redor, Porque me sinto enleada Num indizível langor? De manhã, quando nas selvas O dia desperta as aves, E mil aromas suaves Sobem dos campos ao céu,

Porque sinto ante meus olhos Estender-se húmido véu? E esta imagem resplendente, Que sorrir-me em sonhos vejo, Ai, tão bela que desejo Sempre mais tempo sonhar! Quem é que em tão mago enleio Me faz, sem querer, sonhar? Este ansiar incessante, Esta esperança ainda tão 'vaga De gozos, que a mente alaga, Mal lhe sabendo o valor, Este ignoto sentimento... Deus do Céu, será o amor?

Amor! que palavra é esta,

Que ela só me sobressalta

E mil sensações exalta

Desconhecidas para mim...

Que poder mágico encerra

Para me agitar assim?

É o amor o sentimento

Que me faz arfar o seio?

Este gozo porque anseio

E a que aspira o coração?

É pois amor este fogo,

Esta vaga inquietação?

Nota do Autor. — Não sou por certo eu o melhor juiz da verdade desta poesia, escrevi-a de palpite.

Julgue-a quem pode.

#### **QUINZE ANOS**

#### (NO ÁLBUM DO MEU AMIGO J. M. NOGUEIRA LIMA)

Que são quinze anos, quando a virgem cora?

Quando, já triste, na solidão vagueia?

Que são quinze anos, se ao surgir da aurora,

A embala em sonhos embriagante ideia?

Se ao fim da tarde, em languidez caída,

Do peito sente o palpitar inquieto,

E aspira, ansiosa, mas ardente vida,

Vida de amores, de paixões, de afeto?

Que são quinze anos, quando um sangue ardente

No peito infunde abrasadora lava?

Quando aos assomos da paixão nascente,

A alma da virgem se submete escrava?

Ai, quantas vezes nesses jovens seios

Se esvai bem prestes a infantil bonança?

Quantas se ocultam juvenis enleios,

Nas aparências de pudor, criança?

Vês a palmeira, que no nosso clima

Arbusto humilde, um vendaval derruba,

Como nas plagas, que o calor anima,

Eleva altiva a majestosa juba?

A mesma vida, que recebe a planta

Nessas paragens onde o Sol dardeja,

O amor, o astro que a existência encanta,

A mesma vida ao coração bafeja.

E tu, que deixas os pueris folguedos,

Como a grinalda que esfolhada viste,

E erras em choro por jardins e olmedos,

Ai, virgem, virgem, já o amor sentiste.

Já o aspiraste, percorrendo a relva,

Entre perfumes de violeta e rosas;

Falou-te dele o rouxinol na selva,

E a estrela em noites de Verão formosas.

Falou-te dele a matutina brisa,

Por entre as folhas sussurrando meiga;

No prado a linfa, que a correr desliza,

E a borboleta nos rosais da veiga.

Falou-te dele esta gentil paisagem,

O azul dos céus, a secular floresta.

Esse o mistério que em subtil linguagem

Às virgens conta a natureza em festa.

Ouvindo, pois, as namoradas falas,

Que eu delirante te falei, donzela,

O que receias? porque assim te calas,

Rubra de pejo, que te faz mais bela?

Esconde a cara no meu peito, esconde,

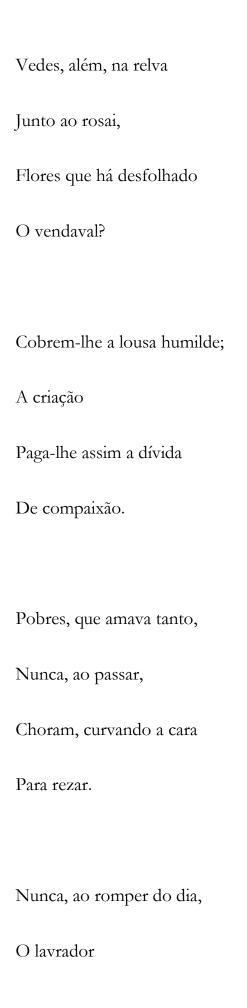
Mas não hesites ao dizer-me que amas.

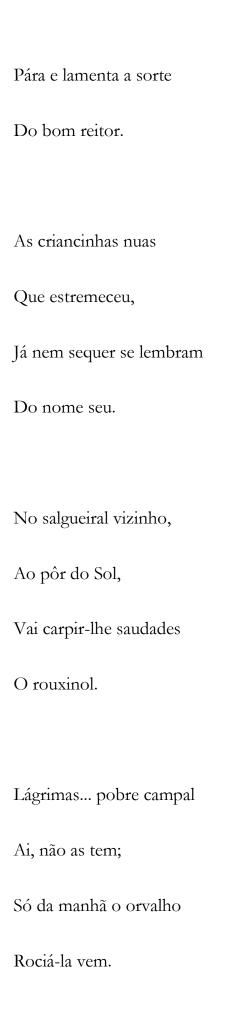
Que são quinze anos, linda flor? responde,

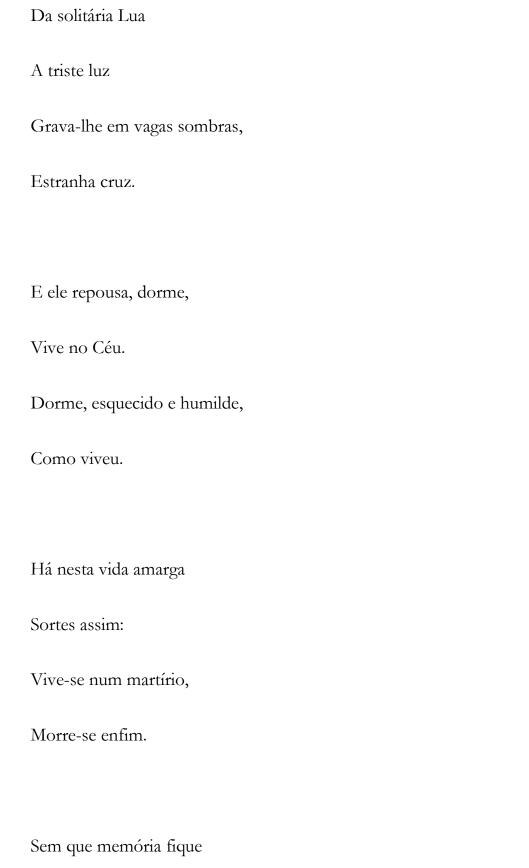
Quando o teu seio se devora em chamas?

#### O BOM REITOR

Sabem a história triste
Do bom reitor?
Mísero, toda a vida
Levou com dor.
Fez quanto bem podia,
Mas afinal
Morre, e na pobre campa
Nem um sinal.
Nem uma cruz ao menos
Se ergue no chão!
Geme-lhe só no túmulo
A viração.

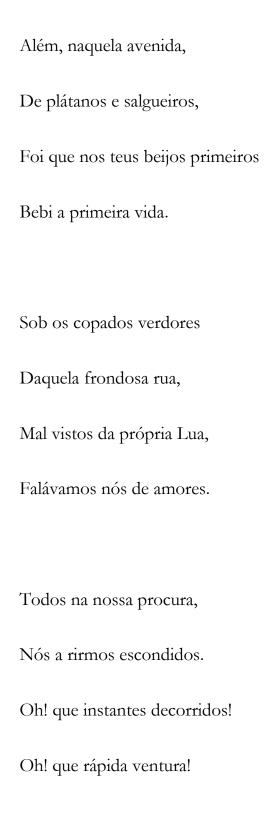






Para contar Às gerações que passam,	
Nosso penar.	
Quem me escutar, se um dia	
Ao prado for,	
Ore pelo descanso	
Do bom reitor.	
Ј	ulho de 1864

#### INICIAÇÃO



«Vai», coseste-me ao partires, Que estes beijos te deem vida. Adeus, a infância é volvida! Luta, e... se não sucumbires...» E a voz faltava-te em meio; E eu disse com modo brando: «Se não sucumbir?...» Chorando Apertaste-me ao teu seio. «Volta; e a sentida promessa, Que nos meus beijos entendeste, Cumprida será». Disseste: «Adeus. A luta começa.» E começava! Ai, por vezes Me tomou o desalento;

Porém aquele momento

Lembrava-me nos reveses.

Lutei. E ao voltar agora

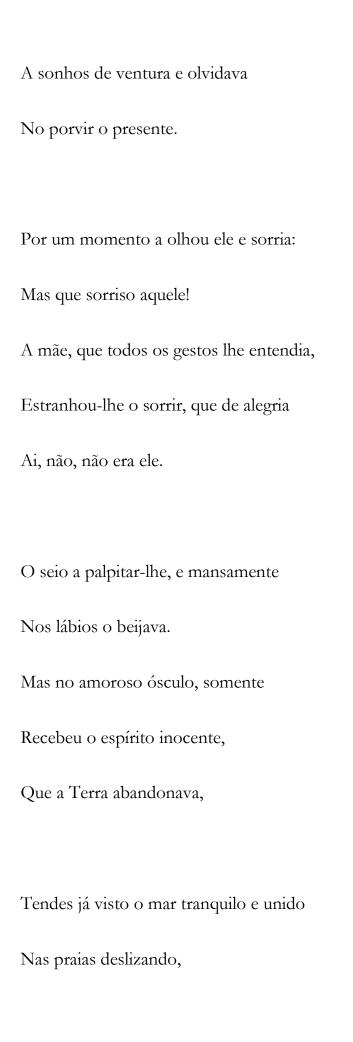
Com as lembranças do passado,

Diz-me, anjo, se me é dado

Recordar-te ainda essa hora?

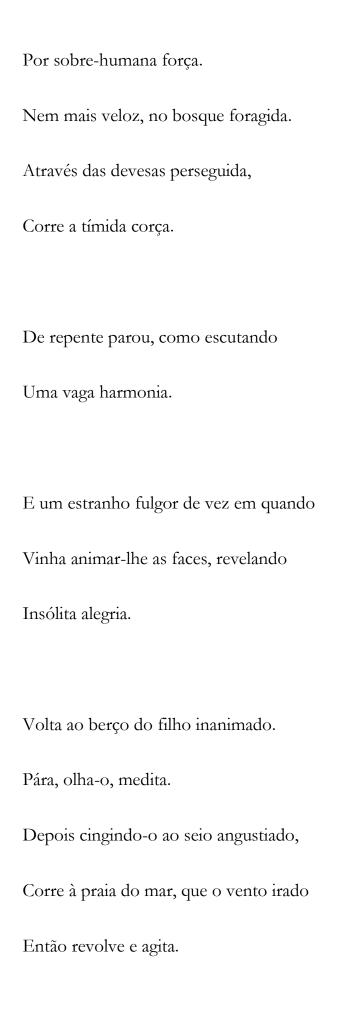
# A JOVEM MÃE

Vistes a jovem mãe junto do berço
Do filho adormecido?
Que lhe importava o resto do universo?
Tudo o que a mão de Deus nele há disperso
Via ali resumido.
A guerra vai acesa, o sangue corre
Pelas nações da Terra;
Mas todo esse rumor no berço morre:
A aumentar o silêncio até concorre
Que o gineceu encerra.
Um dia, ao pôr do Sol, ela embalava
O berço do inocente.
E, com os olhos nele, se entregava



E depois levantar-se embravecido Qual o leão, do caçador ferido, As crinas eriçando? Tendes já visto o vento pela serra Gemendo brandamente, Para depois, em tumultuosa guerra, Descer aos vales, devastar a terra Assolador, fremente? Assim a pobre mãe se ergueu, os ares Enchendo com os seus gritos! Como a fera a rugir entre os palmares, Corre a pobre sem tino, os seus olhares Volvendo ao Céu aflitos.

Ao vê-la, di-la-eis impelida



«Filho, filho, não partas só da vida,

Espera, eu vou contigo.»

Disse, e nas penhas húmidas erguida,

Com o inocente, na vaga enfurecida

Busca o final jazigo.

Viste a jovem mãe na campa fria

Unido o filho ao peito?

Que lhe importava o mundo, onde o não via?

Como outrora, embalando-o, adormecia,

Mas no funéreo leito.

#### A VIDA

A alvorada foi risonha;
Ergueste-te como o dia,
Eu fiz, naquela alvorada,
Uma alegre profecia.
Inda radiava fulgente
Vénus, a saudosa estrela,
Já tu ornavas as trancas
E cantavas à janela.
E dos laranjais vizinhos
Os rouxinóis acordados
Respondiam-te com trinos
Da tua voz namorados.

Dos virentes jasmineiros,

Que a Primavera enflorava,

Vinha cheio de perfumes

O vento que te beijava.

Quem dissera então ao ver-te

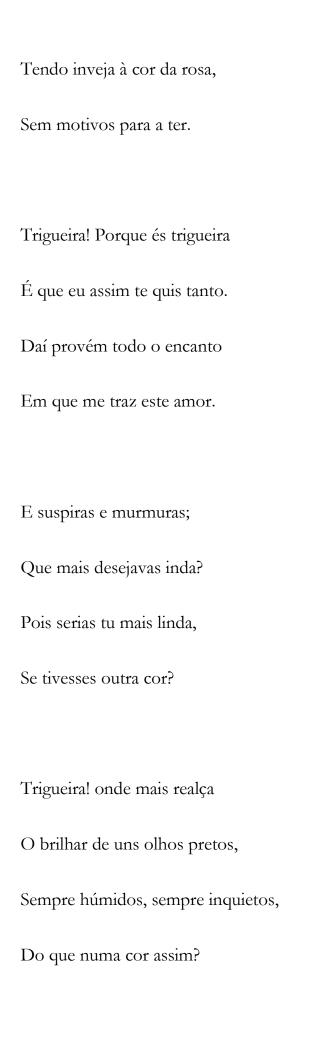
Que a noite, estrela cadente,

Nessa risonha alvorada,

Serias inanimada?

#### TRIGUEIRA

Trigueira! que tem? Mais feia
Com essa cor te imaginas?
Feia! tu, que assim fascinas
Com um só olhar dos teus!
Que ciúmes tens da alvura
Desses semelhantes de neve!
Ai, pobre cabeça, leve!
Que te não castigue Deus.
Trigueira! se tu soubesses
Trigueira! se tu soubesses  O que é ser assim trigueira!
O que é ser assim trigueira!
O que é ser assim trigueira!  Dessa ardilosa maneira



Mais encantos apresenta? E um sorriso, um só, nos tenta, Como me tentou a mim? Trigueira! E choras por isso! Choras, quando outras te invejam Essa cor, e em vão forcejam Por, como tu, fascinar? Ó louca, nunca mais digas, Nunca mais, que és desditosa. Invejar a cor da rosa, Em ti, é quase pecar. Trigueira! Vamos, esconde-me Esse choro de criança.

Onde o correr de uma lágrima

Ai, que falta de confiança!	
Que graciosa timidez!	
Enxuga os bonitos olhos,	
Então, não chores trigueira,	
E nunca dessa maneira	
Te lamentes outra vez.	
	Abril de 1864.
	De: As Pupilas do Sr. Reitor

### A INTERCESSÃO DA VIRGEM

(H. HEINE)

I

Jazia o filho no leito,
A mãe olhava o balcão.
— «Não te levantas, meu filho,
Para ver a procissão?»
— «Ai, mãe! se estou tão doente,
Que não posso ouvir nem ver!
Penso nela a pobre morta
Como não hei de eu sofrer!»
— «Ergue-te, filho, e à romagem
Iremos juntos a orar,
Que aos corações doloridos

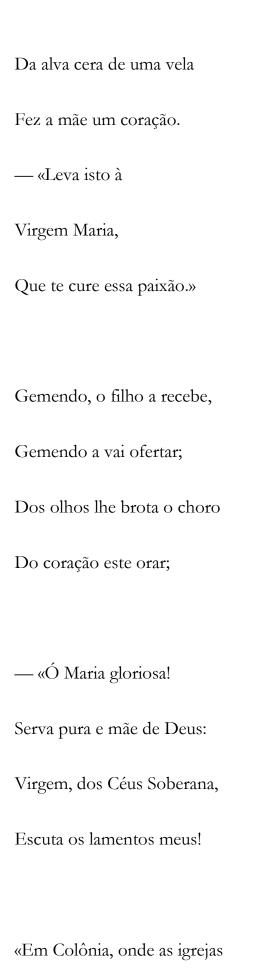
Sabe a Virgem consolar.»	
Já se ouvem os sacros hinos,	
Da cruz flutua o pendão;	
Em Colônia sobre o Reno	
Vai passando a procissão.	
E a mãe e o filho acompanham	
A turba que segue o andor	
Dizendo em coro com ela:	
— «Glória a ti, Mãe do Senhor!»	
	II

Como a Senhora está linda

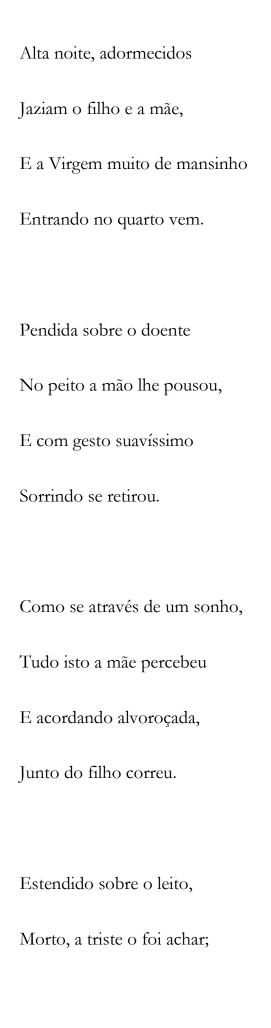
Com o seu mais rico vestir!

Correm-lhe em chusma os doentes

Muito tem ela que ouvir!
Todos lhe trazem promessas
Com ferventes devoções:
Membros, pés e mãos de cera,
Jazem no altar aos montões;
Quem lhe der um pé de cera,
Logo do pé sarará;
Quem mãos de cera lhe ofereça,
A mão curada verá.
Mancos, que à romagem foram,
Vêem-se na corda saltar;
Outros de mãos aleijadas,
Destros agora a tocar.



Se podem contar às cem,
Os meus dias descuidado
Passava com a minha mãe.
«E junto de nós vivia
Margarida a que morreu
Dou-te um coração de cera,
Cura as feridas do meu!
«Cura minha alma dorida,
Que eu com devoto fervor
Direi de dia e de noite:
— «Glória a ti. Mãe do Senhor!»



Andava-lhe a luz da aurora

Pelas faces a brincar.

Vendo-o assim, a mãe piedosa

Juntou as mãos com fervor

E em voz baixa disse, orando:

— «Glória a ti, Mãe do Senhor!»

Abril de 1864

#### **METEORO**

Não a viram passar? Era no Outono; Quando languesce a flor, quando na selva Se cala o rouxinol e ao abandono Jazem as folhas na crestada relva. Não a viram passar? As altas neves Revestiam das serras as cumeadas, E em vez das brisas perpassando leves, Assopravam violentas as rajadas. No meio da tristeza destas cenas, Ela só, muda e pálida, sorria, O seio a anuviar-se-lhe de penas, O rosto a iluminar-se de alegria.

Não a viram? Passou. A natureza

É outra vez de galas revestida,

Mas minha alma é coberta de tristeza

Como naquele instante da partida.

Setembro de 1860

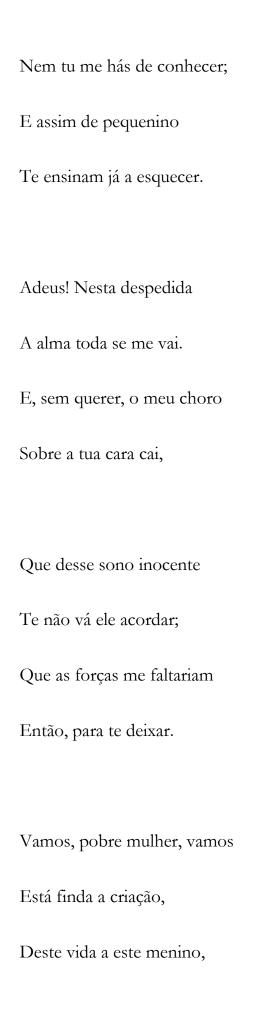
#### DESPEDIDA DA AMA

(A meu primo e amigo J. J. Pinto Coelho)

Adeus filho do meu peito,
Que do meu peito nutri
Parto. Vou deixar-te, filho,
Ai, que farei eu sem ti?!
Adeus! Já quando acordares
Chorando não me verás;
As noites a acalentar-te
Outra voz escutarás.
Que amor te ganhei, meu filho!
Que triste amor este meu!
Se assim tinha de deixar-te,
Pra que tanto te quis eu?

Os teus primeiros gemidos Tua mãe não quis ouvir; E a mim, que os calei com beijos, Mandam-me agora partir! Pus à volta do teu berço Todo o amor que um seio tem, E arrancam-te dos meus braços, Porque eu não sou tua mãe! Os teus vagidos de infante Fui eu quem os sosseguei; Carinhos que semeava, Para a outra os semeei!

Parto. Dentro em pouco, filho,



Não lhe dês o coração.
O coração? Quem to pede?
Pedem-te o leite, não mais.
Vamos, pobre mulher, vamos,
Que o acordas com os teus ais!
Adeus filho da minha alma,
Os teus carinhos não são meus,
O choro corta-me a fala,
Mal posso dizer-te adeus.
Março de 1865

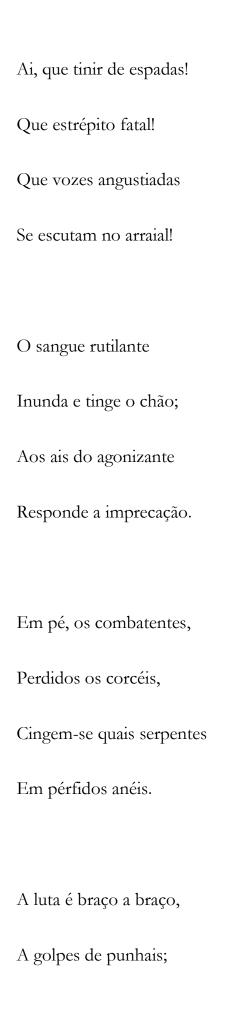
## NO ALTAR DA PÁTRIA

(Ao meu amigo João Marques Nogueira Uma)

I
Tinge do oriente as serras
O matutino alvor;
E do clarim das guerras
Se ouve o mortal clangor.
— «Ai, grata paz dos lares,
Adeus, força é partir.
Ó sombra dos pomares!
Ó rosas a florir!
«As hostes reunidas
Chamam-me a combater,
Ai, longas avenidas,

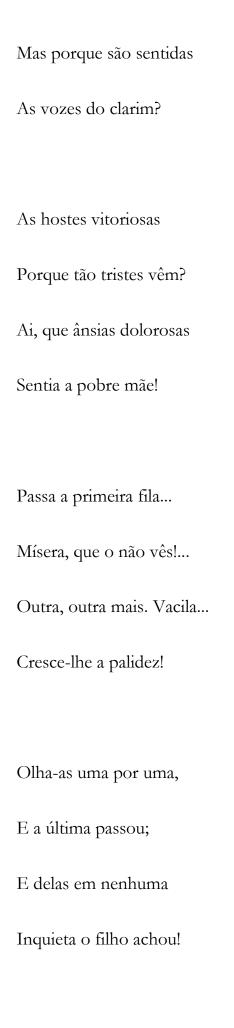
Tornar-vos-ei a ver?
«Adeus, loucos amores!
Adeus, beijos febris,
Adeus, mudos verdores,
Que em sombras os encobris.»
— «Ó mãe, dá-me uma espada
Oiço da Pátria a voz!»
— «Ei-la. É imaculada,
Era a dos teus avós!»
— «Pura a trarei, voltando
Se não morrer ali.»
— «Vai! disse a mãe, chorando,
Eu rezarei por ti.»

— «Filho, meu filho, espera!	
Não me ouve já. Partiu!»	
E o ardor que a sustivera	
De todo se extinguiu.	
II	
No campo já se escuta	
Das alas o marchar.	
Que agigantada luta	
Além se vai travar?	
Dá-se o sinal! Furiosas	
Partem as legiões;	
Encontram-se raivosas	
Bramem como os leões.	



A luta é peito a peito,	
Terrível e cruel!	
Às cãs não há respeito,	
À dor não há quartel!	
	III
Findou! Tranquilo é tudo	
Findou! Tranquilo é tudo Já tudo emudeceu.	
•	
Já tudo emudeceu.	
Já tudo emudeceu. O campo é triste e mudo;	
Já tudo emudeceu. O campo é triste e mudo;	

Se caem de cansaço,



E o céu mais se escurece; O campo é envolto em pó; E a triste permanece Absorta, muda e só! IV Que solidão de morte! Que erma a planície jaz! Dorme no campo o forte, Sono de glória e paz. Dorme a valente raça De intrépidos heróis! Cegos, ao sol que passa Saúdam novos sóis.

Que sepulcral figura Se adianta além subtil; Tão cheio de amargura O gesto e o olhar febril! À ensanguentada arena Os passos seus conduz; Raiou sobre esta cena Da Lua a tarda luz. Súbito em desvario Solta um sentido ai, Junto a um cadáver frio Desfeita em choro cai. «És tu! és tu? ai, filho!

Ai, como te encontrei!

Como estão já sem brilho

Os olhos que eu beijei!

«Vai, sombra idolatrada,

À tua Pátria, aos Céus!»

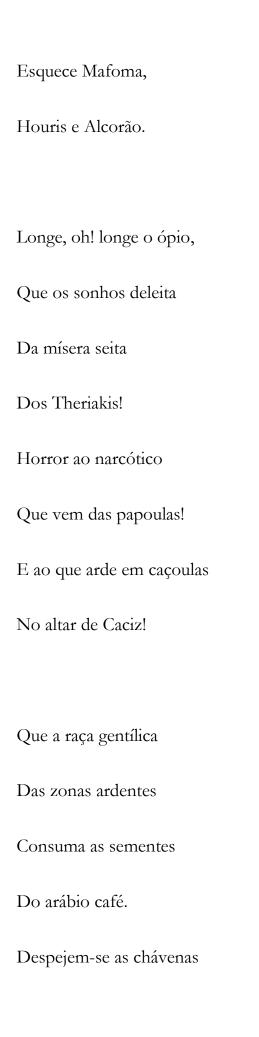
Cinge-lhe ao peito a espada;

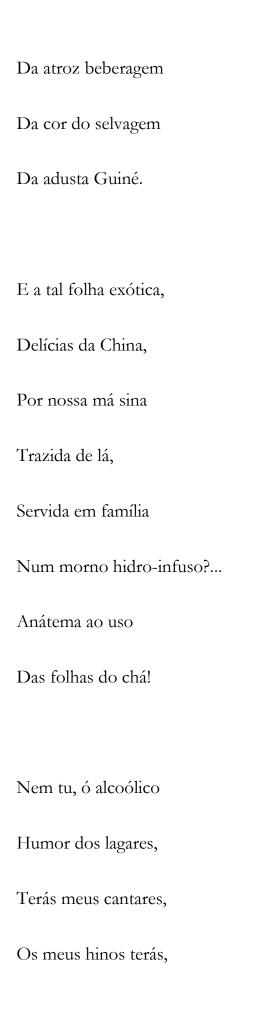
Morre ao dizer-lhe: «Adeus!»

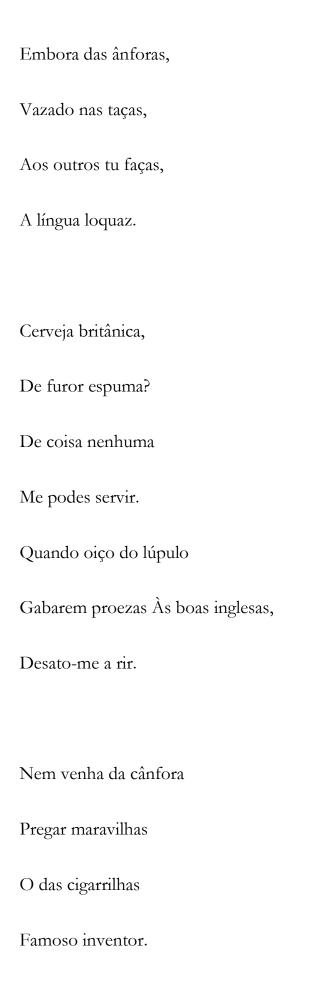
### HINO AO TABACO

De nuvens de fumo,
Um deus me presumo,
Um deus sobre o altar!
Nem doutros turíbulos
Me apraz tanto o incenso
Como o deste imenso
Cachimbo exemplar!
Em divas esplêndidos,
Em divas esplêndidos, Cruzadas as pernas,
^
Cruzadas as pernas,
Cruzadas as pernas, Fuma, horas eternas.

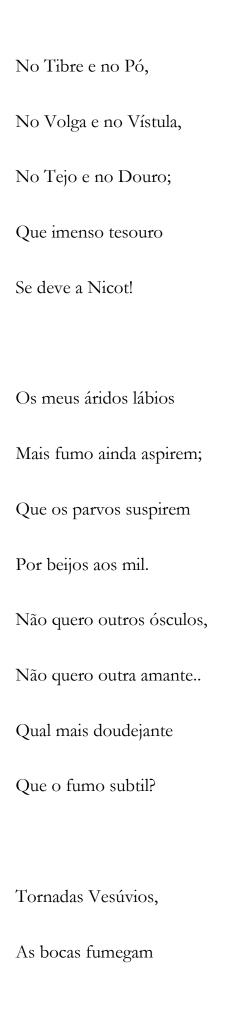
No centro dos círculos







Raspail é cismático
E eu sou ortodoxo
O seu paradoxo
Não me há de ele impor.
O meu canto é da América,
País do tabaco,
Perante o qual Baco
O seu cetro partiu.
A Europa, Ásia e África
E a Terra hoje toda
Este herói da moda
De fumo cobriu.
Até na Lapónia
Da gente pequena,
Se fuma; e no Sena,



De nuvens que cegam
Vomitam montões.
Fumar! Oh delícias!
Prazer de nababo!
E leve o Diabo
Do mundo as paixões.

## TERESA

(A minha sobrinha Ana C. Gomes Coelho)

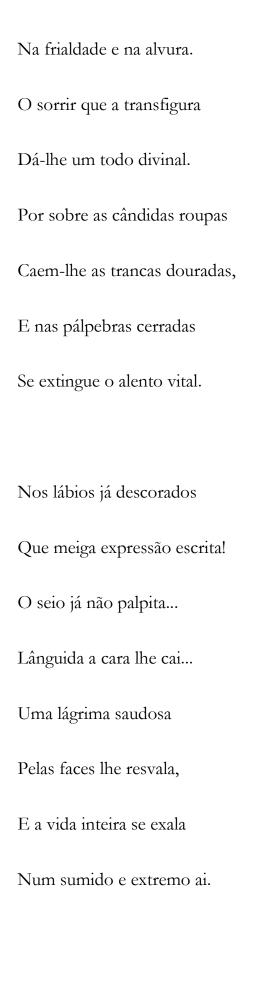
Era uma criança loura
Quando a conheci pequena;
Mais branca do que a açucena
E pronta sempre a chorar.
Havia naqueles olhos
De um certo azul esvaído,
Não sei que oculto sentido
Que me fazia pensar.
Quantas vezes, ao pé dela,
Correndo-lhe a mão nas trancas,
Eu lhe disse: «Tu não danças,
Como vês dançar as mais?»
Ela olhava-me e sorria,

Sorria, mas suspirava, E ainda mais triste ficava, Como nem imaginais. Meu Deus, que criança aquela! Que tão precoce tristeza! Dizem-lhe um dia: «Teresa Sabes? A tua mãe morreu.» Fez-se pálida de morte... E, levando as mãos ao seio, Ia a falar, mas, no meio, Reprimiu-se e emudeceu. E desde então nunca a viram Mais com as suas companheiras; Ficava-se horas inteiras À sombra do laranjal.

Surpreendiam-na sozinha Com os olhos fitos no espaço E esfolhando no regaço As rosas do seu rosal. As brisas, gemendo tristes Por entre a verde folhagem, Segredavam-lhe a linguagem Sonora da solidão. Essas mil vozes do campo, Todas ela compreendia, Que fadado para poesia Fora aquele coração. Ai, que infância tão de gelo! Que madrugada da vida! Ai, pobre alma estremecida

Pelas saudades da mãe! Quantas vezes, alta noite, A triste julgava vê-la Em cada fúlgida estrela Que o firmamento contém! Um dia, ao cair da tarde, E de uma tarde de Outono, Acordou de um brando sono E pôs-se a rir para mim. «Já sorris? És salva, filha, Enfim!» E a beijei contente. Olhando-me ternamente Ela repetiu: «Enfim!» Enfim!... mas que triste acento Nessa palavra vertera!

Foi como que se dissera À vida um último adeus. Era como um grito d'alma, Rompendo a prisão que a encerra, E partindo-se da Terra Pra fundir-se nos Céus. Iluminavam-lhe as faces Os raios de estranho fogo. Ao vê-la compreendi logo Tudo o que se ia passar. «Teresa, que tens? Responde.» Disse, cingindo-a ao meu peito; E ao levantá-la do leito Assustou-me aquele olhar. As faces são-lhe de neve



Era uma criança loura

Quando a vi na sepultura,

Da açucena tinha a alvura,

Teve seu curto durar.

Daqueles olhos serenos

De um certo azul esvaído,

Ai, fatal era o sentido

Que me fazia pensar.

#### NUM ÁLBUM

Se exigirem perfumes às flores

Pra tecerem com elas grinaldas,

Não procurem do monte nas fraldas

A modesta e inodora cecém.

Se igualmente desejas, amigo,

Para aqui mais que versos, poesia,

Antes deixes a folha vazia,

Pois meus versos poesia não têm.

### SONHO

# (DE H. HEINE)

Sonhando, chorei. Sonhava
Que morta te estava a ver.
Acordei: ardentes lágrimas
Senti nas faces correr.
Sonhando, chorei. Sonhada
Que tu me querias deixar.
Acordei: amargamente
Fiquei depois a chorar.
Sonhando, chorei, Sonhava
Que esse amor ainda era meu.
Acordei: corre o meu choro
Como ainda assim não correu,

#### A NOVIÇA

«Oh! vem, querida irmã, do santuário do templo,

Já desce a receber-te o celestial Esposo.

Vem ser da nossa fé sublime o vivo exemplo;

Vem, deixa sem pesar do mundo o falso gozo.

«Vem; dos círios à luz, ao som de alegres hinos,

Cinge o hábito escuro, emblema da humildade,

E, abrasada no ardor dos teus estos divinos,

Despe, ao entrar no claustro, as galas da vaidade,

«Esposa do Senhor, virgem cândida e pura,

Do teu noviciado expiram hoje os dias.

Não tremas ao fitar as portas da clausura;

Também na estreita cela há brandas alegrias.»

Assim das monjas soa o religioso canto:

Juntas, em procissão pelas extensas naves,

Espalham-se na igreja as vozes do hino santo,

Melancólica voz de aprisionadas aves.

Caído o longo véu por sobre a cara airosa

Caminha lentamente a pálida noviça;

Nos olhos lhe fulgura uma aura misteriosa,

Um como cintilar de lâmpada mortiça.

Sobre os degraus do altar humilde se ajoelha

E ao culto fervorosa as trancas sacrifica.

«Recolhe-te ao redil, imaculada ovelha,

Os teus tesouros d'amor nas aras santifica.»

E o coro ergue outra vez o ritual hosana,

Entre nuvens de incenso, à voz do órgão sagrado;

Responde-lhe o rezar da multidão profana, Que transpôs curiosa o pórtico elevado. A cerimônia é finda; a monja de joelhos Permanece, inclinada a face sobre a terra; Era no ocaso o Sol; e os seus clarões vermelhos Vinham tingir o altar, tingindo ao longe a serra. Longo tempo ali esteve, as pálpebras descidas. Imóvel, silenciosa, em êxtase absorta. Ergueram-na afinal as monjas comovidas: Doloroso mistério... a pobre estava morta! Julho de 1865.

#### O CASTIGO DE DEUS

Terminara a peleja. Ensanguentado Jaz o campo da atroz carnificina: Um sinistro clarão avermelhado Do exército ao longe a marcha ensina. O incêndio, a ruina e a feroz matança São as relíquias da já finda guerra. Ai dos vencidos! Gritos de vingança, Perseguem os fugidos pela serra. Ai dos vencidos! A furiosa plebe Erra nos campos com medonha grita; Não dá quartel, piedade não concebe; Um cruento furor a move e agita.

Corre em tropel, corre ébria de vitória, Arrastando os cadáveres despidos. Maculando os lauréis da sua glória Na lama, envolta em sangue dos vencidos. Num vale retirado, umbroso, oculto, Estorcia-se um velho agonizante. Ouve em delírio, um hórrido tumulto, Qual de demônios infernal descante. Com o rosto alterado, o olhar extinto, Pálida a cara, sem vigor, já fria. «Ai, que sede cruel esta que sinto! Água, dai-me águal» diz. Ninguém o ouvia.

«Água, dai-me água!» brada com voz rouca,

Que se lhe prende na árida garganta.

Ao longe, a turba, numa orgia louca,

Hinos blasfemos, implacável, canta.

No delírio violento, que alucina,

Julga-se às vezes de um regato à borda;

Bem-diz, chorando, proteção divina,

Mas ai, que cedo deste sonho acorda.

Acorda, e vê-se à beira de um abismo;

Queimam-lhe os lábios qual ardente frágua,

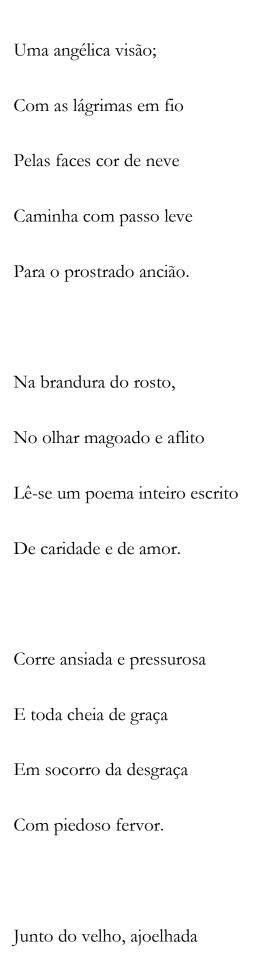
E a custo, em terrível paroxismo,

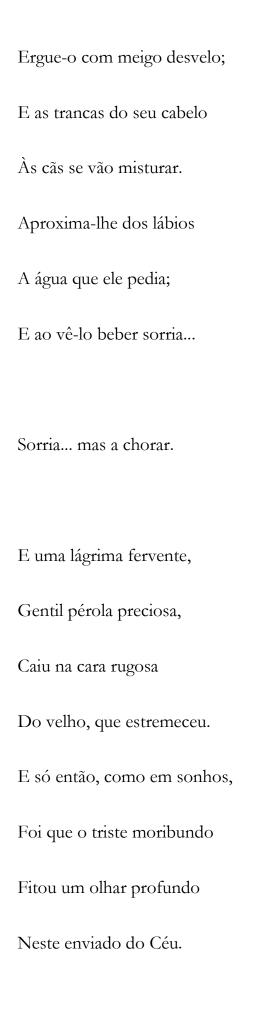
Sufocado repete: «Água, dai-me águal»

Como se Deus escutasse

O grito do agonizante,

Surge do velho diante





Ela sorrindo-lhe meiga,

Ao vê-lo assim admirado

Lhe disse: «Velho soldado,

Bebei, coitado, bebei.

Há dez anos, nestes sítios,

Como vós, velho, ferido,

O meu pai estremecido,

Após a guerra encontrei.

«Como o vi, meu Deus! Já frio,

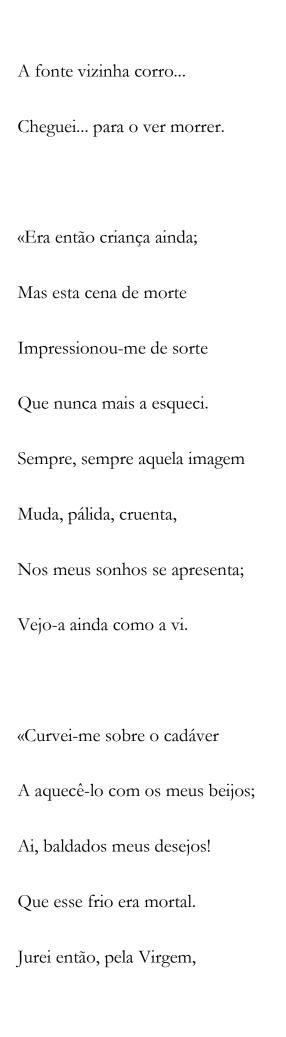
Já com a vista embaciada,

A cara roxa, gelada,

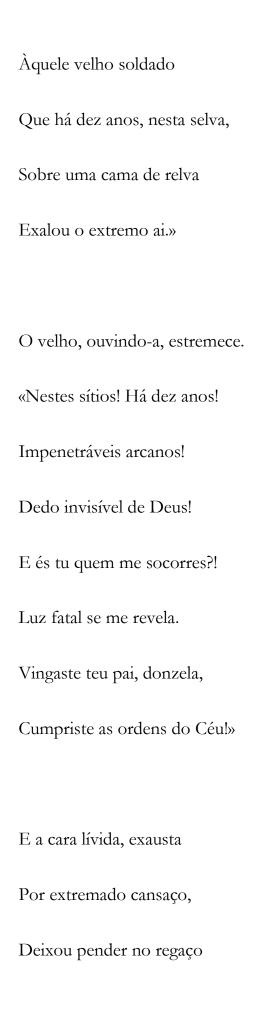
Os lábios em fogo, a arder.

«— Água! — bradava convulso;

— Água! — que de sede morro!»



No fervor da minha mágoa, De correr sempre com água Pelas tendas do arraial. «Quantas vezes à blasfémia, Que o delírio ao peito arranca, Esta água, que a sede estanca, Bendita por Deus, pôs fim!... Quantos nobres cavaleiros, Quantos jovens, quantos velhos, Eu vi cair de joelhos, Soluçando ao pé de mim! «A cada sede que estanco, A cada dor que mitigo, Parece-me que consigo Matar a sede ao meu pai,



Da pobre órfã que a sustem. Um supremo olhar de angústia Nela por momentos fita; Nela, que o encara aflita Como carinhosa mãe, «Morre em paz, velho soldado, Por mim meu pai te perdoa, Se a hora extrema já te soa, Podes alegre partir. Que seja esta gota de água A que te lave do crime; Possa esta dor, que te oprime As tuas culpas remir!» E ao longe a turba infrene tripudiava Sobre o cruento campo da matança;

Dos homens a vingança ali reinava.

Reinava aqui de Deus só a vingança.

## NO BAILE

Ia o baile a findar. Nas vastas salas, Que o fulgor de mil cirios ilumina, Soam da orquestra as notas harmoniosas A convidar a derradeira valsa. O seio a arfar, as trancas em desordem, Os ombros nus, o gesto requebrado. Como estrelas cadentes, as valsistas Em veloz turbilhão girando, passam. Nos dourados espelhos se reflete Todo o encanto da cena. Novos mundos Luminosos, florentes, dali surgem Longe e ao longe se estendem sem que possa Encontrar-lhes limite a vista errante.

Tudo se move e agita, aqui e em torno.

Confunde-se a ilusão com a realidade;

Cingem-se ao peito virgens palpitantes,

E vêem-se fugir, fugir, sorrindo,

No fantástico mundo dos espelhos;

Outras se lhe sucedem.

Que segredos!

Que segredos d'amor nesses olhares

Lânguidos, desvairados, expressivos!

Que segredos traídos na imprudência

De um aperto de mão involuntário!

Que mudas confidencias eloquentes!

Que indiscretos suspiros! um momento

Traiu as longas, tímidas reservas

De castas namoradas. No delírio

Em que a valsa lasciva as arrebata,

Já nem sabem fingir, dissimulando,

Em frias aparências, os ardentes

Estos do coração, rendidos a amores.

Soltam-se-lhes as flores do cabelo.

E esfolhadas no pó, são esquecidas.

Ai, descuidosas virgens, que não vedes

No destino da flor vosso destino!

Esquecidas as tristes! Já sem viço,

Sem os encantos já do aroma e cores,

Quem se lembrará delas? Quem, sensível,

As erguerá do chão, murchas, calcadas,

Se vós as desprezais assim? Mas ide,

Ide, voai, ligeiras borboletas!

Ide, voai nas asas da harmonia!

Embriagadas d'amor, correi... mais tarde,

Como essas flores que por vós... Mas longe,

Longe uma ideia negra, no momento

Em que o prazer vos foge. À valsa! à valsa!

Mais rápida! mais rápida! Nas salas

Já desmerece o refulgir das luzes.

Mais rápida! Convulsos, enlevados

Giram os pares em redor.

Que febre! Que febre de volúpia os alucina!

Mais rápida! A vertigem se apodera

Dos sentidos. Estreitam-se os braços,

E os lábios inflamados, quase, quase

Em êxtase d'amor se tocam.

Vede-a! A alvoroçada turba de formosas,

Louras, morenas, cândidas, lascivas,

Quais rosas soltas de variadas cores.

Em vórtice fatal arrebatadas

De profunda voragem, assim passam!

Que mágico poder as enlouquece?

Em que órbita de luz volvem sem tino?

Que vista as seguirá, que fascinada

Não vacile também? ainda mais rápida!

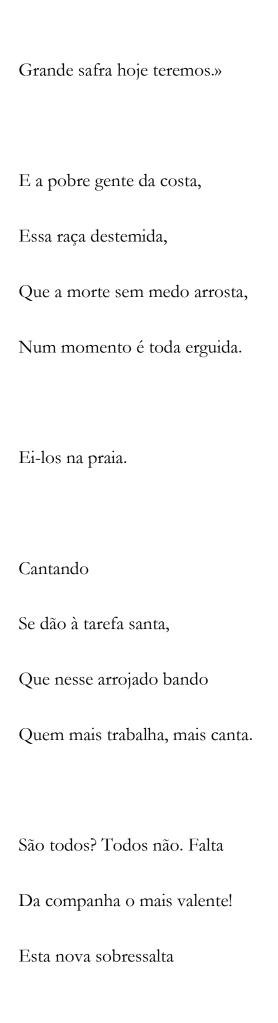
Mais e mais 'té que exaustas de cansaço

Caiam, talvez sem vida, as imprudentes.

## TERÇA-FEIRA

Ι

Rompera a manhã sombria,
Destas que fazem tristeza;
Em perfeita calmaria
Repousava a natureza.
Repousava. As ondas mansas
Vinham quebrar-se na areia.
Que mar tanto de esperanças!
Que enganadora sereia!
O arrais, correndo os palheiros,
«Ao mar!» grita. «ao mar, aos remos !»
«Para as lanchas, companheiros;



Que a primeira vez seria.
Em qualquer lance imprevisto
Quem tanto nos valeria?»
Tudo pára, tudo hesita,
Mãos nos remos, mão no leme;
Que o seio a muitos palpita,
Que a muitos a mão já treme.
II
Ora, no pobre palheiro
Do pescador que tardava,
Eis que ao alvor primeiro

O peito daquela gente.

«Partir sem ele! Por Cristo,

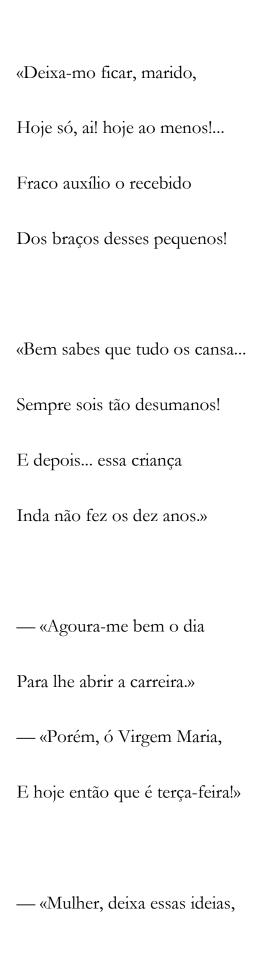
Desta manhã se passava:
Ele acordara, e na esposa,
Que ao lado dorme tranquila,
Repousa a vista amorosa,
E ao despertá-la, vacila.
Vacila — se é tão suave
Aquele dormir ! tão brando!
Mas não sei que ideia grave
Lhe está na mente pesando.
Ternamente ao seio a aperta,
E lhe diz com gesto ameno:
— «Mulher, teu filho desperta,
Acorda-me esse pequeno.»

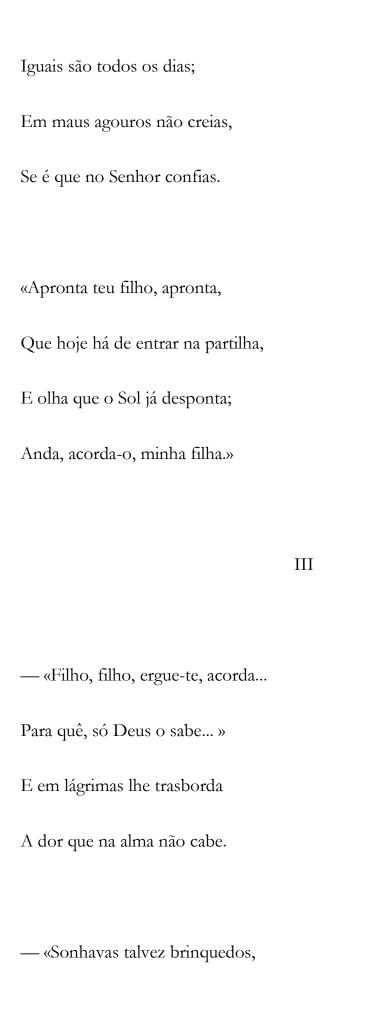
A jovem mãe estremece
— «Que acorde meu filho, dizes!
Deixa-o dormir. Deus lhe desse
Sempre assim sonos felizes.»
— «Acorda teu filho, acorda,
Tal dormir não é para ele;
Tempo é que da lancha à borda
Como os outros também vele.»
— «As lanchas! ao mar! pois queres?»
E a mãe empalidecia.
— «Nesta vida de mulheres
Não é que um homem se cria.»
— «Mas tão novo!» — «Inda mais novo
O meu pai me levou consigo.»

— «Mas... —já se fala entre o povo «Do rapaz». — Mas ouve, amigo... » E a voz trêmula e chorosa Quase em choro se afogava. Curvara-se ao mar a esposa, Mas a mãe, essa, hesitava. Hesitava, que se lhe ia A alma toda, dando aos mares O filho, a sua alegria, O lume dos seus olhares. — «Ouve», murmura, chorando «Por Deus te vou pedir isto!»

E depois, em tom mais brando,

«Em nome de Jesus Cristo!

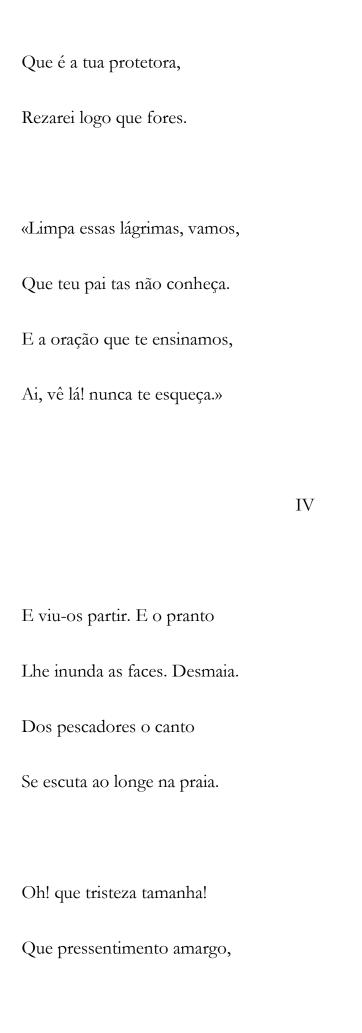




Pois que sorrias dormindo; Verás brincar nos rochedos Esse mar que está bramindo. «Vai ainda quente do berço, Inda quente dos meus beijos, Para um mundo bem diverso Do sonhado nos meus desejos. «Vai, tu que sempre dormiste Ao som das minhas cantigas, Dormitar à canção triste Dessas ondas inimigas. «E sorris, anjo querido, Ao passo que eu choro tanto, Pois não sabes o sentido

Deste doloroso pranto?
«Não sabes que se me parte
O meu coração no peito
Ao vir assim acordar-te
Do teu sossegado leito?
«Não sabes que a minha vida,
Pobre filho, vai contigo,
E que nesta despedida
Trocas para sempre este abrigo.
«Este abrigo do meu seio,
Por perigos e cansaços?!
Não sei, não sei que receio
Ao tirar-te dos meus braços.

«Choras, filho? Ai, não, não chores, Que me tiras todo o alento; Já me bastam minhas dores, Basta-me o meu pensamento. «Deus é bom. Nem sempre os mares Se alevantam com tormentas. Não chores, que se chorares, O meu pesar acrescentas. «Sossega. Esta cruz benzida Leva contigo, e descansa, Pois quem é tão bom na vida, Deve em Deus ter confiança. «Vai, que eu à nossa Senhora, Àquela Virgem das Dores,



Quando as lanchas da companha Se fazem, remando, ao largo! Junto à imagem de Maria Esta outra mãe dolorosa De joelhos todo o dia Lhe ergue preces, fervorosa. «Ó Mãe de Deus, luz divina, Que ilumina as nossas almas! Ó estrela matutina, Que as tempestades acalmas! «Baixa à Terra esses olhares, Nossa única esperança, E, voltando-os sobre os mares, Protege aquela criança.

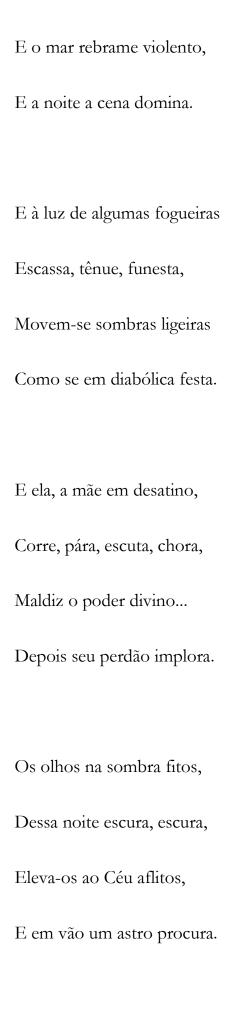
«Compadece-te, Senhora, Destas lágrimas sentidas; Estende a mão protetora Sobre aquelas pobres vidas. «Vê que me andam sobre as águas Todos quantos estremeço. Mãe, que entendes minhas mágoas, Diz se essas vidas têm preço! «Pela angústia que sentiste Junto da cruz, ó Maria, Vale-me nesta hora triste, Vale-me nesta agonia.»

No meio de ardente prece

Ergue-se inquieta, palpita,
Fitando o céu, que escurece,
Ouvindo o mar, que se agita.
Era ao tempo das Trindades:
As aves, que pressagiam
O chegar das tempestades,
Amedrontadas gemiam.
A mãe segue na carreira
Uma vaga e outra vaga.
«Terça-feira! terça-feira!»
Lhe diz uma voz pressaga.

V

Já treme. Os olhos velados, Onde a angústia se revela, Pelos mares agitados Não descobrem uma vela. E as nuvens correm velozes, E o vento revolve a areia. Já se ouvem confusas vozes Na praia de gente cheia. Velhos, mães, tristes esposas, Crianças nuas, em choro, Altas vozes, lastimosas, Erguem num sinistro coro. Que cena! e redobra o vento, E condensa-se a neblina,



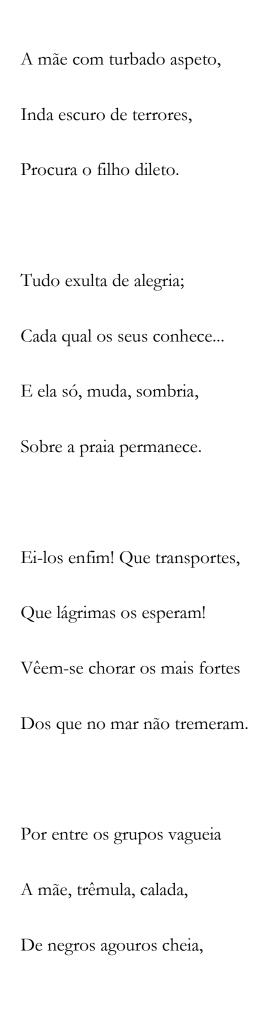
E o raio, que as trevas densas De vez em quando devassa, Mostra-lhes vagas imensas, Negros abismos, e passa. Só à luz da madrugada Se acalma a brava tormenta. Que noite em ânsias passada, Tão pavorosa! tão lenta! O céu reflete nas águas A cor azul de bonança.

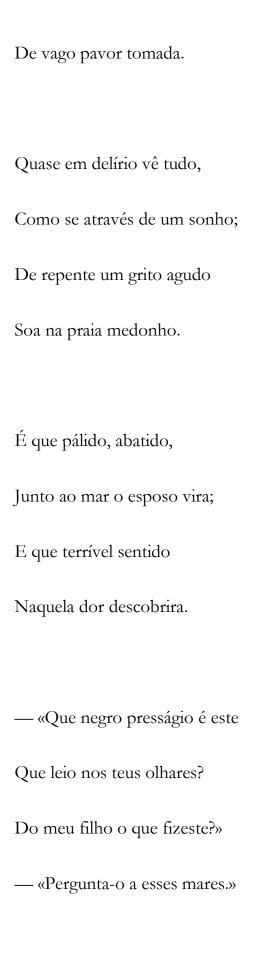
E vai sanando as mágoas

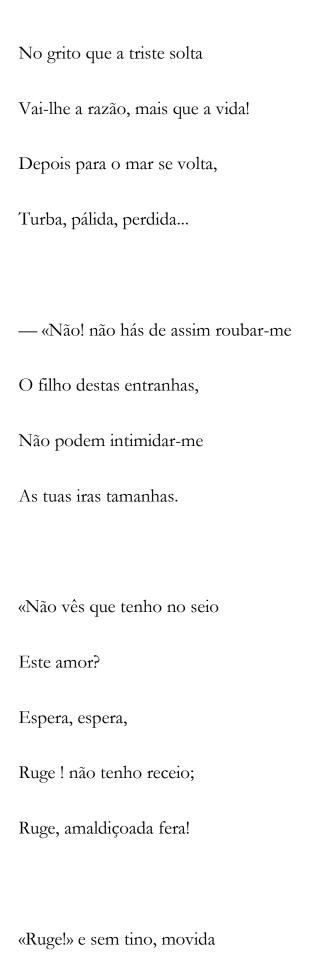
A branda luz da esperança,

VI

— «Barcas ao longe! não vedes!
Oh! que alegria tamanha!
Deus abençoou as redes,
São as lanchas da companha.»
Crianças, mulheres, velhos,
Ao ouvirem este grito,
Todos, todos de joelhos
Cantam piedoso Bendito.
Ei-las vêm! Braços valentes
Afeitos àquela guerra,
Cortando os mares frementes
As impelem para a terra.
Na turba dos pescadores

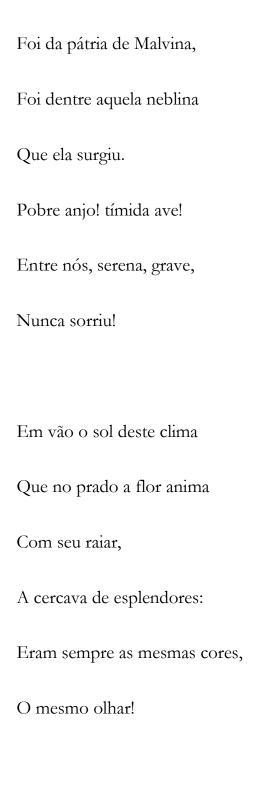




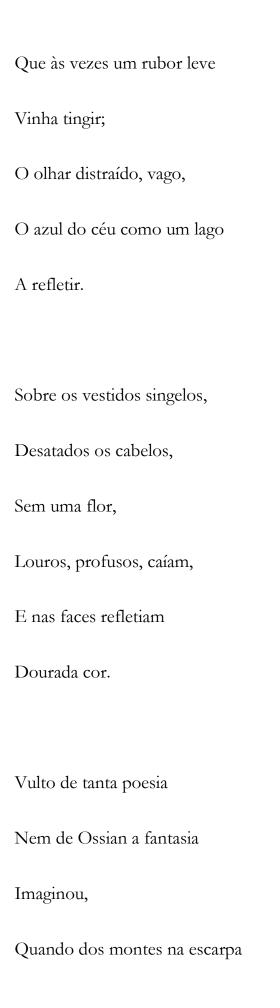


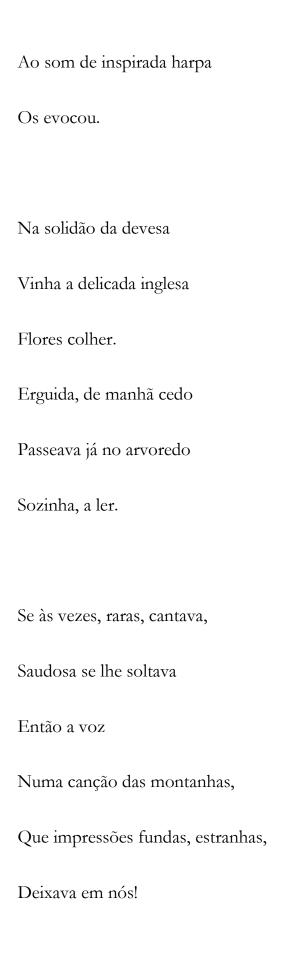
Da alucinação que a agita, Rompendo em veloz corrida, Nas ondas se precipita. Em vão lhe açodem, que forte O filho às vagas disputa. Era um combate de morte! Era uma tremenda luta! E na manhã do outro dia Viu-se na praia arrojada A mãe, que, morta, sorria Do filho ao corpo abraçada.

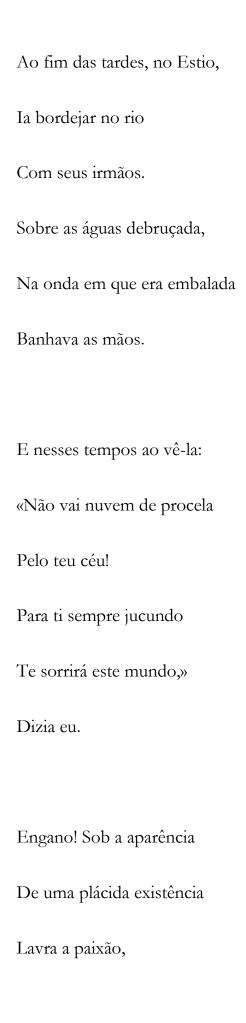
## A INGLESA

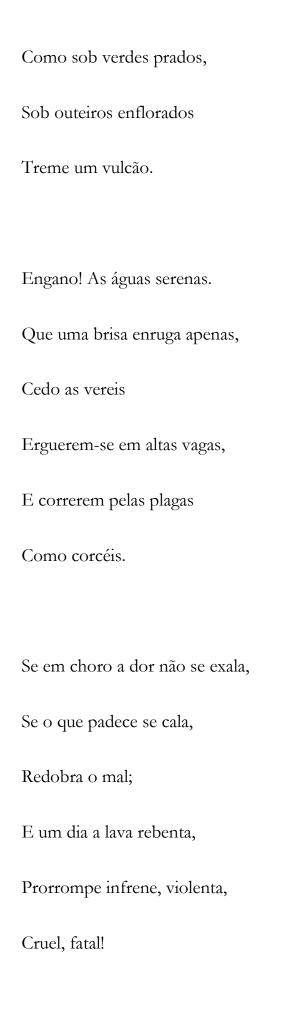


A cor da alvura da neve

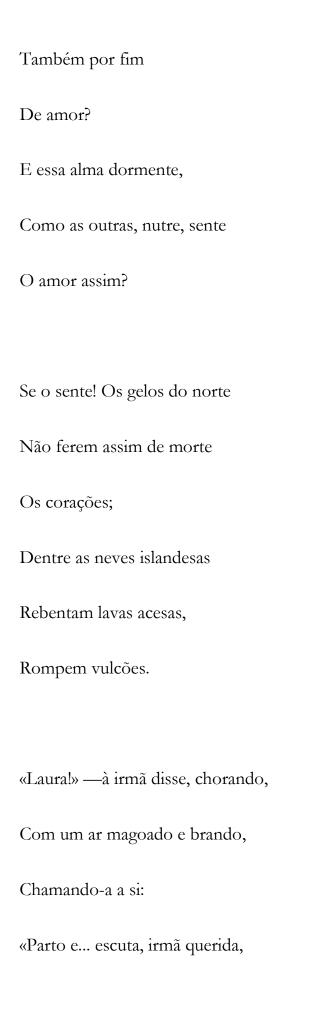


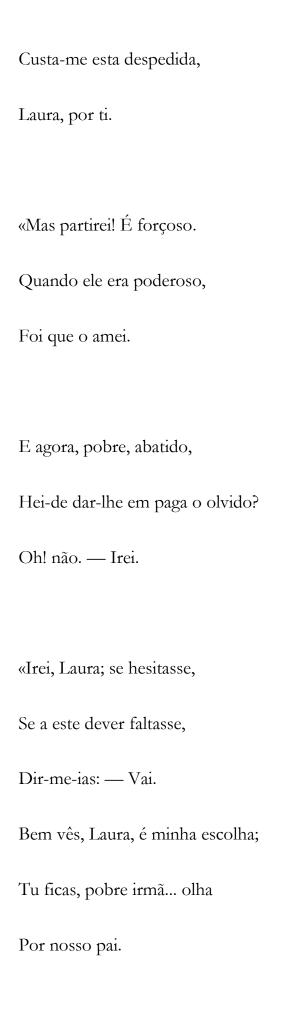


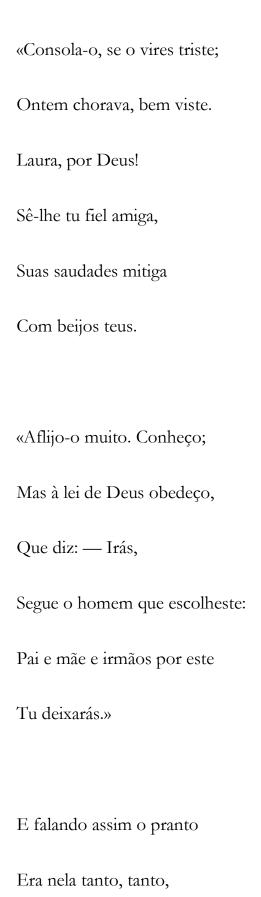


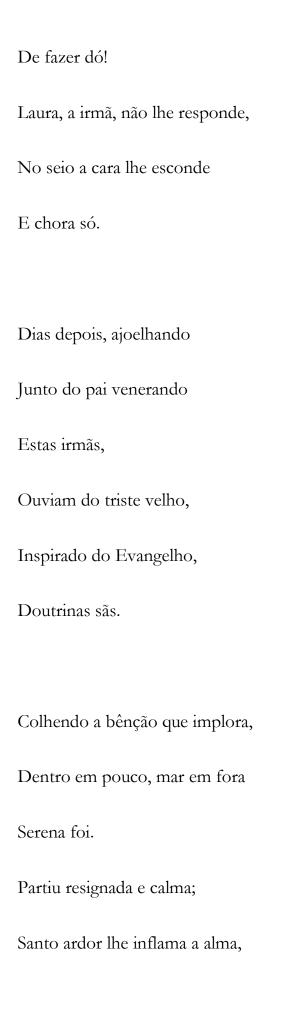


De uma vez, na Primavera,
Mais cedo ao parque viera
Com sua irmã;
Como as árvores frondosas
Sussurravam tormentosas
Essa manhã!
Ambas de branco vestidas,
Mãos dadas, caras pendidas,
Pálida tez.
Ao som da espessa folhagem
Falavam terna linguagem
De amor talvez.
De amor? Pois naquele seio
Esse fogo atear-se veio









Alma de herói.
E hoje, ai, hoje por onde erra
Essa filha de Inglaterra?
Quem sabe lá!
Quem na memória a conserva?
Cresce alta no parque a erva
Há tanto já!

#### AMEL E PENNOR

### (IMITAÇÃO)

Longe, longe daqui, nas costas da Bretanha, Poético país, que um mar sinistro banha, Vivia, há muito tempo, um pobre pescador, Que se chamava Âmel, com a mulher Pennor; Tinham eles um filho, uma criança loura, Um anjo que o porvir dos pais enflora e doura. Ao voltarem a casa, alegres todos três, Na praia os surpreende a noite de uma vez. Subia o mar veloz, medonho, ingente, forte! Nesse tempo as marés eram vivas. A morte Sobre as vagas boiava, indómita, cruel! Olhando para a esposa, assim lhe diz Âmel: — «Pennor, vamos morrer! A vaga se aproxima! Viverás mais do que eu! Ânimo! Sobe acima

Dos ombros meus, mulher. Pousa-te bem. Assim.

E ao veres-me sumir... ai, lembra-te de miml»

Pennor obedeceu. Firmando-se na areia,

Desaparece Âmel na onda que o rodeia.

— «Âmel, bradava a esposa; ai, pobre amigo meu!

Qual de nós sofre mais? — tu, que morres, ou eu,

Que te vejo morrer?» — E a vaga, que crescia,

O corpo da infeliz no vórtice envolvia.

Olhando para o filho, assim lhe diz a mãe:

- «Filho, vamos morrer! Olha a maré que vem!

Viverás mais do que eu! Vá! filho, vá! coragem!

Sobe aos meus ombros, sobe; e ao tragar-me a voragem,

Ai, lembra-te de mim e do teu nobre pail»

E o mar a submergiu. Chora a criança, e vai

Pouco a pouco afundir-se. À flor de água revolta,

Apenas já flutua a trança loura e solta...

Uma fada passou sobre o afrontado mar,

Viu aquele cabelo assim a flutuar,

Estende a mão piedosa, e, segurando a trança,

Com ela atrai a si a pálida criança.

E sorrindo dizia: — «Ai, que pesada que és!»

Mas viu cedo a razão: ainda segura aos pés

Do filho estremecido, a pobre mãe começa

A erguer da onda também a húmida cabeça.

Sorriu a boa fada ao ver assim os dois!

E repetiu ainda: — «Ai, que pesado sois!»

E que, após a mulher, seguia-se o marido

Estreitamente aos pés da terna esposa unido:

Ao vê-lo, ainda outra vez a meiga fada riu,

E leve para a praia o voo dirigiu

Com este cacho vivo, esta humana cadeia,

Cujos elos o amor piedosamente enleia,

#### O CARVALHO DA FLORESTA

Havia na floresta um roble cheio de anos,

Vestido de hera anciã, decano entre os decanos

Dos bosques do arredor. Raízes colossais

Prendiam-no à terra; ao ar descomunais

Os braços elevava, e ao vê-lo assim dir-se-ia

Que aos outros vegetais as bênçãos estendia.

Velho, e ainda a Primavera o vinha requestar;

O Outono desfolhava-o em último lugar;

Opunha ao sol do Estio a fronde espessa e bela;

Respeitava-o no Inverno o raio da procela.

Viu passar gerações após de gerações

Em risos e em choro, em festas e orações;

Viu crianças pedir-lhe a sombra grata e amena

Que, amantes ao depois, naquela mesma cena

Viu a falar d'amor, e no seu tronco abrir

Duas iniciais que liam a sorrir;

E mais tarde ainda os vira, velhos, encanecidos,

Pedir-lhe em vão alento aos lânguidos sentidos,

A repousar ali. A coma erguida ao céu,

De longe se mostrava envolta ainda no véu

De névoas da distância. Ao regressar à aldeia,

Ansiava o lavrador por avistá-lo, e a ideia

De tudo quanto amava o vinha comover:

Do lar, do velho pai, dos filhos, da mulher.

Que olhos de tanto amor, de penas e esperanças

Lhe enviavam também saudosas as crianças

Ao deixarem a casa, a Pátria, irmãos e mãe.

Indo tentar porvir por esse mundo além!

Em que tempo nascera esta árvore gigante?

Que época viu crescer o arbusto vacilante,

Curvando-se por terra a cada viração,

Esse que já nem teme ameaças do vulcão?

Quem o pode dizer? Nas trevas se envolvia

A infância do colosso. E quando acabaria?

Que audaz raio do céu, que convulsão fatal

Por terra lançará o enorme vegetal?

Mas, ai, o que a tormenta e o tempo não consomem

Muitas vezes destrói a ousada mão do homem;

Em vão a tempestade incólume o deixou:

O golpe do machado um dia o derrubou,

E ao braço do homem cai, dos homens o amigo.

Ouvi a narração do caso, que eu prossigo.

É pela madrugada! hora que a amar induz;

Tudo é verdura o campo, o céu é todo luz.

O roble colossal no tronco encarquilhado

Sente a seiva girar. Das aves o trinado

Se ouve na espessa copa, e ao festival clamor

Respondem num sorriso a borboleta e a flor.

Como um velho entretido a ouvir cantar os netos,

Que lhe passam nas cãs os dedos desinquietos,

Assim ele também, vulto austero e senil,

Se compraz a escutar a música d'Abril,

Os trinos e o bater das asas da folhagem,

A turba jovial, da infância alada imagem.

De súbito cessou das aves o cantar;

Param, olham com medo, o chão, o bosque e o ar.

No seio da floresta um som vago se escuta,

Como o rugir do mar quando nas praias luta.

O roble estremeceu, ouvindo: «Que será?

Que sinistro rumor é esse? — Perto já

Se distingue melhor. É um travar de vozes

De alguns homens do campo, alegres e velozes.»

O roble sossegou, e às aves disse assim:

- «Podeis ficar sem medo aqui ao pé de mim,

São amigos que vêm, pobres trabalhadores,

Sobre quem eu estendo os ramos protetores,

Quando durante a sesta, o sol ardente cai.

Aves, não receeis. Amigos são, cantai!

Vede, pararam já. Tenta-os a fresca selva,

O machado, o alvião pousaram sobre a relva.

Vão descansar decerto. Ergueram para aqui

O olhar; a gratidão bem claro neles vi.

Cantai, aves, cantai nos ramos da floresta,

Enquanto eu lhes protejo a procurada sesta.»

### OS PAIS DA NOIVA

Os sinos da aldeia repicam de festa;

Pra ornar a capela de flores viçosas,

As mães das donzelas despojam de rosas

As sebes dos campos, moitas do vai;

O adro é juncado de funcho e espadanas;

À porta do templo festões de verdura;

Dos ninhos ocultos na verde espessura

Prorrompe das aves a voz festival.

O pároco velho, de pé desde a aurora,

Lidava contente por entre os contentes;

As mãos esfregando, entoava entre os dentes

Antífonas sacras, louvores a Deus.

Trabalha na igreja, trabalha no adro,

Nem sente o gravame de oitenta

Janeiros; Não há nessa turba de alegres festeiros

Mais válidos braços, mais fortes que os seus

Mas qual o motivo de azáfama tanta,

Que, desde a alvorada, se nota na aldeia?

Os velhos da terra, não guardam na ideia

Memória que fale de um júbilo assim.

É Rosa, a mais linda cachopa do sítio,

Que um rapaz abastado da aldeia vizinha,

Perdido de amores, ao altar encaminha,

E assim os amores conduz a bom fim.

Rosa, única filha de pais, que, já velhos,

Não têm neste mundo mais outra alegria,

Que a adoram, que a velam de noite e de dia,

A pálida Rosa vai-se hoje casar.

Os pais, de joelhos, em frente da Virgem,

Mil graças lhe rendem, sinceras, piedosas;

Mas, junto com as graças, também vagarosas,

As lágrimas de ambos se vão misturar.

No templo se junta luzido cortejo,

Da gente mais grada daqueles lugares,

Que em honra dos noivos aos sacros altares.

Vestida de festa, com júbilo vem.

O médico, o grave juiz de direito,

O bom mestre-escola, o mestre barbeiro,

Até o fidalgo da encosta do outeiro,

Que às bodas de Rosa não falta ninguém.

O padre com os olhos nublados de choro,

Os noivos prostrados no altar abençoa;

E em voz, que no peito de todos ecoa,

Lhes mostra o caminho que devem seguir.

No adro, à saída, confeitos e flores,

Caindo às mãos-cheias, alastram a estrada,

E Rosa, no braço do noivo apoiada,

As últimas bênçãos aos pais vai pedir.

Ai, pobres dos velhos! debalde procuram

Armar de sorrisos o triste rosto;

Aos olhos o choro lhes sobe incessante;

E o choro, coitados, não sabem reter.

E Rosa, ela mesma, nos braços dos velhos,

Cobrindo-os de beijos, ao seio os estreita;

Depois afastando-se, em lágrimas desfeita,

O adeus doloroso mal pode dizer.

Partiu. Era força. Deus manda que a esposa

Do esposo que escolhe partilhe o destino;

Proscrito que seja, sem lei, peregrino,

Por ele lhe ordena deixa mãe e pai.

Partiu. Desce a noite. Nos montes ecoa

Das ave-marias nota plangente,

Por entre os pinheiros a Lua nascente,

Tingindo o horizonte, já rúbida sai.

Mas, ai, a fogueira na casa dos velhos,

Ainda a essa hora no lar não crepita.

Baixará sobre eles a mão da desdita,

E mudos e imóveis nem sabem de si!

Ao lado um do outro sentados à porta,

Não tiram os olhos da esquina da estrada

Que Rosa seguira de choro orvalhada,

E mudos e imóveis conservam-se ali.

O anjo piedoso, que, ao termo do dia,

Recolhe o perfume das almas saudosas,

Ao ver destes velhos as faces chorosas,

Parou comovido, no voo subtil.

Depois, ajoelhando no trono celeste,

Pediu para eles do Eterno a piedade,

E um brando reflexo daquela saudade

Toldava-lhe o rosto nevado e gentil.

Na igreja da aldeia, volvidos seis dias,

Ouviam-se os sinos dobrar a finados,

E os muros do templo, de crepes forrados,

Das altas tocheiras sorviam luz.

E sobre o ataúde, cercado de incenso,

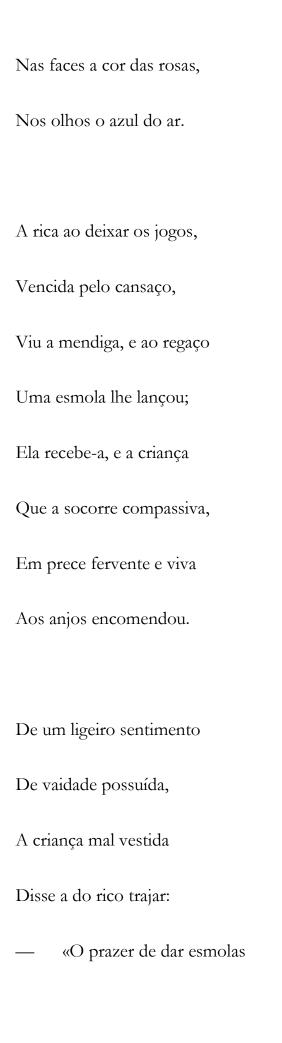
Ao som dos responsos que os padres diziam,

Ao lado um do outro, tranquilos dormiam

Os velhos esposos, ã sombra da cruz.

# A ESMOLA DO POBRE

Nos toscos degraus da porta
De igreja rústica e antiga,
Velha trêmula mendiga,
Implorava compaixão.
Quase um século contado
De atribulada existência,
Ei-la, enferma e na indigência,
Que à piedade estende a mão.
Duas crianças brincavam
A distância na alameda;
Uma trajada de seda,
De outra humilde era o trajar.
Uma era rica, outra pobre;
Ambas louras e formosas;



A ti e aos teus não é dado;

Pobre como és, coitado!

Aos pobres o que hás de dar?»

Então a criança pobre,

Sem mais sombra de desgosto,

Tendo o sorriso no rosto,

Da igreja se aproximou;

E após, serena, em silêncio,

Ao chegar junto da velha,

Descobrindo-se, ajoelha

E a magra mão lhe beijou,

E a mendiga, alvoroçada,

Ao colo os braços lhe lança,

E beija a pobre criança,

Chorando de comoção.

 $\acute{\mathrm{E}}$  assim que a caridade

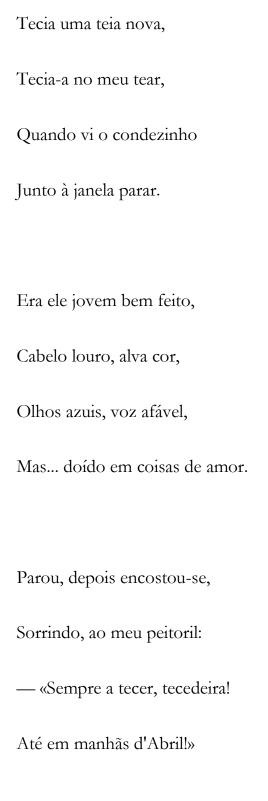
Do pobre ao pobre consola.

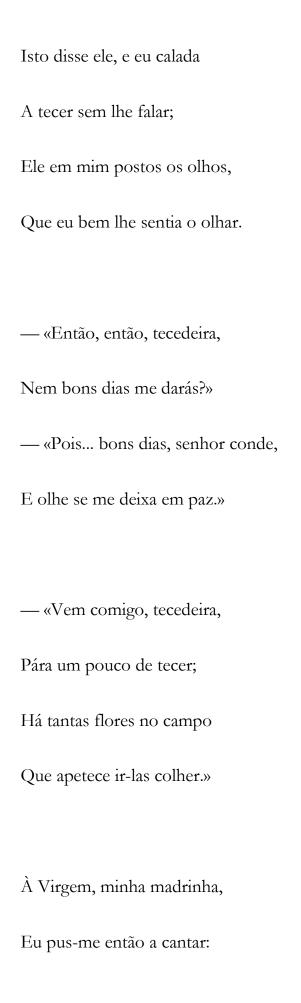
Nem só da mão sai a esmola,

Sai também do coração.

Janeiro de 1869

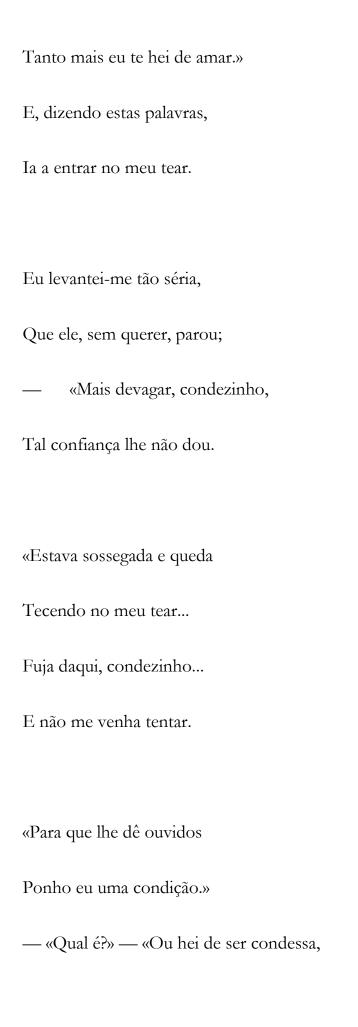
### A TECEDEIRA





— «Nossa Senhora, livrai-nos
De quem nos anda a tentar.»
— «Tentas-me tu, feiticeira,
Tentas-me com o teu rigor;
Tens o coração fechado,
A chave onde a irias pôr?»
— «O meu coração não se abre,
Como vós outros julgais,
Com palavras traiçoeiras,
Com promessas desleais.»
— «Qual é pois, ó tecedeira,
A chave que o há de abrir?»
— «Tem segredo a fechadura,
Que não há de descobrir.»

— «Segredo tem que me ocultas
Com cruel ingratidão,
E que irás revelar breve
A qualquer pobre aldeão.»
— «A pobreza não avilta;
Porém se não pensa assim,
•
Repare bem que eu sou pobre,
In the Indian
Não se chegue para mim.»
The se enegae para minim
Tagadaira tagadaira
— «Tecedeira, tecedeira,
Como hei de viver sem ti?»
— «Não tem que saber, menino
É viver como até aqui.»
— «Quanto mais és rigorosa,



Mas não me dei por vencida,

Que no meu tear teci

Os vestidos de condessa

Com que depois me vesti.

# AO DEIXAR A ALDEIA

Partes! A longas terras
Vais procurar riqueza;
E eu, morta de tristeza
Fico sozinha aqui!
Leva-te destes montes
Uma ambiciosa ideia,
E eu nesta pobre aldeia
Fico pensando em ti.
Tentar fortuna ao longe!
Ó pobre e amado louco!
Não sabes tu que pouco
Basta para ser feliz!
Porque não hás de achá-la
E o bem que assim procuras,

Aqui, entre as verduras Do teu e o meu país? Mas vai, mas parte. É sorte! Vai; segue o teu caminho, Ave que deixa o ninho Onde feliz viveu. Vai, e dos mares volta-te As vezes deste lado, E o meu olhar magoado Encontrará o teu. E lá, por outras terras, Lã, nesse clima novo, Lembre-te o humilde povo Em que viveste em paz; Lembre-te ainda o afeto,

Ai, deixa-me que o diga Da pobre rapariga Que nunca mais veras. Dizem que nessas terras Há bosques e florestas Mais verdes do que estas Que lemos por aqui; Que há aves mais formosas, Que há árvores maiores, E tantas, tantas flores, Como eu ainda não vi. Se for assim, quem pode Ter ainda uma esperança Que guardes a lembrança, Sob esses novos céus,

Dos soutos, das devesas, Dos pássaros, das fontes, Dos pinheirais, dos montes, A que disseste adeus? Porém lembra-te ao menos Que aqui onde nasceste, À sombra do cipreste, Dormem teus velhos pais; Por longe que tu andes, Manda-lhe uma prece: Esquece, embora, esquece Pra sempre tudo mais. Toma esta cruz benzida Para a trazeres contigo; Crê que em qualquer perigo

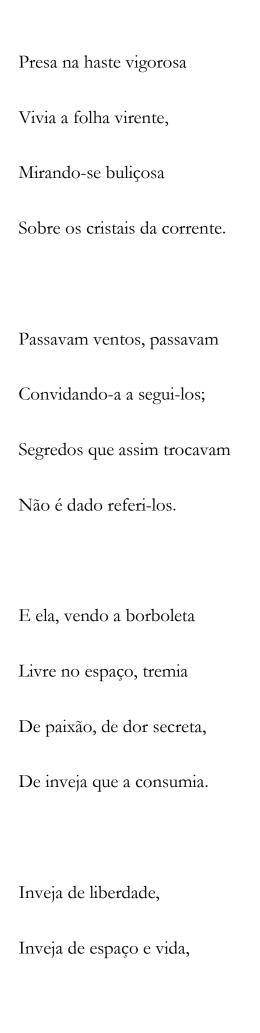
Ela te valerá! Depois... talvez ao vê-la Te lembres algum dia Daquela que a trazia, Da triste que ta dá. E se passados anos, Saudoso enfim voltares De novo a estes lugares Que deixas amanhã, Entra no cemitério, E da erva entre a verdura Verás a campa obscura Da tua... pobre irmã. É força partir! Vamos, Vai alta a Lua. É tarde,

Há muito já que arde O fogo no meu lar. Ai, quantas vezes, quantas Ali vinhas sentar-te! E agora... e agora... Parte E deixa-me chorar. Perdoa-me este pranto; É o último que choro. Vai... vai... não te demoro Mais com lamentos meus. Bem vês, já estou contente, Vai... sê feliz e rico, E eu... alegre fico Com minha mãe... Adeus!

# A FOLHA SOLTA DO OLMEIRO

Da paixão que vos abrasa,
Deixai a rogos funestos
Os santos lares da casa;
Vós, que ao maternal carinho
Fugis, sem dor nem saudade.
Desfolhando no caminho
As rosas da castidade:
Gravai, gravai na memória
Este conto verdadeiro;
É a dolorosa história
Da folha solta do olmeiro.

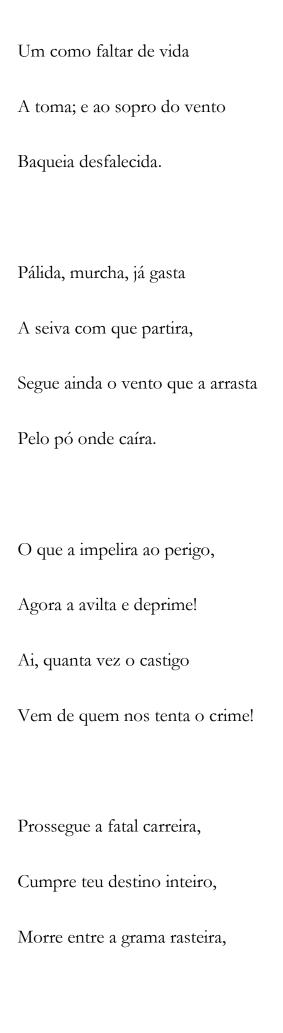
Virgens, que cedendo aos estos



Um sonhar de mocidade, Um aspirar de iludida! «Oh! goza, inseto ligeiro, Goza de espaço infinito, Que eu neste meu cativeiro Em vão me contorço e agito.» E ao ver a folha da rosa Levada pela corrente, Até dela, desditosa, Até dessa, inveja sente! Um dia sopra uma aragem Mais ardente e perfumada; Corre do olmeiro a folhagem, E foge com a namorada.

Ei-la solta; num momento, Veloz no ar se elevava; É livre enfim como o vento, Deixou já de ser escrava. E agora embriagada, entregue Toda aos afagos da brisa, Já do inseto os voos segue, Sua ambição realiza. Que novo viver! Que cenas! Que existência tão completa! Mas, ai, momentos apenas Dura a ilusão da indiscreta.

Um ignoto desalento,



Aérea filha do olmeiro.
Ai, folha de triste sorte!
Que é do encanto futuro
Que sonhaste? Escura morte
Tens em sórdido monturo.
Virgens, gravai na memória
Este conto verdadeiro,
Que pode ser vossa a história
Da folha solta do olmeiro.

#### NO TEATRO

Está patente a sala do espetáculo;

Mil lumes a iluminam, refletindo-se

Nos dourados ornatos, que realçam

Na alvura das paredes. Lado a lado,

Como festões de variegadas flores,

As mais formosas, celebradas damas,

Guarnecidas de rendas e de sedas,

Adornam as extensas galerias.

Enxames de ligeiras borboletas,

Pairando sobre floridos canteiros,

Dir-se-iam os leques agitados

Por mãos tão delicadas e pequenas

Com rapidez nervosa. As pedrarias

Quebram a luz em deslumbrantes Íris.

É esplêndida a vista do teatro;

Em baixo turba inquieta e mais obscura

Já enche a trasbordar a sala. Reina

Em todo este recinto um rumor surdo,

Misto de vozes e de risos. Súbito

Parece estremecer a sala inteira; É o sinal.

Enrola-se a cortina,

Patenteia-se o palco às vistas ávidas,

Começa o espetáculo! O silêncio,

Ou se não o silêncio, o murmúrio,

Que forma o respirar de tantos seios,

O palpitar de corações ansiados,

Sucede à agitação que ali reinava.

É comovente o drama; as mais fogosas

Paixões que o humano coração disputam,

Ali são facilmente traduzidas

Pelo inspirado gênio do poeta,

E animadas da vida, com que arte

De célebres atores a revestem.

A piedade e o terror em várias cenas

Sucedem-se, e ora lágrimas provocam,

Ora um estremecer d'alma indignada.

Domina a comoção todos os seios,

E em cada rosto clara se revela.

Reparai, vede além aquela dama,

Loura, formosa, lânguida, envolvida

Numa nuvem de rendas vaporosas,

Como recosta a cara alva de neve

Na mão pequena e débil.

Vede-a, aos olhos,

Olhos para amor foram talhados,

Leva o mimoso lenço, que retira

Humedecido de piedosas lágrimas.

Pobre menina! Coração sensível!

Como lhe anseia o peito comprimido!

Que tesouros de afetos e ternura

Naquela alma puríssima! Pobre anjo,

Se tais lágrimas concedes a infortúnios,

Ficções sublimes d'arte, na presença

De infortúnios reais teus belos olhos

Cegarão a chorar. Pobre menina!

Mais além. atentai naquele velho,

Homem sisudo e grave, e na aparência

Pouco sujeito a comoção. Pois vede-o;

Olhos fitos na cena, nem percebe

As duas grossas lágrimas, que as faces

Lhe vão sulcando vagarosamente.

Bela alma a desse velho! Não pôde inda

Arrefecê-la o gelo da velhice;

O frio da miséria ali tem certo

Calor a mitigá-lo, alívio pronto.

E esse pálido jovem? Esse ao vê-lo

Tão escravo da moda, tão volúvel,

Suspeitarieis que ainda o sentimento

Pudesse comover-lhe a alma leviana?

Pois para ele reparai. A custo

Consegue disfarçar, desviando os olhos

Da cena, a comoção que forte o oprime.

Caluniam-te, pobre humanidade,

Os que te dizem dura como as feras;

Ainda a piedade vive em ti, nem pode

Exaurir-se essa fonte preciosa.

Olhai, correi a sala, e se encontrardes

Olhos enxutos, corações serenos,

Tereis vencido então; direi que minto.

O drama terminou. A imensa turba,

Que enchia há pouco a refulgente sala,

Rompe, agora, das portas, que mal bastam

Para lhe dar saída. Os corredores,

As escadas, o átrio, tudo inunda

Essa torrente humana num momento.

Tendes visto, soltando à larga presa

Os diques que a água imóvel conservavam,

Como súbito rompe fragoroso

O jorro líquido, e ainda turvo e rápido

Se precipita impetuoso, e cedo

Se espraia pelos campos cultivados?

Assim a multidão que se atropela

Ao findar o espetáculo noturno.

Corre unida, ao princípio, após, derrama-se

Em várias direções. Poucos instantes

Decorrerão, será silêncio tudo.

Fora das portas do teatro, a noite

Estende o denso manto humedecido

Das chuvas de Dezembro; os ventos sopram

Com rigorosa violência. Pobre

Do que não tem abrigo em noites destas!

Mas não ouvis um como triste choro

A porta do teatro? Além, na sombra,

Parece que se move um vulto escuro:

O doloroso choro dali parte;

Vejamos de mais perto. Oh triste cena!

Uma mãe e três filhos; um no colo,

Dois cingidos a ela em pé, chorando

De fome e frio; a esquálida miséria

Passou seus magros dedos nessas faces

Que a palidez da morte tinge, e os traços

Gravaram-se bem fundos. Com voz fraca

Pede a mãe para os filhos: «Por piedade!

Lembrai-vos destas pobres criancinhas,

Que me morrem de fome. Pouco basta

Para lhes dar alívio. Deus proteja

Vossos filhos e os livre da desgraça

Em que os meus vivem. Dai-lhes uma esmola.»

Ninguém escuta a voz da desgraçada;

Ninguém lhe estende a mão auxiliadora!

Onde escondeste, ó turba indiferente

Aos gritos da desgraça, aquele choro

Que há pouco nos teus olhos borbulhava?

Corações comovidos, que maus ventos

Vos gelaram assim, que nem as preces

De uma pobre mulher, mãe desditosa,

Vos consegue abrandar? Porém, espera;

Para aqui se encaminha a loura dama,

Cujo bom coração adivinhamos

Só de vê-la chorar. Já se aproxima

A recebê-la o sumptuoso coche.

Faz chegar tua voz aos seus ouvidos, E atendida serás, desventurada; Estende a mão, que ampara a custo o filho, À mão calçada de elegante luva: Não a retirarás vazia. — A miséria Assim fez; implorou em voz sentida A caridade da formosa dama; Mas, ai! uma resposta fria, fria Como não se imagina que saísse De lábios onde amor fogos ateia, Lhe repeliu a súplica. No coche Senta-se em mole assento a loura dama; O coche parte rápido, e a miséria Fica a segui-lo com a vista ao longe. Que mentirosas lágrimas choravas, Jovem sem coração? De que artifícios Te serves para simular piedade,

Seio fechado à compaixão e ao choro?

Passa o grave ancião, que enternecido

Vimos seguindo o drama. — «Por piedade»,

Lhe brada a pobre mãe — «matai-me a fome

A estas criancinhas. Ai, tão pouco,

Tão pouco bastará!» — «Mulher, retire-se;

Não é aqui lugar para peditórios,

Não pode ser agora!» —e: Prosseguindo

O caminho de casa, ia dizendo

O judicioso velho:—«Esta policia

O que é que faz, se à porta dos teatros

Assim nos vêm importunar mendigos?»

Velho, porque choraste há pouco ainda

Perante simulados infortúnios?

Mentiste ao coração, velho, mentiste;

O gelo do egoísmo o cobre há muito.

Em ti não há piedade; agora o vejo.

Salva, pálido jovem, salva ao menos

Tu, que também choravas, essa triste,

Desconfortada mãe, que na miséria

Os outros abandonam; tua idade

É a idade de instintos generosos,

De entusiasmos santos. Salva-a, salva-a!

E desafronta assim a humanidade.

Mas nem tu! Ela em vão a mão te estende,

Passas cantando, e distraído afastas

O teu caminho do importuno vulto.

O que é pois a piedade nos vossos peitos,

Homens? vós, que chorais fictícias penas,

E contemplais sem lágrimas o quadro

De verdadeiras, hórridas misérias?

Almas sensíveis sob o império da arte,

Porque ficais assim mudas e frias,

Quando passa por vós a realidade,

Trágica, triste como o triste drama

Que vos fez comover? Harpas eólias

Penduradas dos ramos dos carvalhos

Soluçam quando as auras vespertinas

Lhes roçam pelas cordas melodiosas.

Sede vós como elas; ao passarem

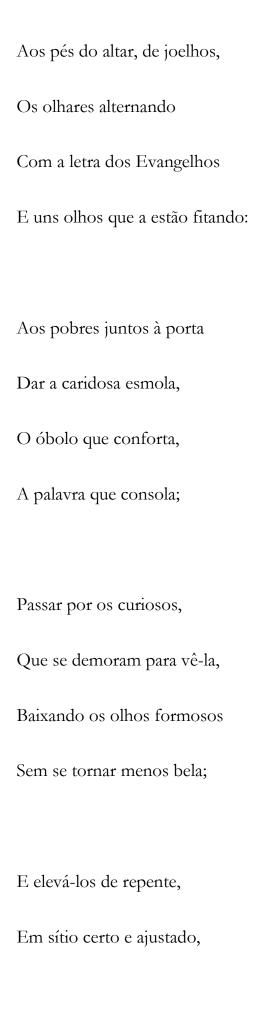
Nos ares estas vozes da miséria.

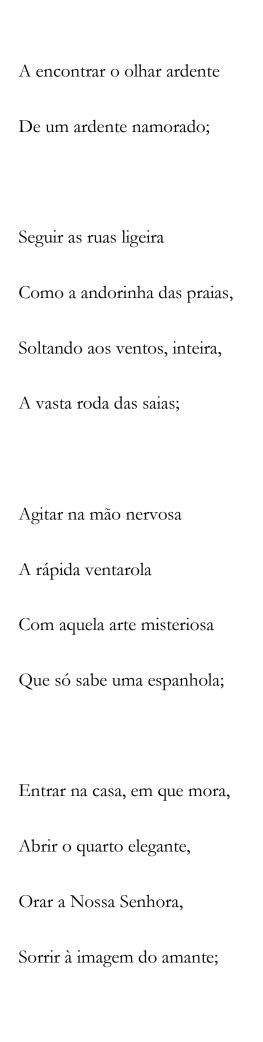
Vibrai com elas, soluçai, mostrando

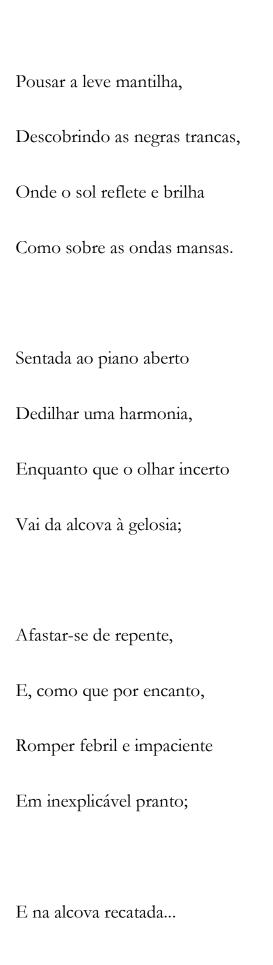
Que ainda há um coração no vosso peito.

## DEVANEIO PENINSULAR

Ai, quem me dera em Sevilha,
Onde a travessa espanhola
Sob a elegante mantilha
As negras trancas enrola.
Na arcada da sé famosa
Vê-la entrar, tal como o sonho!
Entre coquete e piedosa,
Rosto entre grave e risonho;
Mergulhar na água benzida
A mão pequena e elegante,
E entre a turba ali reunida
Distinguir o olhar do amante,







Pára, pára, fantasia,

Como ias longe, coitada,

Sonhando da Andaluzia!

# EM HORAS TRISTES

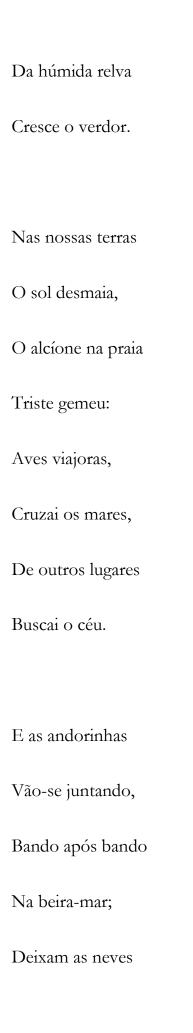
Ela vivia só naquela aldeia,
Sem ter um coração que a compreendesse,
Passei um dia ali, falei-lhe, amei-a
Ai, se esses tempos esquecer pudesse
E julgou-se feliz! Pobre criança!
Era feliz naqueles curtos dias,
E eu deixei-lhe nascer sem esperança
E sem porvir aquelas alegrias!
Oh! Como é sem piedade a juventude!
Como é cruel a idade dos amores!
Desfolhando as flores da virtude,
Como se fossem verdadeiras flores.

Sopra-se ao coração, que a nós se entrega, A labareda de violenta chama. E ao capricho cruel da paixão cega Sacrifica-se tudo quanto se ama. E eu fi-la entrever em doce enleio De um mundo novo as mal sonhadas cenas; E sentia-a corar e arfar-lhe o seio, E delirante respirar apenas! Parti, jurando amá-la toda a vida, Pude fazer aquele juramento! Ela ficou chorando-me iludida, E eu paguei-lhe a ilusão com o esquecimento. Perdido dos prazeres no tumulto, Levado nessa rápida voragem,

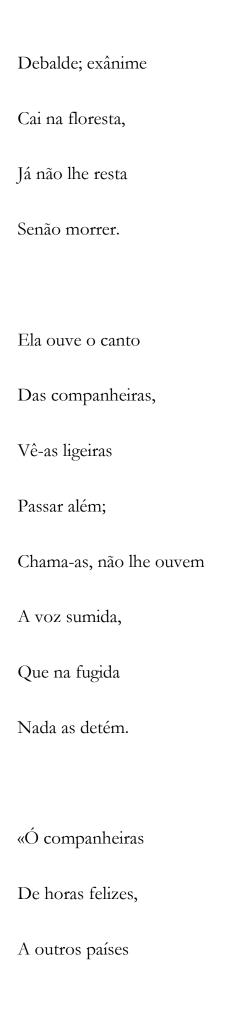
Não mais pensei naquele doce vulto;	
Nunca mais entrevi a sua imagem.	
E ela? Talvez no coração ferida	
Por minha leviandade criminosa,	
Vivesse dias de enlutada vida,	
Sem ter na terra a sagração de esposa.	
Ai, memórias cruéis do meu passado,	
Como pungentes me feris agora!	
Poupai, poupai-me o coração magoado,	
Livrai-me do remorso que o devora.	
	Funchal – Abril de 1869

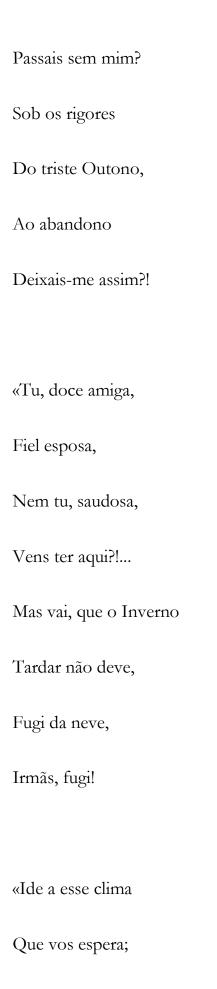
### A ANDORINHA FERIDA

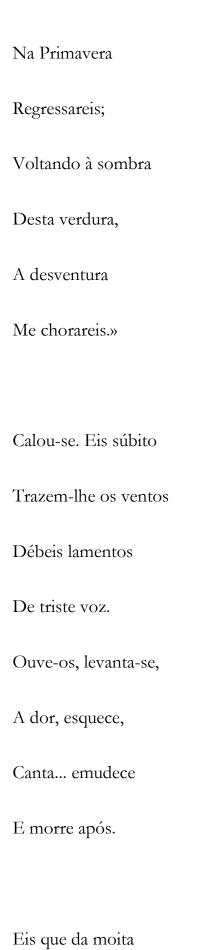
Já despe galas
A natureza
Véu de tristeza
Tudo envolveu;
Desfolha o Outono
No prado as flores,
Densos vapores
Sobem ao céu;
Gemem os ventos
Nas densas matas;
Das cataratas
Dobra o fragor;
Calam-se os cantos
Na umbrosa selva;



Já iminentes,
Auras clementes
Vão demandar.
Chama-as o instinto,
Que à turba alada
Indica a estrada
Da imigração.
Mas, ai, na selva
Jaz esquecida
Uma, ferida
Por cruel mão.
Debalde a vítima
Da má ventura
Inda procura
O voo erguer;





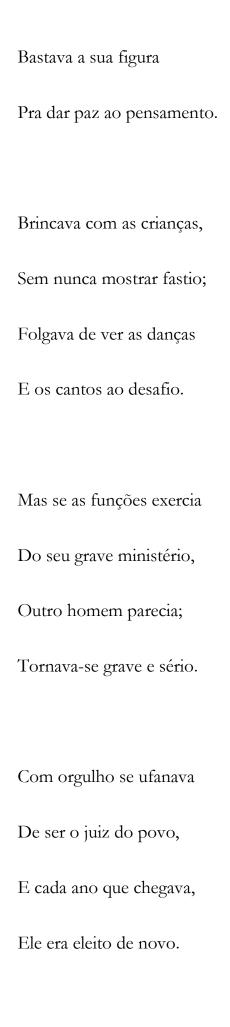


Dali vizinha
Uma andorinha,
Gemendo, sai;
Ao ver do esposo
A triste sorte,
Também da morte
Fenda cai.
E sobre os mares
O alado bando
Vai demandando
Outro país.
E cedo a neve
Do frio Inverno
Esconde o terno
Par infeliz.

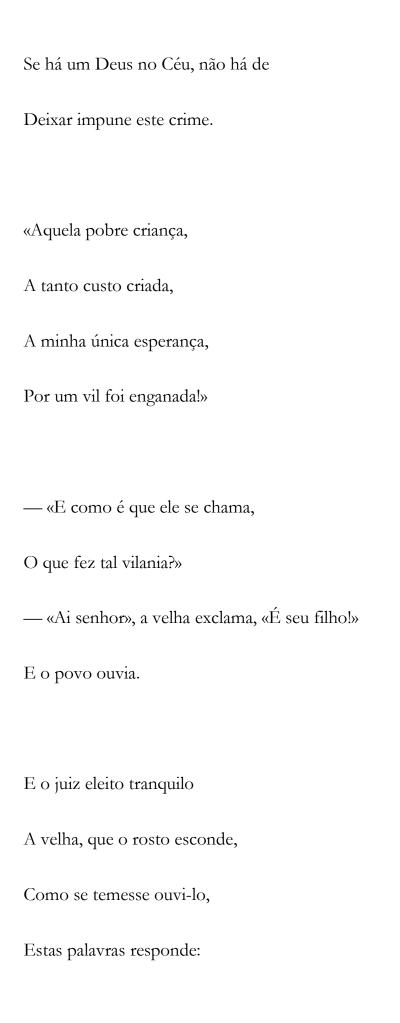
# O JUIZ ELEITO

Como eu gostava de vê-lo!
Aquele ancião venerado
Com seu nevado cabelo,
E com o seu rosto corado!
Oitenta anos já contava,
Mas ainda firme e direito;
Todos, quando ele passava,
Saudavam-no com respeito.
Se ele era um pai para todos!
O anjo daquela gente!
Ouvia-os com tão bons modos,
Sem dar mostras de impaciente!

Quantas demandas desfeitas
Por seu prudente conselho!
E quantas alianças feitas
Pelas mãos daquele velho!
As raparigas, chorosas,
Confiavam-lhe seus amores;
As desoladas esposas
Os seus caseiros dissabores;
,
Os homens os seus ciúmes;
Os homens os seus ciúmes;
Os homens os seus ciúmes; As mães filiais desgostos;
Os homens os seus ciúmes; As mães filiais desgostos; E ele ouvia esses queixumes,
Os homens os seus ciúmes; As mães filiais desgostos; E ele ouvia esses queixumes,
Os homens os seus ciúmes; As mães filiais desgostos; E ele ouvia esses queixumes, E alegrava aqueles rostos.



Um dia, uma pobre velha, Quando terminava a missa, Aos pés dele se ajoelha, Bradando a chorar: «Justiça!» Ele ergue-a com modo brando, E à pobre mulher pergunta: «Diga, porque está chorando? E o povo à roda se junta. - «Senhor, a filha que eu tinha, Doce alma da minha vida, Única alegria minha, Minha filha, está perdida!» — «Perdida?!» — «Juro a verdade!» — «Como? Fale». — «Ouvi, ouvi-me!



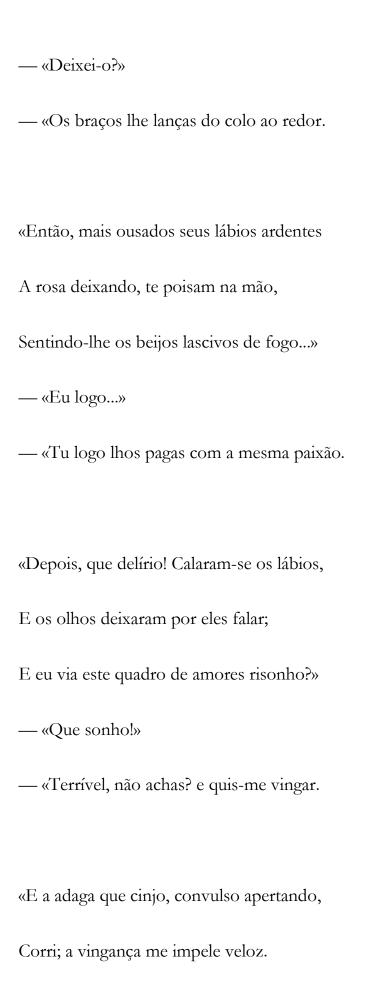
— «Sossegue, mulher; se é certo
O que, chorando, assegura,
O remédio está bem perto
Para essa desventura.
«Já que a ser juiz me atrevo,
Hei de ser juiz deveras
E em casa exercitar devo
As justiças mais severas.
«De outro modo enganaria
Este povo que me elege:
A mesma lei que a ele o guia,
É a mesma que me rege.»
Logo rompe dentre a gente

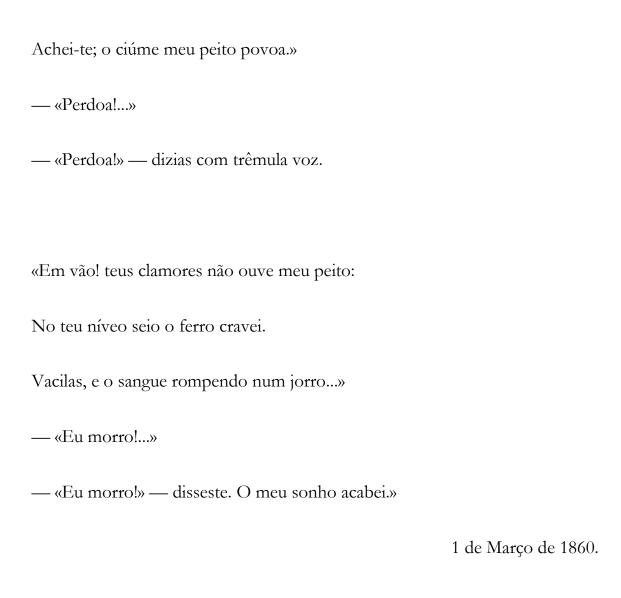
Que o juiz escutava em pasmo, Um brado rijo e valente, E sobre alto o entusiasmo. E alguns dias mais passados A pobre filha da velha, Junto aos altares sagrados, Com seu noivo se ajoelha. Ao acto o juiz assiste, O povo o vê com respeito, A noiva tinha o ar triste, O juiz cingiu-a ao peito. - «Alegre-se, minha filha, Erga a cabeça bem alta; Aqui sou eu quem se humilha,

A menina quem se exalta. «Sim, sou eu o que me humilho, Porque esta bênção redime A si de um erro, e ao meu filho De mais que um erro, de um crime.» Oh! sim, era um gosto vê-lo, Aquele ancião venerado! Que tipo de homem tão belo! Que caracter tão honrado! Funchal — Abril de 1869.

### FIM DE UM SONHO

— «Querida, não sabes um sonho que eu tive?
Mil vezes a morte, que sonho assim!
Sonhei que te via de um bosque no abrigo»
— «Contigo?»
— «Com outro, sentados além, no jardim.
«Na mão ainda tinhas a rosa silvestre,
Que eu ontem, bem triste, te dera ao partir;
Pediu-ta esse homem, tu toda vermelha»
— «Neguei-lha?»
— «Cedeste-a, olhando com meigo sorrir.
«E então, ele aos lábios a leva ansioso,
Com beijos ardentes lhe murcha o frescor;
Não sei que palavras lhe dizes, e, em meio »

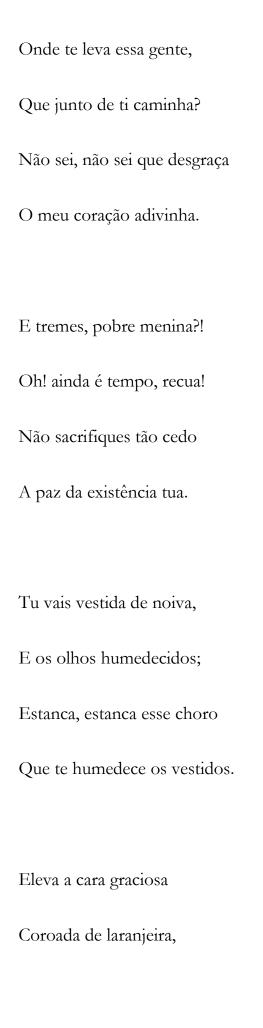


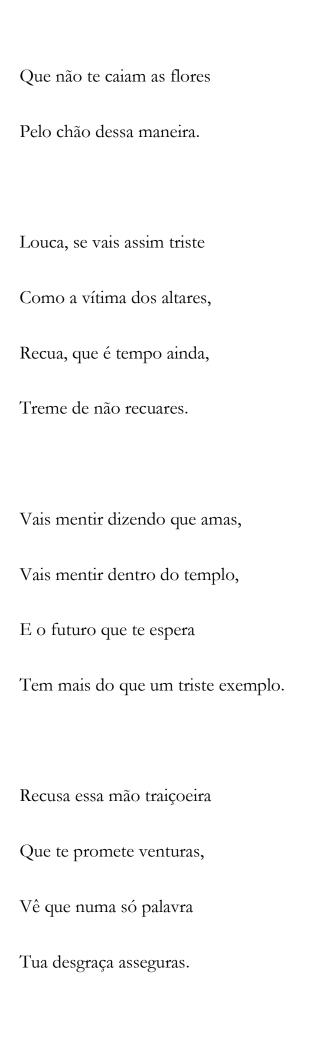


Nota do Autor. — Outro crime de lesa-sexo feminino e do qual também me arrependo. É um caso apenas de traição e vingança, de onde não se pode concluir nada. No que me confesso culpado é em ter sido pouco parcial, não hesitando em distribuir nesta cena de fantasia o papei mais antipático, pelo menos para mim, à mulher e não ao homem. Mas é desculpável: espirito de classe.

### NO TRÂNSITO DE UMA NOIVA

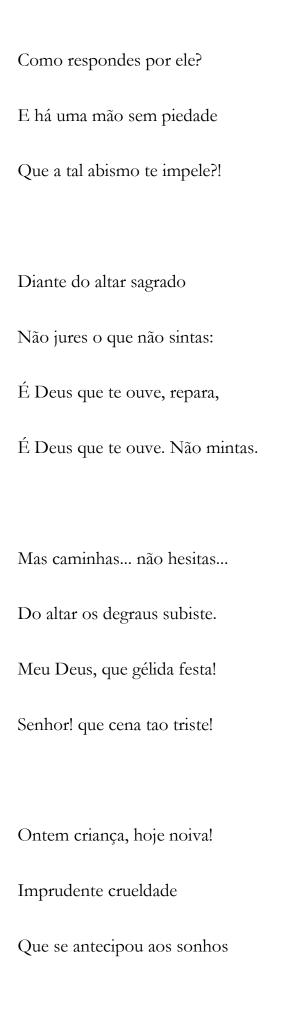
Quem te foi vestir de noiva,
Aos quinze anos mal contados?
Quem cingiu de laranjeira
Os teus cabelos dourados?
Que mão conduziu ao templo
Esses passos vacilantes?
Quem te apagou os sorrisos,
Que tinhas nos lábios dantes?
Pobre inocente criança,
Onde vais assim vestida,
Com as lágrimas nos olhos,
Com a cabeça pendida?





Quando voltares da igreja, Morta verás toda a esperança. É cedo para seres esposa, Continua a ser criança. Repara; as tuas amigas Convidam-te ainda ao brinquedo, Espanta-as teu véu de noiva, Ai porque as deixas tão cedo?! Dorme ainda no teu seio Um coração de quinze anos; Respeita-lhe o sono, louca, Poupa-lhe acres desenganos.

Coração virgem de amores,



Da ridente mocidade!
Se um dia acordar inquieto
O coração, desditosa?
Se o fogo da juventude
Se atear no seio da esposa?
E escutam-se hinos de festa!
E arma-se o templo de galas!
E brilham de luz e flores
Da noiva as faustosas salas.
Soltaste a fatal palavra;
Dissipou-se o último ensejo.
Parece-me um saimento
O teu nupcial cortejo.

Esse vestido de noiva,

Aos quinze anos mal contados,

É um véu negro lançado

Sobre teus sonhos dourados.

1869.

Não meças o amor pelo tempo que dura;

Ontem amei-te mais nessa hora tão ligeira,

Senti maior prazer, gozei maior ventura,

Do que ao pé de ti passasse a vida inteira.

Deixa que esta paixão termine com o dia,

Efêmera cecém nascida à madrugada,

E que ao cair do Sol, nessa hora de poesia,

Deixou pender no chão a cara desfolhada.

Fiquemos sempre assim, um ao outro ignorados

Nestas vagas regiões de uma paixão nascente.

Sigamos cada um caminhos separados;

Com uma hora de amor a alma é já contente.

#### AS ANDORINHAS

Fugi, andorinhas; em mais longes plagas

Buscai outras praias, florestas e o céu;

Que é triste o bramido que soltam as vagas

E um vento pressago nos bosques gemeu.

Fugi, namoradas das flores e estrelas,

Olhai: estes campos sem flores estão,

E cedo os espaços, à voz das procelas,

Sinistros, cerrados, sem luz ficarão.

Fugi, apressai-vos, alados viajantes,

Em bandos ligeiros os mares cruzai.

Por outros países, por selvas distantes

Mais flores e aromas, mais luz procurai.

Deixai estes montes de neve coroados,

As selvas despidas, e as folhas sem cor,

As grossas torrentes e os troncos quebrados

E os vales cobertos de denso vapor.

E quando, mais tarde, na verde campina,

As rosas voltarem com viço a florir,

E as serras, despidas da intensa neblina,

Virentes, formosas, se virem surgir;

E quando deslizem na praia arenosa

Mais lentas, mais brandas, as vagas do mar,

E das laranjeiras de copa frondosa

Caírem as flores do chão do pomar;

E quando fugirem, informes, pesadas,

As nuvens sombrias que se erguem do sul.

Correndo dispersas e em flocos rasgadas,

Nos plainos imensos de um límpido azul:

Voltai; nova quadra de amores vos chama;

Dos climas distantes para estes parti;

Então tudo é vida, já tudo se inflama,

Há luz, há perfumes, faltais vós aqui!

Voltai, que de novo serão florescentes

As selvas, os prados, o monte, os vergéis;

Quietas as brisas, as águas dormentes

Nos lagos tranquilos de novo vereis.

Só eu, que vos sigo com vistas saudosas

Ao vosso desterro, dos mares além,

Já quando no prado brotarem as rosas,

Talvez não reviva com as rosas também.

Ai, não, não revivo, que o vento do Outono

Gemendo angustiado nas brenhas do val,

Convida-me ao leito do plácido sono,

E as nénias entoa do meu funeral.

Eu morro! Na chama do Sol que declina

Bem sinto o presságio de um próximo fim.

Se um dia voltardes à vossa colina,

Ó doces amigas! lembrai-vos de mim;

Daquele que, triste, vagando no olmedo,

O adeus da partida vos veio dizer.

Quem sabe das campas o oculto segredo?

Talvez vossos cantos eu possa entender.

Talvez que, ao ouvir-vos a queixa sentida

Quebrando das noites a triste mudez,

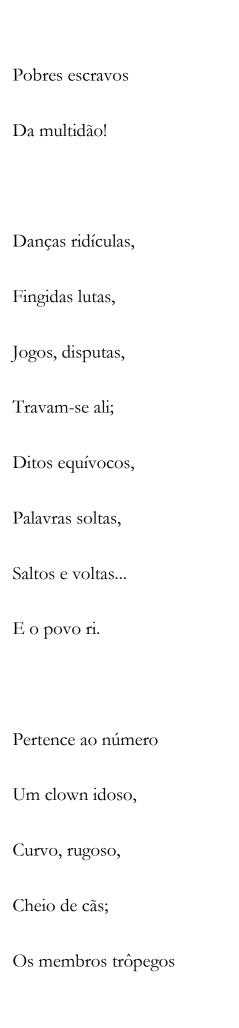
À sombra dos cedros da escura avenida

Acorde, a escutar-vos ainda uma vez.

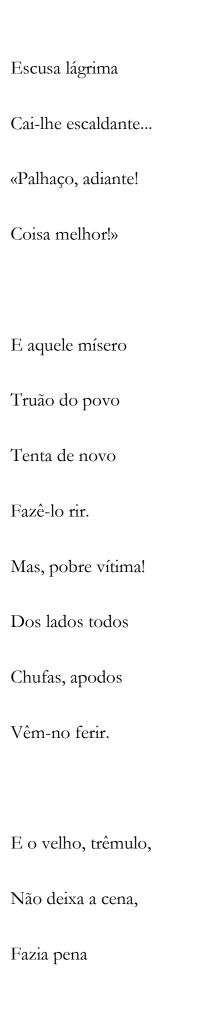
Nota do Autor. — Faz parte do romance «Uma flor entre o gelo» publicado Serões da Província, em 1870.

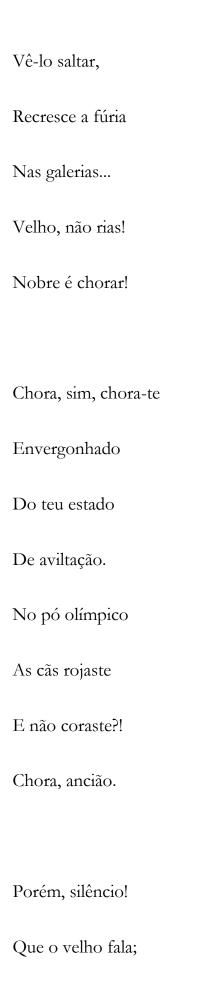
## O PALHAÇO VELHO

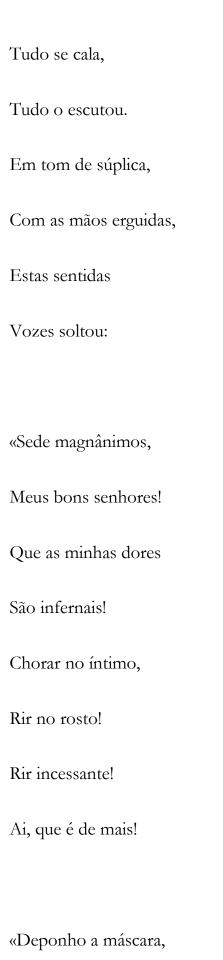
«Palhaços! rápidos!
À arena! à arena!
Quer-se uma cena
Que faça rir.
Exige-a o público
Em altas vozes;
Ide, velozes,
Ide-o servir!»
E os clowns lépidos
Ágeis, disformes,
Saltos enormes
No circo dão.
Soam frenéticas
Palmas e bravos.

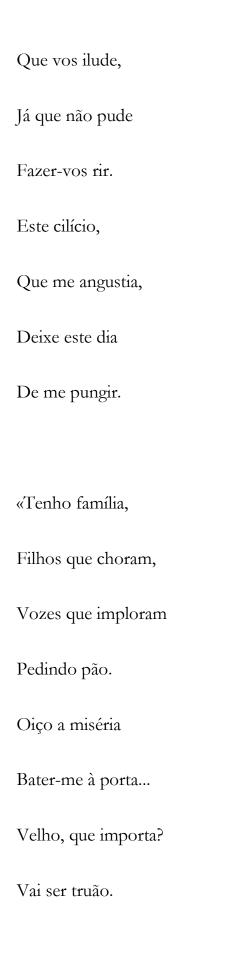


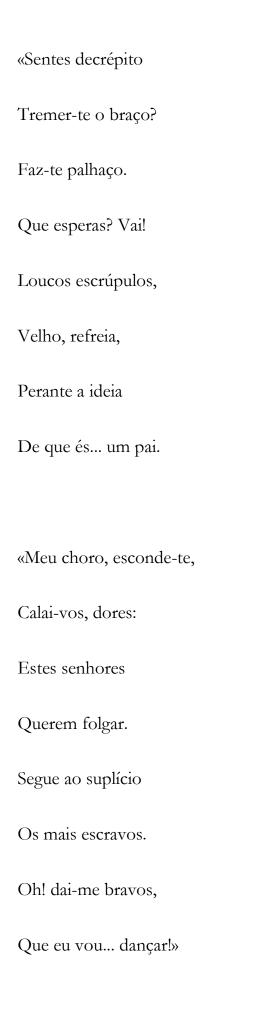
De muita idade
Move à vontade
Das turbas vãs.
É ele o último
Dos companheiros,
Que, mais ligeiros,
Deixam-no atrás,
A turba indómita
Com grandes gritos
Ao som de apitos
Assuada faz.
E o velho cômico
Treme assustado
Do desagrado
De seu senhor.







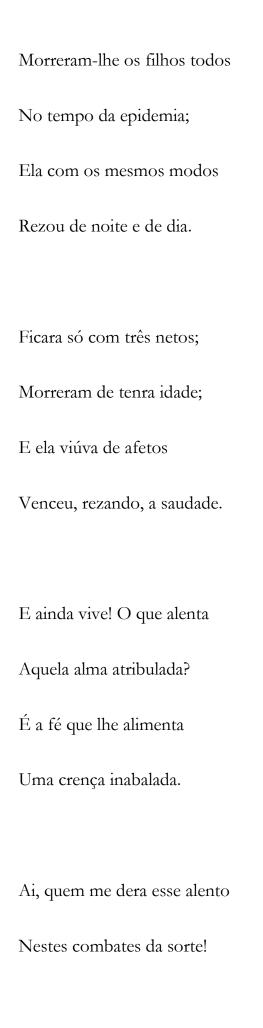




Mas ai, falece-lhe
O alento ao velho,
Dobra o joelho,
Na arena cai.
Erguem-no pálido...
Aos mais palhaços
Decai dos braços
O truão, o pai.

## AQUELA VELHA!

Aquela velha! coitada!
Se lhe soubessem a vida,
Não passaria na estrada
Assim desapercebida.
Vive só; mas vive agora,
Que num tempo já volvido
Houve na casa em que mora
Filhos, netos e marido.
Morreu primeiro o marido
De uma morte desastrosa;
Com o coração partido
Rezou por ele, piedosa.



Que paz para o pensamento!

Que paz na hora da morte!

## O MISERÁVEL

— «Não se soube dele?» — «Dizem
Que vive rico e contente,
Sem que lhe pese a lembrança
Dessa desgraçada gente.»
— «O miserável!» murmura
O forasteiro sombrio,
O pastor desceu a encosta
E passou para além do rio.
E quando de madrugada
Conduzia ao monte o gado,
Encontrou na ribanceira
O corpo de um afogado.

Conheceu o forasteiro

Pelas vestes que trazia;

Foi enterrado na aldeia.

Quem era? Ninguém sabia.

#### NA MADEIRA

Vi-a chegar. Nas faces descoradas

Trazia escrito o seu fatal destino.

Nem o sol destas plagas perfumadas

Pôde corar-lhe o rosto peregrino.

Vi-a chegar. Um mar de águas serenas

Trouxera-a no regaço brandamente,

Manso, tão manso, embalando-a apenas

Como se embala um berço de inocente.

Pobre criança pálida e formosa

Já condenada a inevitável sorte!

As auras desta ilha milagrosa

Não te podiam defender da morte!

Ao princípio, um clarão de vaga esperança

Raiou no seu olhar amortecido;

Mas ai, que breve rápida mudança

Deu a essa ilusão um desmentido.

Nós todos, que corríamos a vê-la

Fitando o mar com olhos lacrimosos,

Nós todos, exilados bem como ela,

Rodeamos-lhe o túmulo saudosos.

Queríamos-lhe tanto! àquela vida

Dir-se-ia que as nossas se ligavam:

Era como que a filha estremecida

De todos, porque todos a adoravam.

Vi-a partir. As pálpebras cerradas,

Pálido e frio o rosto peregrino,

Sobre o nevado seio as mãos cruzadas,

E em tudo um raio do clarão divino.

## NO RIO

(A uma Criança)

Algumas há como as terras onde as flores
Aspiram uma seiva envenenada;
Onde à sombra de pérfidos verdores,
Cai nas selvas a ave inanimada.
Têm elas um excesso de amargura
De que se nutre cada pensamento;
Nas mais ridentes cenas de ventura,
Fere-as um doloroso desalento.
Ontem ainda o senti. Bela era a cena,
Deslumbrante a paisagem;
Nossa barca leva-nos serena
A vela solta, em plácida viagem.

Tu, criança inocente, debruçado Nas cristalinas águas, Sorrias de prazer, e eu, ao teu lado, Sentia exacerbar as minhas mágoas. Tu só vias na límpida corrente Os verdores da margem, E o sol, a repetir-se resplendente, Nos mil reflexos que o fulgor lhe espargem, As águas, aos teus olhos, retratavam Ura segundo universo, Outro céu, que outras aves povoavam, Outro mundo, outro sol, na onda imerso.

Eu também, como tu, me reclinara

Do baixei sobre a borda; Mas a vista das águas, que fitara, Ideias mais amargas me recorda. Talvez, pensei, que a linfa que, assim via Tranquila e adormecida, Ocultasse no seio uma agonia, A extrema convulsão de um suicida. E em lugar desse júbilo expansivo Que o olhar te animava, Era um pungir cruel e aflitivo O que o meu coração atormentava. Ai, quantos como tu, pobre criança, Sobre as vagas da vida Veem debruçados, refletir-se a esperança, E se iludem com a cena refletida!

Quantos, sem o saber, sobre este abismo

Mal pensam, descuidados,

Que aos seus pés, em tremendo paroxismo,

Lutam, ânsia da morte, uns desgraçados?

Mas os que já não têm, pobre inocente,

Essa doce ignorância apetecida,

Veem através da plácida corrente

Cruéis mistérios deste mar da vida.

## DISPERSAS

As riquezas deste mundo	
Para mim não têm valor;	
Eu sou rica nos teus braços,	
Sou rica do teu amor.	
	De: Uma Família Inglesa.
Dorme, filho, que eu vigio,	
E enquanto dormes, sorri;	
Que a tua porção de lágrimas	
Eu as chorarei por ti.	
	De: Uma Família Inglesa.
Aquele que tanto amei	
Esqueceu meu pensamento	
Como o rio esquece as rosas	

Que retratou um momento.	
	De: Justiça da sua Majestade.
O amor que me juraste	
Bem cedo o vi acabar,	
Foi fumo de labareda	
Que já se desfez no ar.	
	De: Justiça da sua Majestade.
	De: Justiça da sua Majestade.
O teu amor era falso,	De: Justiça da sua Majestade.
O teu amor era falso, Teve pouca duração.	De: Justiça da sua Majestade.
	De: Justiça da sua Majestade.
Teve pouca duração.	De: Justiça da sua Majestade.
Teve pouca duração. Mas deixou mágoas eternas	De: Justiça da sua Majestade.  De: Justiça da sua Majestade.

Flor dos campos, flor singela,

Pra quem guardas tuas cores?

Deus criou-te entre verdores

Só para os campos enfeitar?

Desconhecem-te a beleza

Outras flores que ta invejam

E as brisas, se te bafejam,

Não o sabem revelar.

Há tanto que corro os prados

Por sobre viçosas relvas!

Tantas flores pelas selvas,

Tantas no monte encontrei!

Há tanto! e porque só hoje,

Alva cecém da campina,

Quis a minha ingrata sina

Que te encontrasse? Não sei.

Não sei. O peito agitado

Os seus segredos não revela.

Se ao ver-te foi minha estrela,

Se é sorte pensar em ti...

Pensarei, sim; tua imagem

Há de seguir-me incessante,

Em ti só, flor vicejante,

Pensarei, já que te vi.

A noite nos arvoredos

Onde formas vaporosas

Vagueiam misteriosas,

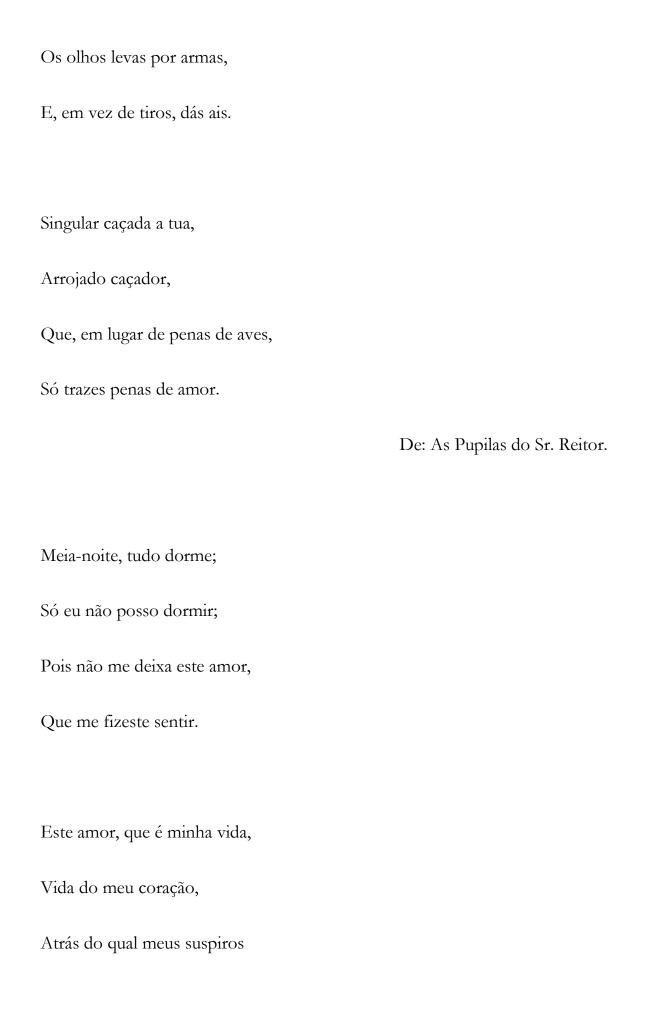
Irei procurar-te, a sós.

De manhã, quando no outeiro

Surja a chama matutina,

Já o teu nome, Paulina,

Repetirá minha voz.	
	De: As apreensões de uma mãe
Mais vida! Meu Deus, mais vida!	
Que a chama ainda arde violenta!	
E a alma, de viver sedenta,	
Outros sonhos concebeu.	
	De: As apreensões de uma mãe
Vem livrar-me com os teus olhos	
Que eu por eles me perdi;	
Dá-me a vida com os teus beijos,	
Já que por beijos morri.	
	De: As Pupilas do Sr. Reitor.
Caçador, que vais à caça,	
Muito bem armado vais;	

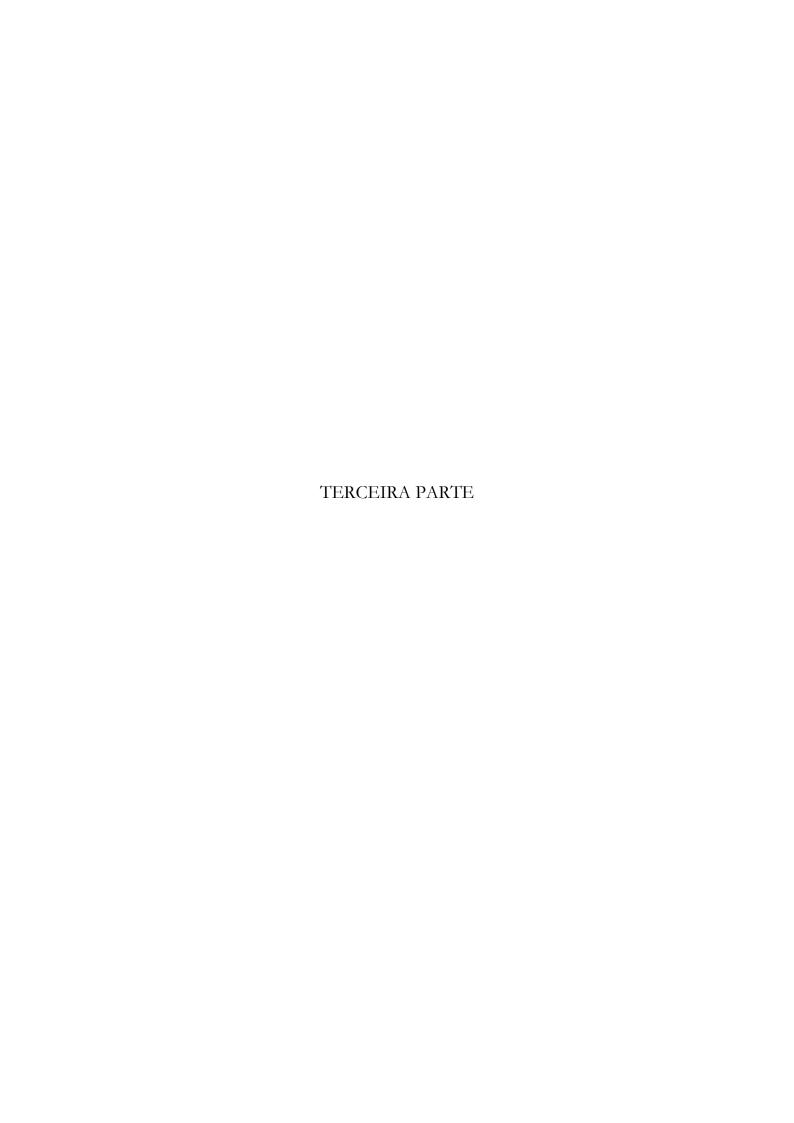


E meus pensamentos vão.	
	De: As Pupilas do Sr. Reitor,
Se estás mais perto do Céu	
Nestas alturas da serra,	
Ai, porque tens, peito meu,	
Inda saudades da Terra?	
Em vez de erguer os olhares	
À luz deste firmamento,	

Desço-os à sombra dos lares,

Onde tenho o pensamento.

De: A Morgadinha dos Canaviais.



### UMA EXPLICAÇÃO PRÉVIA

Prefácio do autor ao seu álbum manuscrito de poesias intitulado: «Tentativas poéticas — coleção de versos de Júlio Dinis» (Joaquim G. Gomes Coelho).

É necessário ter uma grande força de vontade para resistir hoje à tentação de rimar alguns versos e cantar, bem ou mal, os sentimentos que nos dominam em certas épocas da vida.

Por muito tempo lutei e soube vencer este espírito tentador, que, em horas de melancolia, em momentos de entusiasmo, em instantes de prazer, na presença do belo, do grande, me antolhava, demônio enganador, o campo da poesia, fascinando-me com promessas risonhas, que nunca eu tinha de ver realizadas; afinal sucumbi e o resultado da derrota é isso que hoje reúno neste livro de onde espero nunca sairá.

Viverá sempre isolado e escondido de vistas estranhas, pois nem maiores pretensões ele tem.

Mas, como ninguém pode calcular todas as eventualidades futuras, devo dar uma satisfação àqueles a quem por acaso, e mau grado meu, este livro possa chegar.

Escrevi-o só para mim. Queria-o para um museu das minhas impressões que me recordasse no futuro esses devaneios e fulgentes fantasias, que constituem a mais apreciável riqueza da juventude, segundo dizem os que já estão fora dessa quadra da vida. (\*)

[(\*) Tinha Júlio Dinis ao escrever esta «Explicação prévia» 20 anos apenas.]

Não me arguam, pois, não analisem estes versos; o seu autor melhor que ninguém sabe que eles não suportam a análise.

Não me custaram muitas vigílias; impressões de momento, quase de momento foram escritos.

Deles não sou responsável perante ninguém, pois que a ninguém imponho a sua leitura, ou, se o fizer, será só aos poucos de quem posso esperar que os olhos benévolos do amigo não vejam os defeitos patentes às vistas desapaixonadas do leitor.

Dezembro de 1859.

#### SONHO OU REALIDADE?

Encantada visão, que me apareces

Por alta noite, em sonhos deleitosos,

Aonde vives tu? Onde encontrar-te

Posso, ó virgem? Acaso neste mundo

Em que o vício domina, acaso habitas?

Ou tens tua morada em áurea estrela,

Que, de noite, contemplo cintilando

Com trêmulo fulgor? Onde é que vives,

Virgem dos sonhos meus? Onde resides?

És tu, és sempre tu que me apareces

Quando cansado de afanosa lide,

Eu peço à fantasia um lenitivo;

Então vens-te sentar junto ao meu lado,

Compreendes meu penar. Saudosa, meiga,

A sofrer me convidas, apontando-me

Num risonho futuro, mil venturas,

Para compensar-me as dores. Os teus suspiros

Vêm casar-se com os meus, e dos teus olhos

Manam raios de luz, que secam na alma

A fonte dos desgostos. Em ti, anjo,

Só em ti, eu encontro um seio amigo,

Onde confio meus cruéis tormentos;

E no teu colo reclinando a cara,

Deixo livre correr o choro amargo,

Que todo o dia conservei suspenso

Para o esconder dos olhos indiferentes.

Nesses instantes de inefável gozo,

Todos os meus sentidos enlevados

Me fazem conceber tua existência,

Como se humanas formas te vestissem.

Figura-se-me ver teus negros olhos,

Belos, saudosos, para mim olhando

Com uma tal expressão, que é toda encantos,

Que é toda amor, que a alma me extasia.

Parece-me sentir arfar-te o peito

Em suave ondulação. Os teus cabelos,

Brandamente agitados pela brisa,

Os meus lábios vêm tocar, como exigindo

Que nas suas ondas de formoso ébano

Um beijo deposite. Então me falas,

E que falas, meu Deus! São harmonias,

Que nem os anjos no celeste império

Tão ternas as entoam. Os meus ouvidos

Distintamente as ouvem; responder-lhes

Porém não posso; delirante escuto,

E sem que eu fale compreender-me sabes;

Revelados te são meus pensamentos,

Sem que em palavras os traduza. Sinto

As tuas mãos entre as minhas. Enleado

Por teus mimosos braços me conservas.

O teu hálito em delírio me arrebata,

Em delírio de amor, tão puro e casto,

Qual o dos anjos na mansão divina.

Que momentos aqueles em que sonho!

E que triste é depois a realidade!

Por um instante de supremo gozo

Tenho, em troca, o amargo desespero

De uma terna ilusão desvanecida.

Porventura, meu Deus, nunca esta imagem

Terá realidade? Não existe

No mundo essa mulher, que eu imagino?

Que só contemplo nos meus dourados sonhos?

Esta sombra, este anjo que me fala,

Que me sorri e que me dá conforto

Quando em jardim de fadas delicioso,

Errante me vagueia a fantasia,

Essa virgem, de amor, criação risonha,

Acaso tem por pátria o nosso mundo?

Oh! se tem, Deus supremo, faz que em breve

Eu a possa encontrar. Senhor! permite

Que na Terra entreveja a paz que os justos

Gozam na alta morada onde habita

A tua celeste essência. Oh! possa eu vê-la

Essa formosa imagem de donzela,

Que, enquanto o corpo dorme e a mente livre

Vagueia em regiões desconhecidas,

Eu vejo ao lado meu... possa encontrá-la

Em breve nesta vida; e, se negada

Me for esta ventura, devo acaso

Noutro mundo melhor gozá-la, ao menos?

Ser-me-á dado sonhar eternamente?

Ver então sempre esse anjo e adorá-lo,

Com o amor, que na Terra guardei sempre

Reprimido no íntimo do peito?

Sereis acaso, ó sonhos, fiéis quadros

Da imensa dita que então lá me espera?

Se assim é, anjo meu, leva-me cedo

Para a tua morada aonde goze

Essa felicidade porque anelo

E que encontrar em vão busco na Terra,

1857.

Nota do Autor — Estes noventa e tantos versos foram os primeiros que me saíram da pena com pretensões a poesia. Por isso os transcrevo. O assunto é digno da idade em que os escrevi. Quem aos 17 anos não tenha sentido alguma coisa de semelhante e experimentado o desejo de a exprimir, melhor do que eu o pode fazer, é homem de cujas afeições e sentimentos permitirme-ão duvidar.

## NÃO TE AMO

# (CANÇÃO)

Arno as noites de luar.
Amo a Lua, o Sol, o Céu.
Amo as estrelas e o mar;
Mas não amo o rosto teu.
Amo das aves o canto,
Dos bosques o sussurrar,
Na voz da brisa acho encanto;
Mas não amo o teu cantar.
Amo a cor da branca rosa
Entre as flores bela flor,
Da violeta a cor mimosa;
Mas não amo a tua cor.

Amo o brilho das estrelas Que fulguram lá nos céus, O da Lua em noites belas, Mas não o dos olhos teus. Arno toda a natureza, Tudo nela me sorri, Em tudo encontro beleza; Mas não sinto amor por ti. 1857 (17 anos de idade).

Nota do Autor — Em vez de canção, melhor lhe chamaria cantiga. Não tem, nem poderia ter outra aspiração. A pessoa a quem ela se refere ó uma pessoa imaginária, ou antes, era-o quando isto escrevi, pois falando verdade, mulheres tenho encontrado que estão no caso de se lhes poder oferecer estas cinco

quadras e não se deverem dar por ofendidas. Mas basta de notas para uma coisa tão pouco notável.

## PENSO EM TI!

Surge a manhã! Tudo é festa
Tudo no campo é prazer,
Trinam aves na floresta
Hinos do Sol ao nascer.
Nestas horas misteriosas
Em que dos jasmins e rosas
Sobem perfumes aos céus,
Nestas horas de magia
Em que tudo tem poesia,
Os meus pensamentos são teus.
Leva o Sol seu curso em meio,
Tudo inunda em clara luz
E só das selvas no seio
Branda sombra se produz,

Mal se ouvem os zumbidos, Dos insetos e os gemidos Da fonte caindo além; Nesta hora de ardente calma De amor só me falta a alma E este amor... é teu também. Já vai desmaiando o dia, Aumenta o grato frescor E na alameda sombria Gorjeia o alado cantor; Soltam-se os diques às presas, Da rega é a hora, e às rezas Convida o bronze cristão; Cede o trabalho ao descanso; Nestas horas de remanso

Os meus pensamentos teus são.

Noite é já. A Lua alta

Dos ares causa a amplidão,

Longe, ao longe, o mar exalta

Aos céus a vaga canção;

E do arvoredo a folhagem

Quer, na sua linguagem,

Os seus bramidos imitar;

O sono a terra domina

E tua imagem divina

Me enleia em brando sonhar!

Penso em ti a toda a hora,

De manhã, pelo arrebol,

Depois, quando à luz da aurora

Sucede o fulgor do Sol;

Penso em ti na hora amena

Em que a tarde vai serena

Envolver-se em tênue véu;

Penso em ti de noite escura,

E é toda a minha ventura;

A mais não aspiro eu.

1858.

Nota do Autor — Aspirar, aspiro, mas... Esta poesia (perdoem-me o nome) não é um simples Jogo de fantasia. O que ela é. escuso de o dizer. Os que a entenderam dispensam explicações. Os outros não sei se feliz se infelizmente para eles, nem com um volume inteiro de notas a entenderiam melhor.

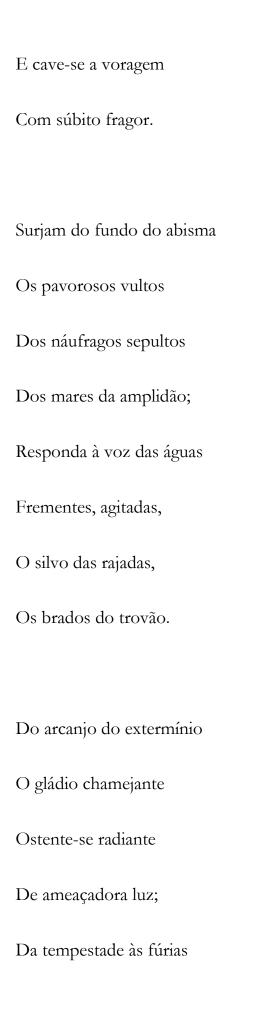
Em quanto a este tique que nela figura, se me perguntarem quem é. colocamme em sérias dificuldades. Não saberei responder talvez satisfatoriamente.

### SONHAR

Ontem à sombra dos plátanos	
Daquela extensa avenida	
Sentia-te comovida.	
Tremer corar.	
Ia a falar-te mas — Cala-te —	
Disseste, com voz maviosa,	
— Quero, nesta hora saudosa,	
Quero sonhar.	
18	357

# EVOCAÇÃO A TEMPESTADE

Vinde! Soprai furiosos
Ventos de tempestade!
Ergue-te, majestade!
Ergue-te, ó vasto mar!
Correi, legiões de nuvens,
Velai o céu de estrelas,
Ó gênio das procelas
Vem! Quero-te saudar!
A luz fatal do raio
A luz fatal do raio  Guie o meu barco apenas
Guie o meu barco apenas
Guie o meu barco apenas E rujam como hienas



E bradarei: Bem-vindo!
Ao gênio que a conduz.
Bem-vindo, sim, que eu sinto
No seio mais violenta
Uma cruel tormenta,
A luta das paixões.
Procuro o mar furioso
Como um seguro asilo,
Arrosto-o e não vacilo
Das ondas aos baldões.

Assistirei sorrindo

## A ROMEIRA

Onde é que vais tão garrida,							
Lenço azul, saia vermelha;							
Pareces-me mais crescida							
Ai, filha, fazes-me velha!							
Mas ainda agora reparo,							
Cordão novo e arrecadas!							
Onde vais nesse preparo							
E com estas madrugadas?							
— Onde vou ? a romaria							
Da Senhora da Bonança.							
Querem ver que não sabia							
Que era hoje? Ai que lembrança!							

— Que queres tu, rapariga,							
Se toda a minha canseira							
É fiar a minha estriga							
Ao canto desta lareira.							
Ora o Senhor vá contigo.							
— Fique em paz minha madrinha.							
— A casa voltes sem perigo.							
Olha lá, vem à noitinha!							
— Ai venho, logo às trindades,							
Que é que quer que eu lhe traga 7							
— Como me levas saudades							
Traz-me saudades em paga.							

Pois trarei e até à vinda,

Adeus que há muito amanhece.

— Vai, que romeira tão linda

É que lá não aparece.

1857

## CANTARES

O campo ja nao tem rosas,							
As noites não têm luar							
E as andorinhas medrosas							
Atravessaram o mar.							
A sombra de uma ramada							
Um dia inteiro passei							
Colhendo uvas e beijos,							
Quais mais gostosos não sei.							
O meu mal ja não tem cura							
Porque é já mal de raiz;							
Desde o berço à sepultura							
Tenho de ser infeliz.							

No Céu se pagam os males

Que no mundo se fizeram;

Se assim é, esses teus olhos

Grandes castigos esperam.

Quem se ri está contente,

Quem está contente é feliz,

Mas cala-te, coração,

O que sentes não se diz.

### PRECE DO CORAÇÃO

Ludibrio das vagas, que agita a procela,

Em noite de trevas, do oceano ao fragor,

Na terra uma praia, no espaço uma estrela,

O nauta, prostrado, te pede, Senhor!

Que, se é triste a morte, mais triste é por certo

Se, no último instante do nosso existir,

Olhando o horizonte, de nuvens coberto,

De esperança uma estrela não vemos luzir.

Nas vagas da vida, meu barco perdido

Errante navega, sem norte, sem luz,

Não sei porque ventos me sinto impelido,

Não sei a que praias o mar me conduz.

Sulcando estas ondas, eu vejo ao meu lado,

Cruzarem-se afoitos mil outros também;

Os ventos dirigem seu curso apressado,

Na esteira que eu sigo... mas passam além.

E eu... Que viagem! Que triste destino!

Que vida, ai, que vida meu fado me deu!

Vogar incessante, sem rumo, sem tino!

Rodeado de trevas, na Terra e no Céu!

Senhor! novo nauta no oceano da vida,

Se as águas furiosas me têm de tragar,

Oh! dá-me que em antes da extrema partida,

A estrela que eu sonho me venha animar.

Que o veja um momento, no espaço fulgindo,

O astro dourado, que em sonhos eu vi!

Quem não amou nunca, da vida partindo

Mal pode, ao deixá-la, dizer: já vivi!

1859

#### MELANCOLIA

Em paz, deixai-me em paz, meus pensamentos,

Não me faleis nos tempos que lá vão.

De que serve pensar nesses momentos?

Volvidos para sempre eles não estão?

Oh! deixai-me esquecer o curto instante

Em que mãe e irmãos no mundo vi!

Não achais triste e amarga ainda bastante,

A amarga solidão que passo aqui?

Que pretendeis falando do passado?

Que quereis? que exigis ainda de mim?

Lágrimas? Não vos bastam as que hei chorado?

Pra que as saudades me avivais assim?

Eu vejo os outros anelar ansiosos

Prazer, orgias, festas sem cessar;

Eu não, que invejo mais suaves gozos,

Gozos que a morte me impediu de gozar.

E assim me corre a vida! só comigo,

E a memória do tempo que passou,

E sem um coração, um peito amigo

Que a sorte, a sofrer só, me condenou.

O homem primeiro, do Éden desterrado,

Triste, rojava a cara pelo pó;

Mas ele tinha ao menos ao seu lado

Um ente que o amava e eu... estou só!

Que a solidão não é erma de gente,

Até no meio da turba a pode haver.

Pois que nos vale a turba, quando um ente

Não vemos, que nos saiba compreender?

Quase tudo que amava, emurchecido

Pelo sopro da morte cair vi.

Como entre ruínas, mausoléu erguido,

À destruição dos meus sobrevivi.

E para quê, Senhor? Qual é meu norte?

Que missão nesta vida hei de cumprir?

Oh! antes, antes me levara a morte,

Pois que assim, é tormento o existir.

Sombra da campa! que te tema aquele,

A quem ventura, ou um amor sem fim

Da vida ao seio e do amor impele.

O teu frio leito não me assusta a mim.

Foi-me o passado instante de ventura,

É-me o presente um século de dor;

E o porvir, envolvido em noite escura,

Que me reservará? Morte ou amor?

Se o anjo que nos meus sonhos imagino,

Eu tenho de encontrar, quero viver.

Mas... se não... corre, apressa-te, destino!

Abre-me a campa; tarda-me morrer.

Em paz, deixai-me em paz, meus pensamentos,

Não me faleis nos tempos que lá vão.

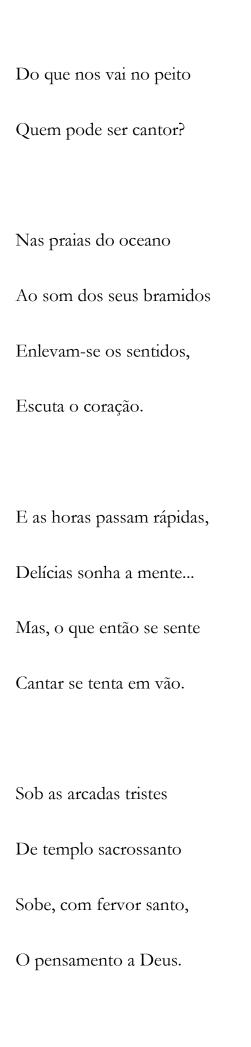
Oh! deixai-me esquecer esses momentos,

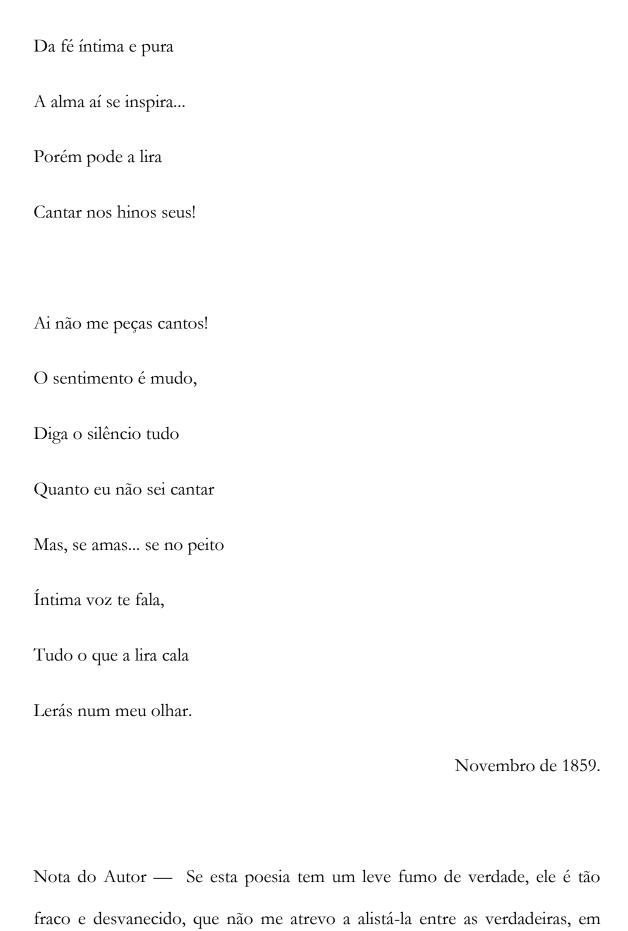
Já que volvidos para sempre estão.

Nota do Autor — Só quem não soubesse nada da minha vida. me poderia pedir explicações desta poesia. Se, para uma produção desta natureza ter merecimento, bastasse ser escrita sob a impressão aos sentimentos que nela se exprimem, podia esta ser uma obra-prima. Infelizmente há mais algumas condições a satisfazer.

# NÃO POSSO

Pedes-me um canto, anjo?					
Ai não, não sei cantar-te,					
Hinos para elevar-te					
Não sabe a minha voz.					
Os grandes sentimentos					
As majestosas cenas					
Sentimo-las apenas;					
Que mais podemos nós?					
Qual é a linguagem,					
Que as sensações exprime					
Dessa hora tão sublime					
Das confissões de amor?					
Se um ente amado expira					

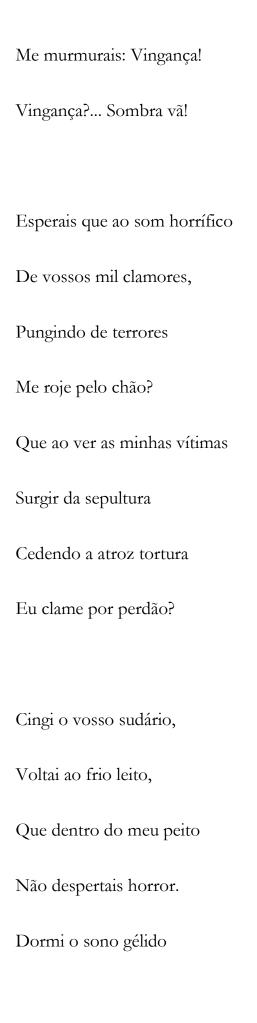


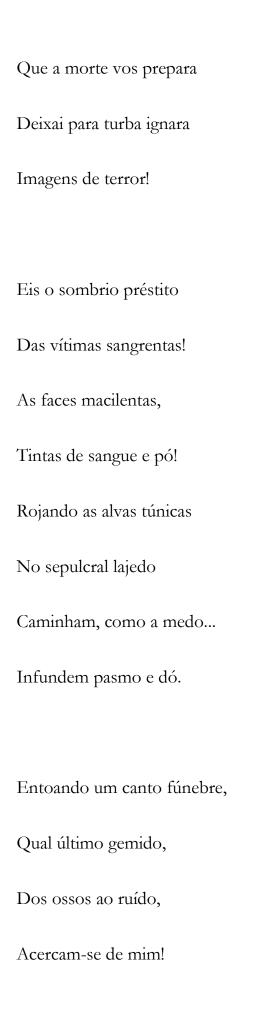


quanto ao facto; pois em quanto aos sentimentos, sustento que o é; e julgo não ser o único nesta crença. Estes versos talvez me justifiquem de arguições futuras. É uma poesia de prevenção. Olhem-na como tal.

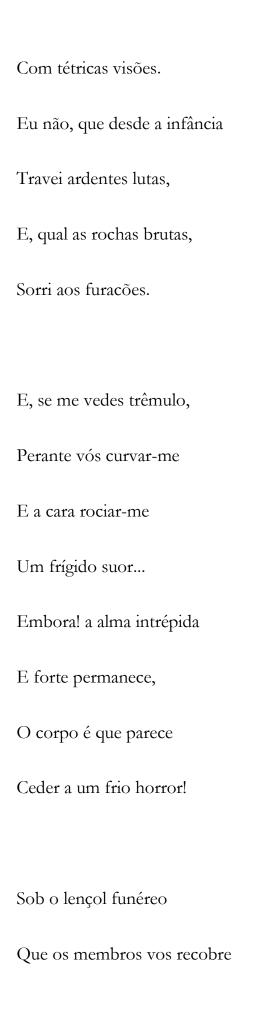
## AURORA DE ARREPENDIMENTO

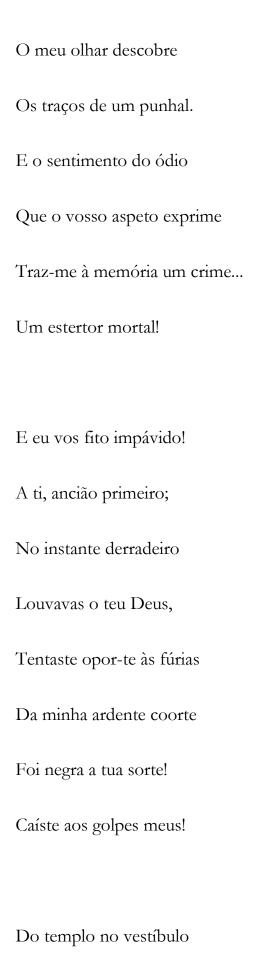
Fugi, fantasmas lívidos!
Fugi, lúgubres sonhos!
Espectros tão medonhos
Deixai-me em paz! parti!
Não vedes como fúlgida
A Lua do Sol já surge?
Deixai-me; o tempo urge,
Nas trevas vos sumi!
Há muito que a ave lúgubre
Calou seus tristes hinos;
E, ao longe, a voz dos sinos
Vos diz — eis a manhã!
E vós, negros espíritos,

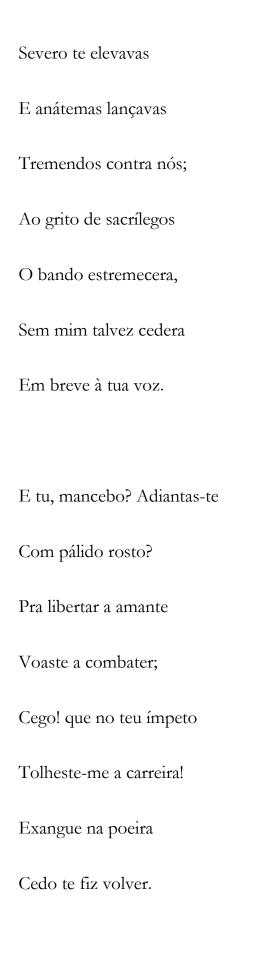


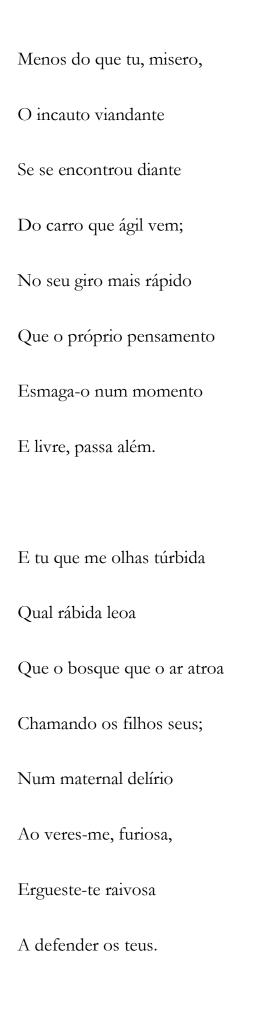


Formam-se em vasto círculo, E erguendo-se horrível grito, Bradam-me: Sê maldito, Qual já o foi Caim! E de medonha abóbada Os ecos despertando, O seu grito continuando, Repetem-me: Caim! Oh! que mortal angústia Este suplício eterno! E nem no próprio Inferno Se penará assim! Mas não... não tremo .. rio-me Dos vãos terrores da turba; Só ela se perturba

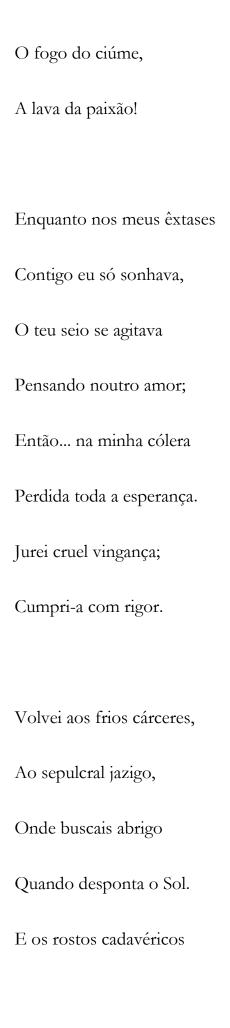


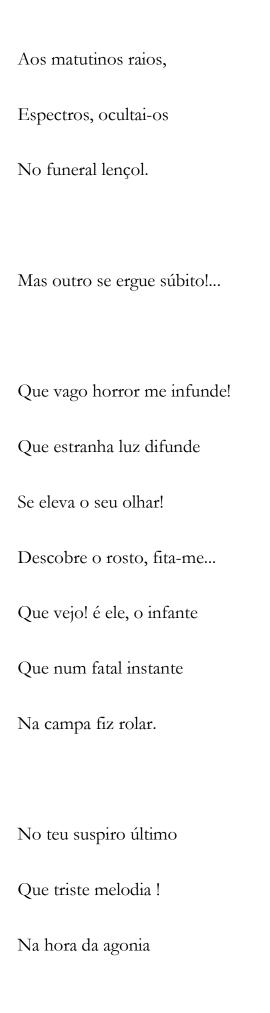


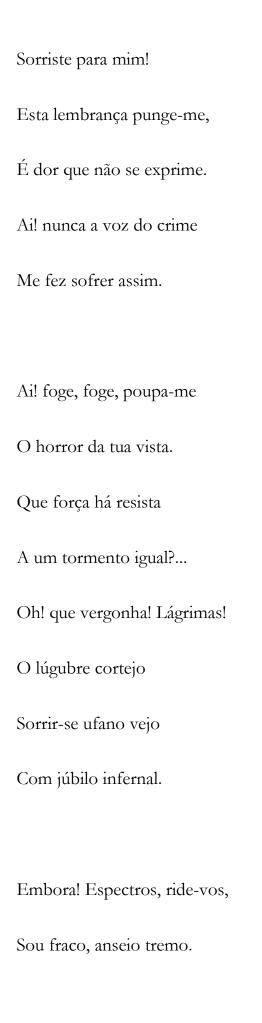


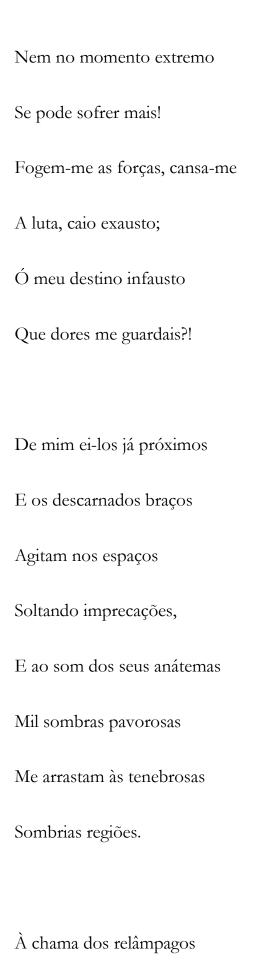


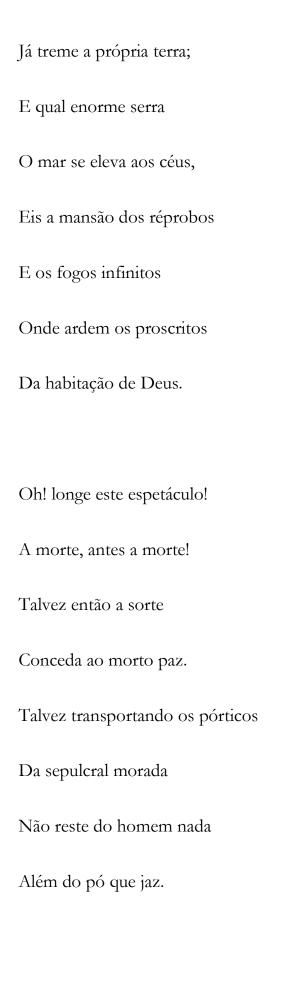
Mas qual a onda túmida De encontro à rija fraga, Mas qual a fina adaga De encontro ao forte arnês, Dobrou teu corpo lânguido Ao encontrar meu peito, Caindo em pó desfeito... Nem vacilar me fez! E tu que ergues, pálida, Coroada de alvas flores? Na quadra dos amores Pendeste, flor, para o chão. Crestou-te as lindas pétalas, De embriagador perfume.











Então, qual som da Pátria Soa o proscrito ouvido, O meu último gemido Me soará também; Mas... quem me diz que as ânsias Deste cruel tormento Têm fim no pensamento Não vão da campa além? A vida é me um martírio; Minha alma outrora forte Ao sopro de agra sorte Vergou, pendeu pró chão; Nem mesmo a paz do túmulo Me resta! No seu seio Penar ainda receio Pra sempre! Deus perdão!

Mas... que suave bálsamo O peito me serena? Que luz tão grata e amena Nas trevas me luziu? Qual desesperado náufrago Em tão negra procela Nos céus uma alva estrela Longínqua me sorriu! Acaso é dado ao ímpio Erguer as mãos manchadas Ainda ensanguentadas A celestial mansão?! Pode ainda a sua súplica Chegar aos pés do Eterno?! Da beira já do Inferno

Clamar ainda perdão?!
Supremo Deus! atende-me!
Na Terra o meu castigo!
Porém, quando o jazigo
Se abrir ao pecador,
Quando em gelado féretro
A cara já cansada,
Pousar extenuada,
Perdoa-lhe, Senhor.
Novembro de 1859.
Nota do Autor — Escusado é dizer que não sou eu quem fala neste canto de
remorsos. Conquanto pecador, como todos os filhos de Adão, ainda não está
tão cheio o meu cabaz de culpas.
Aqui usei da liberdade, que nos dá a lira, boa ou má, de exprimir, não só os
nossos sentimentos, mas também os dos outros. Se bem ou mal o fiz, desta

vez, não o sei, e espero ter juízes que o possam saber melhor do que eu.

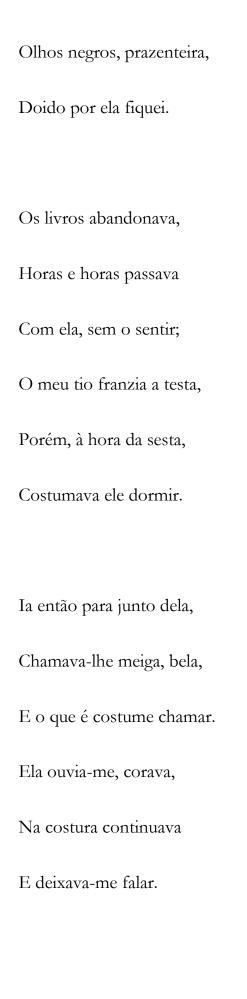
### AS MULHERES

## (RECORDAÇÕES DE UM VELHO)

Tenho oitenta anos contados
Dos meus cabelos nevados
Bem poucos me restam já;
Tem-me ido até agora a vida
De amor para amor impelida,
Até quando Deus dirá.
Tinha dez anos apenas,
E já nas tardes serenas,
Ao declinar do calor,
Me agitava o pensamento
Como agita as flores o vento  Uma ideia só — amor.

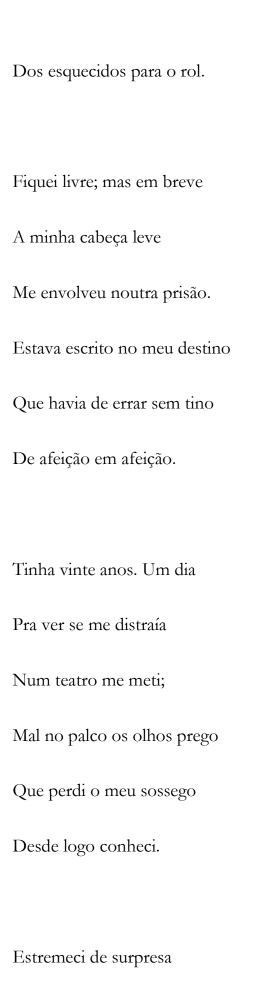
Na aldeia em que eu residia Decara de mim vivia Quem tal amor me inspirou. Uma criança era ainda, Porém nunca flor tão linda Os olmedos enfeitou. Uma manhã, como a visse Junto de mim, eu lhe disse Coisas que me lembram mal; Ela, ao passo que me ouvia, Baixava os olhos, sorria... E deu-me um beijo, afinal. E desde então por diante Fiquei sendo seu amante E fui amado também.

À sombra dos arvoredos, Dizíamos mil segredos, Que nunca entendemos bem. Tempos assim decorreram, Felizes tempos que eram! Até que para cidade eu vim. Chorámos na despedida Mas supondo-se esquecida, Ela esqueceu-se de mim. Outra vida, outros amores Da cidade entre os fulgores, Tinha quinze anos, amei. Era uma virgem trigueira



De uma vez, pedi-lhe um beijo, Ela mostrou algum pejo, Mas enfim... sempre mo deu; Atrás deste, outros vieram E o bem que me eles souberam Nunca depois me esqueceu. Mas numa noite de festa, Para mim noite funesta, Todo este amor se extinguiu; Toda esta nossa ternura, Que eu julguei de tanta dura, A um capricho sucumbiu. Todos no baile dançavam, E às valsas se entregavam Com furor; faltava eu só.

Como dançar não sabia, Para um canto me metia, Triste que fazia dó; Ora, é coisa bem sabida, Que a dança cá nesta vida, Não se dispensa a um rapaz; Adeus amores, se não dança... Neste mundo mais alcança Quem mais cabriolas faz. Por não dançar, fui deposto E, como após um Sol-posto, Se levanta um novo Sol. O que para par a tirara Logo ali me arremessara



Ao contemplar a beleza Com que brilhava uma atriz! Perdido fiquei a vê-la! Nunca vi mulher tão bela! Nem uns olhos tão gentis! Cai o pano, as palmas soam E por toda a parte ecoam De poetas mil canções. Tudo isso me revela Que a muitos os olhos dela Incendiaram os corações. Abandono a sala, corro, Quero vê-la, senão morro, Quero ver os olhos seus, Quero dizer-lhe que a adoro

E que em chamas me devoro, Contar-lhe os tormentos meus. Entro no palco, perdido, Doido de todo... varrido, Vejo-a, lanço-me aos seus pés. Disse amá-la como um louco, E, como achasse isto pouco, Repeti-lho muita vez. Ela olhou-me com um sorriso, Como nem no paraíso Um sorriso assim se vê; - «Se tem um amor como o pinta, Que o futuro o não desminta.» Me disse ela. — E tenha fé.

Voltei para casa exaltado Quase meio embriagado, Coisas que o amor produz. Mas dormir debalde tento, Impede-me o pensamento, Toda a noite olho não pus. Já quarenta anos eu tinha Quando, por desgraça minha, Tornei no engodo a cair; Foi uma rica matrona Que me meteu nesta fona Donde me custou a sair. Viúva de três maridos, Tinha intentos decididos De ainda mais outro matar.

Se a pensar nisto me ponho, Um destino tão medonho Me faz hoje arrepiar! Mas enfim o amor é cego E amava-a, não o nego, A razão não a sei eu. Por isso talvez influísse Pra cair nesta doidice O que ela tinha de seu. Fiz-lhe um dia três sonetos, Falei-lhe nos meus afetos, Ela ao lê-los me sorriu. E, respondendo-me em presa, Prometeu ser minha esposa E um beijo me permitiu.

Com ela as tardes passava, Em sua casa merendava Chá com leite e pão-de-ló. Jogava-se à noite o quino E aturava-lhe o menino Com paciência de Job. Nada mais apetecendo, Assim íamos vivendo Um com outro em santa paz; Já se marcava o momento Para o nosso casamento... Quando tudo se desfez. Foi o caso que num dia Chegou, vindo da Baía,

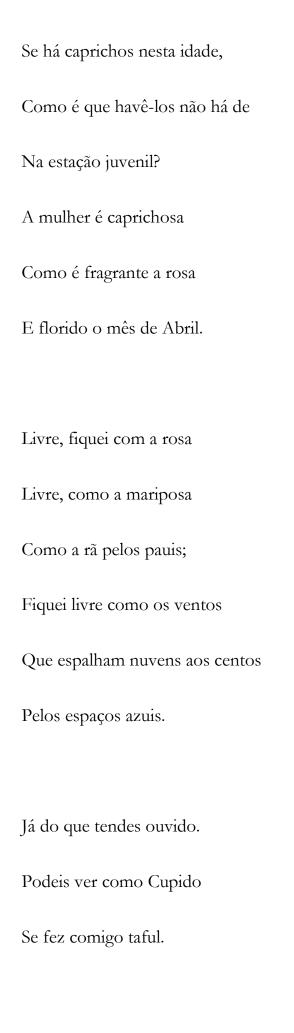
E lhe lançou o anzol, Um ricaço brasileiro, Que cheirando-lhe a dinheiro, Casou ele e pôs-me ao sol. Causou-me um vivo desgosto Ver-me assim, sem mais, deposto Por este sensaborão... Mas então? Tinha dinheiro, Em breve o vi Conselheiro E pouco depois Barão. Abandonar os amores Que se para os mais só tem flores Eu por mim poucas lhe vi. Jurei, mas quis meu fadário, Que a cruz levasse ao Calvário,

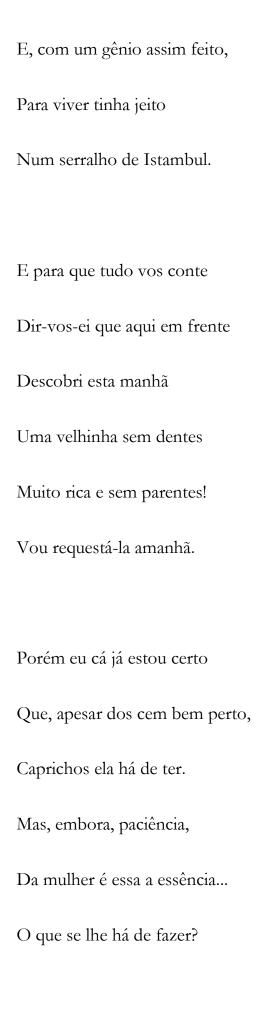
Que remédio obedeci. Já no inverno das idades Eu entrava, e as verdades, Que então a vida nos diz, Pra mim não se revelavam, Os cabelos me nevavam Quando eu outra asneira fiz. E desta vez o objeto Do meu sensível afeto E das minhas afeições Era uma velha provecta E que já tinha uma neta Capaz de inspirar paixões.

Chamei-lhe rola, gazela,

Comparei os olhos dela Com as estrelas dos céus. Ela, como bem-criada, Não só não ficou calada Mas disse o mesmo dos meus. Uma noite, à luz da Lua Eu... beijei-lhe a face sua A sua enrugada tez. E ela a modo que gostava, Mostrou que não estranhava, Pois nem corada se fez. Tinha, sim, ela um defeito? Mas no mundo, amor perfeito Só em flor, é que se vê. É que, por mais que eu teimava,

Nunca ela se deixava
De me tratar por você!
Era destas formosuras
Que é melhor ver às escuras
Que na presença de luz.
Quantas mais trevas a cobrem
Mais dotes se lhe descobrem
E mais amor nos seduz.
Já o Verão começava
E com ele começava
O tempo dos arraiais;
Quis que a uma acompanhasse
E como tal recusasse
Deixou-me para nunca mais.





E mal para eles iria

Se lhes desse na mama

Os seus caprichos desterrar.

Crede, meus alvos cabelos

Um dos seus dotes mais belos

É mesmo esse caprichar.

Julho de 18S9.

Nota do Autor — Desta poesia eu sou apenas uma espécie de editor, mas não responsável. É um velho que fala, e eu não afirmo, pela minha parte, que penso exatamente como ele neste assunto. O sexo feminino me perdoe portanto estas sextilhas. Estou pronto a contradizer a ilação que delas se pretendeu tirar. Debaixo do ponto de vista em que o nosso octogenário encara as mulheres, eu devo confessar que não tenho motivos para lhes querer mal nenhum.

Ele julgou-as severamente, mas é certo que também não valia mais do que elas.

As feridas do coração cicatrizavam-lhe com uma rapidez espantosa e. em quanto a mim, estes corações são no amor uma calamidade e não merecem sorte melhor que a que ele teve. Já veem que sou imparcial.

# EXALTAÇÃO

Vida! quero viver! quero em prazeres
Sequioso saciar-me!
Deste frio letargo em que hei vivido,
Quero, enfim, libertar-me!
Para longe o manto da indiferença! Aos gozos!
Eia! aos festins da vida!
Os mais convivas se sentaram há muito.
Dai-me a parte devida.
Pra longe pensamentos de tristeza,
Gelado desalento!
Vou embriagar-me nas ardentes taças
Beber nelas o alento.
Mundo, dá-me o prazer que aos mais concedes!
Da isolação estou farto.
Adeus, ó solidão, adeus repouso.

Adeus... para sempre eu parto! Os rumores da turba escuto ao longe No seio dos folgares; E só eu, frio, cruzarei os braços, Não buscarei seus lares? Oh! não; é tempo, as alegrias chamam-me. Antes de exausta a taça Corramos a beber nela, que o gozo Com a juventude passa. Amigos, esperai, eu já vos sigo. Louco do que se isola? Nem se torna melhor, nem suas penas Na solidão consola. Vamos ao menos no rumor das festas Sufocar este grito Que nos brada: — Padece, que de lágrimas Foi teu destino escrito.

Vamos... ao menos no fulgor dos bailes Fascinemos a vista. Talvez aí se encontre o esquecimento, Talvez o gozo exista. Quebremos esta lápide marmórea Que nos cingia em vida. Ressuscitemos! Eia, ó alma acorda Desta feral jazida. Vamos!... às festas, ao prazer, aos cantos, Às flores e harmonias. Taças a trasbordar, luzes fulgentes, Delirantes orgias! E, então, no meio do delírio férvido, Perdido, embriagado, Talvez encontre a paz que em balde tenho Na solidão buscado, Abril de 1860. Nota do Autor — Esta exaltação, como quase todas, terminou em nada. Não cheguei a incomodar os convivas dos festins da vida para me darem lugar, e espero que nunca os incomodarei. O meu caminho é outro. Divirtam-se em paz.

### UMA CONSULTA

— Dá licença? — Entre quem é.
— Muitos bons dias. — Olé,
Por aqui, minha senhora?
Desculpe vossa excelência
Se a não conhecia agora.
— Sem mais À sua ciência
Recorrer venho .— Deveras?
(Senhor me dê paciência!
Nunca tu cá me vieras).
Então que temos ? — Padeço.
— Sim? porém de que doença?
— Essa é boa! acaso pensa
Que eu porventura a conheço?
— Ah! não conhece ? — Quem dera!
Então não o consultava.

— (E eu que muito estimava).
Mas diga, então? — Eu lhe conto
Oiça bem. Não perca um ponto.
— Nem um ponto hei de perder.
— Ai, doutor, doutor, meu peito
— É do peito que padece?
Quem havia de o dizer!
— E Jesus, doutor, parece
Que me quer interromper?!
Não era a isso sujeito.
— Nem o tornarei a ser
Vamos lá. — Ora eu começo
Atenção é o que lhe peço;
Diga-me: que lhe pareço?
Não me acha muito abatida?
— Assim, assim; mas às vezes
A vista pode enganar.

— Não, não. Pode acreditar
Que há já um bom par de meses
É um tormento esta vida.
— Então que é o que sente?
— O que sinto?
Ora eu lhe digo:
O doutor é meu amigo?
— Oh! senhora — E é prudente?
Oiça, pois: Eu dantes era
Fera e rija, que era um gosto!
Ou em Dezembro ou Agosto
Correr o mundo pudera,
Sem no fim me achar cansada.
— E hoje? — Não lhe digo nada,
Nem comigo posso já.
— Mau é! — Quer saber, doutor?

Só para vir até cá,
Que tormentos não passei!
— Diga-me, se faz favor.
Que idade tem? — Eu nem sei
Eu sou mais nova três anos
Que o reitor da freguesia.
— (É grande consolação!)
— Tenho ainda outros dois manos
Que mais velhos do que eu são,
Porém, como eu lhe dizia,
Doutor—Que mais sente então?
— A vista sinto estragada,
Até já me custa a ler,
De mais a mais sou nervosa.
Isso não lhe digo nada!
Olhe, estou sempre a tremer.
— Faço ideia. — Andava ansiosa

Por consultar o doutor;
Eu tenho em si muita fé.
— Lisonjeia-me. — Outra queixa
Que eu sofro também Qual é?
— É de um forte mal de dentes.
Todos me caem. — Bem, bem.
— E os que restam, mal assentes,
Qualquer dia vão também.
— É provável. — Ai, doutor!
Que cruel enfermidade!
Não acha? — Acho e o pior
— Há de curar-me, não há de?
— E então não sente mais nada?
— Nada ai, sim, tem-me parecido,
Porém, talvez me iludisse
— Diga. — A semana passada,
Como ao espelho me visse

Pareceu-me ter percebido
— O quê? — Que a pele não era
Como dantes, tão macia.
— E então? — Quem visse dissera
Que eram rugas. — (Eu dizia)
E é isso o que padece?
— Ainda pouco lhe parece,
Doutor? — Por certo que não.
— Então que doença tenho?
— Em sabê-lo muito empenho
Sempre tem? — Eu? Pois então?
Para isso o procurei.
— Bem, então sempre lho digo
Mas julgo não ficarei
Por isto, seu inimigo.
— O meu doutor! — O seu mal

É, senhora, de algum perigo.
— Ai Jesus! — E muita gente
Dele morre. — Oh santo Deus!
Por quem é não diga tal!
E morre-se de repente?
— Conforme. — Pecados meus?
E então é isso o que pensa!
Porém ainda me não disse
O nome dessa doença
E eu sempre o quero saber
— O nome? — Sim.— É velhice!
— E o remédio? — Morrer.
Janeiro de 1860

Nota do Autor — A lembrança não é minha absolutamente. Foi-me sugerida de um caso semelhante que me contaram.

#### PROFISSÃO DE FÉ

Se vires a lira entoar alegrias, Prazeres e orgias, das festas à luz, Não creias as vozes que solta; mentida É toda essa vida, que nela transluz. Se a vires cantando felizes amores, Perfumes de flores parecendo aspirar, Não creias; minha alma surgir não viu ainda A aurora bem-vinda de grato raiar. Se vendo no mundo somente ímpias cenas, Pérfidas apenas, funestas paixões, De escárnio e desprezo soltar os seus cantos, São falsos; que em lágrimas lhe vão ilusões.

Porém, quando triste, falar da saudade,

Em grata ansiedade fitar o porvir

Em sonhos de esperanças, talvez que mentidas,

Soltar seus gemidos, temor exprimir;

Se a ouvires falando de chamas ocultas

Que n'alma sepultas encobrem seus véus,

Quais fogos acesos ao ar elevados,

Ardendo ateados, numa ara sem Deus.

Se a vires nos cantos falar magoada,

Da luta travada no meu coração,

Que muito deseja, que tanto empreende

E em vão se defende da ignota prisão.

Ouvindo-a em segredo, soltar suas queixas

E em tristes endeixas sentida gemer,

Chorar o passado, odiar o presente

E ao longe somente fulgores entrever.

Então crê os hinos que ouvires à lira,

O peito os inspira, do peito eles vem,

A mão indiferente suas cordas não pulsa

Febril e convulsa se agita também.

22 de Abril de 180

Nota do Autor — Esta é como indica o título, uma profissão de fé. Por ela avalie-se a verdade de todas as poesias que fazem parte deste álbum íntimo. Se o meu modo de pensar fizer mudança ao seu tempo virá nova profissão. Até aqui é esta que regula.

### UM PARECER

As minhas flores diletas
Não se encontram nos jardins
Por entre estátuas eretas
De mármore e labirintos,
Das estufas nos recintos,
E avenidas de alecrins.
Não ornam os toucadores
Não ornam os toucadores  De feminis gabinetes,
De feminis gabinetes,
De feminis gabinetes, Não perdem as suas cores
De feminis gabinetes,  Não perdem as suas cores  Brilhando à noite entre sedas

Nas jarras não se acumulam

Dos vastos salões de festa; Em grinaldas não emulam No fulgor a pedraria, A luz que o baile alumia Não é a luz que as cresta. Não; as minhas, as que eu amo Não as procurem por aí Pois que eu prefiro ao ramo Das flores mais presumidas As singelas margaridas! Que nas campinas colhi. As camélia: peónias Que o jardim ostenta ufano, E outras destes hierarquias, Prefiro a rara violeta,

E a rosa que vegeta Pelos campos todo o ano. E, como as flores, as donzelas São iguais nos agostos meus, Pois para mim as mais belas E aos olhos mais aceites, Não são as p em mais enfeites Encobrem os dotes seus. Não são. Eu quero a beleza Sem tão presumida arte; O que vem da natureza Tais atavios dispensa. Mulher, atende-me e pensa No conselho que vou dar-te:

Feia ou bela para longe Desterra tanto: aparato. Não faz o hábito o monge Sem ele a bela se enfeita E nada à feia aproveita Esse tão caiado ornato. Que pedras mas preciosas, Que enfeites de mais valor E que flores mais mimosas Do que uns olhos radiante s Umas tranças abundantes, Uns lábios dizendo amor? E vós, feias se a beleza Vos negou seu galardão, Não fujais da singeleza,

Não busques e extremo oposto.

Deixai de adoçar o rosto,

E adornai o coração

Maio de 1860.

# APARÊNCIAS

Sempre o riso nos teus lábios! Na alva cara						
Nem uma sombra apenas!						
Nem uma nuvem só no horizonte						
A ameaçar-te com futuras penas!						
É possível haver ainda no mundo						
Quem viva e não padeça?!						
Num vale de agonias tão profundo.						
Quem haverá que em júbilos se esqueça!						
Se hoje os dias teus correm amenos,						
Olha para o passado.						
Ele saudades te dará ao menos						
Dos que à beira do túmulo hás deixado.						

E nem um só instante de tristeza Te dão essas memórias? O teu passado é estéril? Não te pesa Uma só dessas cenas transitórias? Pois bem; encara as trevas do futuro E diz se as não receias? Fitando esse horizonte ignoto e escuro São ainda de prazer tuas ideias? Dizem que a taça do prazer — na vida Contém sempre o absinto, Mas tu, só de alegrias envolvida Não sabes o amargor... Que digo? Minto! Tudo isso é aparência. Se eu puder Ler-te no pensamento

Quem sabe se até mesmo estremecera Ao deparar com um íntimo tormento?! Quem sabe quantas vezes é mentida Dos lábios a alegria! Quantas vezes no peito comprimida Nos devora latente uma agonia! E morto o coração ainda persiste Um sorriso aparente, Simulando um prazer que não existe, Fingindo uma ilusão que a alma não sente. Este vislumbre de mentido gozo Que nos lábios se estampa É como as flores do vergel viçoso Que nos encobrem a hediondez da campa.

## DESALENTO

É força descrer. Na vida						
Sucumbe toda a ilusão						
Como a flor da haste pendida						
Murcha ao sopro do tufão.						
Fantasias vãs da infância						
Deixai-me; sois mentirosas.						
Pintáveis-me a vida estância						
Coberta de mirto e rosas.						
E, ao perto, o mirto e as rosas						
Em espinhos se tornaram.						
Essas horas venturosas						
Bem amargas se mostraram.						

Descrer é fatal destino Que espera o homem na vida. E não há poder divino Que lhes sirva de guarida. Descrer? descrer! muito custa Quando o peito é de vinte anos, Quando a alma ainda se assusta Ao clarão dos desenganos. Pobre alma! pobre seio! Ai que martírio sofreste. Inda ontem de ilusões cheio E hoje já quantas perdeste! E agora que mais me resta? Qual, ó alma a tua sorte!

Já que a vida é tão funesta

Aspira somente à morte.

6 de Agosto de 1860.

### DESESPERO

O dia fenece. Com a luz purpurina Que tinge o ocidente, que aromas não vem! O Sol vacilante no oceano declina, Eleva-se a Lua nos montes de além. Por entre a ramagem de densa espessura Semeada de aljôfares por lânguida luz Mil aves modulam com meiga ternura Os seus hinos que a aragem aos montes conduz. Que mágicas cenas! que aromas na brisa! Que sons! que harmonias se elevam daqui! Ditosa a existência que mansa desliza

E a quem esta cena de graças sorri.

Mas; ai, de que valem belezas de selva,

Das aves os hinos, perfumes de flor?

Que importa o arroio gemendo na relva

E a Lua surgindo com grato palor?

Que importa o silêncio que vai na campina

A quem dentro d'alma rebrame a paixão?

Que importa a folhagem que adorna a colina

Se dentro palpita medonho vulcão?

Oh! antes mil vezes ouvir agitadas

As vagas lutando com as nuvens do céu.

Olhar as florestas brilhando incendiadas

E o raio rasgando das noites o véu.

Em vez do murmúrio das brisas suaves,

O vento com raiva no bosque a bramir

Em vez do mavioso descante das aves,

Das feras o torvo, medonho rugir!

Então, nos horrores de tanta tormenta

Talvez meus martírios eu visse extinguir,

Então, como o infante que a mãe acalenta,

Ao som das rajadas pudera dormir.

Mas não; ainda mesmo que todo o universo

Desabe em ruínas em torno de mim

No caos informe, que fora seu berço,

Achando o seu leito de morte por fim.

A rude tormenta que o seio me agita

Inda há de mais alto suas fúrias erguer,

Que vagas ardentes de lava maldita

Eu sinto violentas no peito ferver.

E os risos do campo, de escárnio parecem,

Os sons das florestas, insultos à dor.

Mal hajam as galas que o prado guarnecem,

Mal haja esta noite de paz e de amor!

Oh! vem, negro gênio da guerra e tormenta

O teu facho terrível sacode no ar

E todo o universo de guerra alimenta,

Dos homens na terra, das ondas no mar!

E em vez desta noite risonha e tranquila

Suscita os horrores do dia final;

Cidades e povos, e a vida aniquila

E eleve-se o trono do gênio do mal!

## O DESTINO DAS FLORES

Um dia em que ambos nós, sobre a mesa do estudo
Numa noite hibernai, da lâmpada ao clarão,
Ele curvado a ler, eu a escutá-lo mudo,
Seguíamos com pausa, atentos, a lição.
Inda me lembro bem! Falávamos das plantas,
De sua curta vida e a sua amena cor,
Tantas pelos vergéis e pelos montes tantas,
Que vivem, fenecendo após aberta a flor!
— «Triste destino o seu», disse ele com voz lenta,
Pousando com tristeza a cara sobre a mão,
— «Deus as manda florir, de seiva as alimenta,
Mas cedo com as flores caem murchas no chão.»

Triste destino o teu, ao delas semelhante,

Pobre alma de poeta! Oh! que destino o teu!

Deus te mandou cantar e o canto vacilante

Na Terra começado acabaste-o no Céu.

28 da junho de 1882.

### FALSOS AMIGOS

Como a sombra, amigos temos,
Que nos segue em claro dia;
Mas que da vista perdemos
Assim que o Sol se anuvia.
Outra versão:
Vós sois a minha sombra
Se o Sol me luz brilhante
Atrás, ao lado, adiante,
Encontro-a junto a mim!
Porém se nuvem negra
A luz do Sol me tira,
A sombra se retira
Vós sois também assim.,.

## ORAÇÃO DO REITOR

A noite era de Inverno, húmida, escura e fria.

Soprava nos pinhais furiosa a ventania,

Imitando o bramir de um tormentoso mar.

Os sinos do mosteiro ouviam-se vibrar.

E, contudo, ninguém subira ao campanário.

A alameda do adro e o morro do Calvário,

Onde se ergue imponente o sacro emblema — a Cruz —

Rasgando o negro véu, enchiam-se de luz

Quando do céu pesado o raio fuzilava:

Luz sinistra, fatal, como de ardente lava.

A aldeia repousava em plácido dormir;

Sono que não perturba esta ânsia do porvir

Que à vida nos consome, aos filhos das cidades;

Este sonhar sem fim, estas vagas saudades

Sempre, sempre a fugir de um fantasiado bem

Que à nossa cabeceira acalentar-nos vem.

A aldeia repousava. As cinzas da lareira

Onde há pouco ainda ardia a paternal fogueira

Cujo grato calor as horas do serão

Ajudara a passar, frias, extintas são.

Porém na residência um homem ainda vela,

Pois que uma frouxa luz, através da janela,

Parece estar dizendo ao povo que adormece:

- «Dorme, que o teu pastor de velar não se esquece!»

O pároco velava. As venerandas cãs

Pendentes sobre um livro. Em orações cristãs

Iam-se, muita vez, assim, noites inteiras...

As contas do rosário eram-lhe companheiras.

Julgava-se ele então, o bondoso reitor,

Mais próximo do Céu, mais junto do Senhor!

E, Moisés do seu povo, ouvindo mais de perto

A palavra da lei que, no árido deserto,

O devia guiar por grandes provações,

Sentia então mais fé nas suas orações!

A estância humilde e nua do velho cenobita

Parece receber misteriosa visita

Sempre que, como agora, embevecido e só,

Lê, de David, um salmo, um lamento de Job.

Páginas imortais dos Santos Evangelhos!

Pois houve quem o viu, caindo de joelhos,

Erguer, cheio de ardor, os olhos para o Céu,

Como se, descerrando o impenetrável véu,

Que, aos olhos dos mortais, cobre o mistério augusto,

Lho deixasse encarar sem turbação nem custo.

Vivera a fazer bem. Envelhecera assim.

Eram-lhe distrações as flores do jardim,

O ensino da infância, a esmola aos indigentes

E o salutar conselho aos jovens e imprudentes.

Logo pela manhã, mal sentia o arrebol,

Ia-se para o monte, a ver nascer o Sol,

E voltava a almoçar mais leve do que fora,

Que a esmola o acompanhava e é grande gastadora.

Não sabia, o bom velho, há muito resistir...

Cedia-lhe sorrindo... Abençoado sorrir!

Sempre sóbrio e frugal. O santo sacerdote,

Quisera, muita vez, entesourar um dote

Para as filhas de Deus, órfãs de pai e mãe!

Socorria a chorar! Pois chorava também,

Sempre que chorar via, ou de prazer ou pena.

Em tudo refletia aquela alma serena,

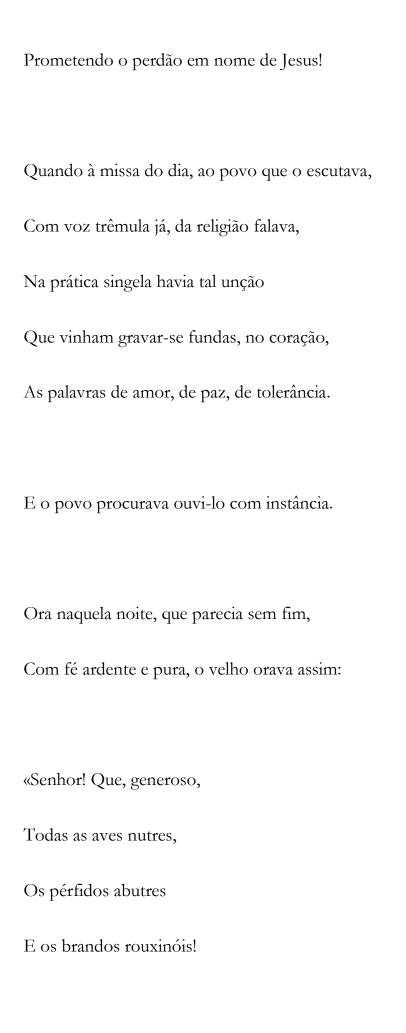
Como lago tranquilo, ao tombar do escarcéu,

As nuvens reproduz que perpassam no céu...

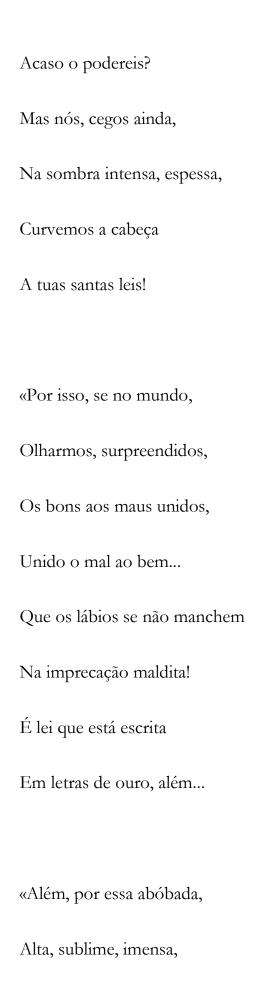
Com que amor acolhia alguma alma perdida

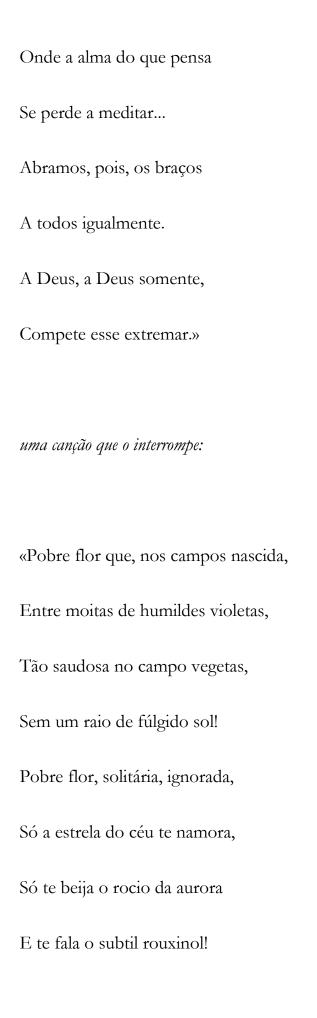
Que o vinha procurar, um dia, arrependida!

Com que sentida fé lhe falava da Cruz,



Que juntas nos espaços, Às nuvens das procelas, Os raios das estrelas, A luz de imensos sóis! «Que à borda dos abismos Fazes brotar a planta; Da flor que nos encanta A áspide fatal; E a plácida corrente Tornas, num simples gesto, Em vórtice fremente, E a brisa em vendaval! «Senhor! quem pode, ousado, Sondar os teus mistérios? Sombras dos cemitérios,





«Ai, se um dia escutares, atenta, Essa voz, ó violeta da aldeia, Essa voz que embriaga, que enleia, Qual suave harmonia do Céu, Nova luz se fará na tua alma"... E, chamando-te à vida os sentidos Te abrirá os países floridos Que ainda envolve um tenuíssimo véu.» A canção cessou e o velho reitor segue com a prece: «Senhor! Bendito sejas Na tua majestade! Por toda a imensidade O teu nome escrito jaz!... E tu, soberba humana,

Lembra-te que és poeira...

E, na hora derradeira,

A sê-lo voltarás...»

### **EXCERTOS**

Epístola ao meu primo José Joaquim Pinto Júnior no dia dos seus anos, 20 de Outubro de

1859.

Dos orientais jardins da bela aurora

Foge, a lançar-se no cerúleo espaço,

Um grato sol d'Outono. Poucas flores

Lhe oferece a terra já, mas pendem frutos

Das árvores, vergadas sob o peso

Tão grato ao lavrador, que mil riquezas

Ufano estende nas patentes eiras,

Ou em fartos celeiros acumula

Para as guardar do Inverno. Os atavios,

Com que se adorna a quadra, mais semelham

Modestas galas de gentil esposa,

Que, junto ao berço dos seus ternos filhos,

Despiu as louçainhas de solteira,

Os seus trajes garridos de donzela,

Pra quem a vida é só jardim florido,

Belo e viçoso, mas sem frutos inda.

Outono! Fértil quadra — tão querida

Do povo agricultor! se eu possuísse...

....Onde iria

Mendigar expressões para celebrar-vos,

Loiras searas, agradáveis ceifas,

Serões risonhos a que amor preside,

Onde se trocam abraços mil, mil beijos,

A cada milho-rei? Não sei cantar-vos,

Verdes relvas, de orvalho rociadas,

Sussurrantes arroios das campinas,

Copados, odoríferos pomares...

Tudo isto eu escrevia há pouco tempo,

Após ter aspirado os mil perfumes

Do ar do campo, às horas matutinas.

Que alegria na aldeia!... Que fervores

Nos trabalhos agrícolas!... Mas hoje...

Que importa à mole que o vapor impele,

O fim para que trabalha? Reconhece

Uma força maior, e indiferente

Segue o impulso. Sejamos como...

O nosso pátrio Douro que sombrio,

Em torturado leito se revolve,

Nem sempre ao levantar a húmida cara,

Depara montes ingremes e aspérrimos

Que o fazem suspirar, de angustiado.

Aqui e ali, a natureza amena

Com ele se mostrou. Risonhos vales,

Gratas colinas, sinceirais formosos,

Verdes campinas que intercetam veias

De límpido cristal, lhe ornam as margens...

Aí, um brando enleio voluptuoso

Vence o soberbo rio, namorado

Dos verdores que o circundam. Brandamente

Se deixa adormecer, acalentado

Pelas canções que entoa a leve brisa,

Ao som das folhas dos virentes olmos,

Então, ferventes beijos deposita

Nas enfloradas margens, que perfumes

Lhe dão em troca. A cara majestosa

Desenruga, olvidando os seus pesares,

Lascivo, espraia as suas frescas ondas

Em mais ameno leito. Já não geme,

Não brame enfurecido, maldizendo

As enormes montanhas que o oprimem

Em apertado espaço. Canções ternas,

Canções de amor, que só quem ama entende,

Enlevado murmura em brandas notas.

Amo-te sempre, ó Douro, quer em fúrias

Invistas contra as rochas, quer sereno

Deslizes, retratando nas tuas ondas

Os alamos das margens. Ou turvado

Te rojes em lodoso, áspero leito,

Ou em praias extensas desenroles

Tuas ondas mais límpidas, és sempre

O Douro, cuja voz me acalentava

Nos áureos sonos da passada infância.

Mas de novo me acorre o pensamento

Atrás de ideias tristes. E a tal ponto

Que me custa trazê-lo a bom caminho.

Perante o Sol se interpôs uma outra nuvem

E desta vez bem negra. Mas desculpa

Se, quase ao meu pesar, eu fui levado

Na torrente de ideias tão sombrias...

Deixa o país fantástico que habitas

Pra fazer excursões impetuosas

Armado de palavras. Tão difícil

É represar-lhe as fúrias, como peias

Tentar opor às convulsões tremendas

De furioso vulcão. A minha ideia,

A predileta, a que na mente afago,

Que, quando só, vem povoar de imagens

A minha solidão, é a da família.

Prefiro-a à glória, a prazer, a honras!

Peço a Deus, com fervor, nas minhas preces,

Mil vezes, no seu templo, ajoelhado:

— «Senhor, lhe digo, por piedade, ouvi-me!

Povoai-me esta aridez da minha vida,

Como na infância a vi; pelo passado

Conformai meu futuro; já que o homem

Retrogradar não pode no seu caminho.»

A súplica é sincera e Deus piedoso.

Escutada será? Não sei que esperança,

Não sei que frouxa luz, bem frouxa ainda,

Parece divisar no horizonte...

Talvez não creias que, sincero falo

Nestas aspirações do meu futuro?

Ah! Sinceras são elas, podes crer-me.

Assim reais as vira! Os mil prazeres

Que a juventude sequiosa anseia,

De boamente, em holocausto, os dera

A santa paz da vida de família.

Talvez; mas seja embora um sonho apenas,

O sonhar e um bem, se o sonho é grato.

É milagroso bálsamo que sara

As feridas mais cruéis da realidade.

Os frades já lá vão. Esses ao menos

Souberam amenizar a agreste vida,

Estéril de afeições, do homem solteiro,

Desfrutando as delícias da preguiça,

Nas confortáveis celas dos conventos,

Templos só consagrados à mandriice.

Onde nada teria que notasse

O mais importante dos vassalos

Da rainha Vitória. E mais é gente

Que, no que diz respeito à boa vida

E em muita coisa mais, a custo cedem

A qualquer outra, o grau de preferência.

Se entre os teus me não vires, acredita Que por lá me esvoaça o pensamento Assistindo ao espetáculo bendito Dos prazeres de família. E, quando os, brindes Se elevarem em glória deste dia, Se não com os do corpo, com os da alma, Misteriosos sentidos, ouvir podes, Associar-se ao coro das mais vozes, Uma voz a saudar-te; é essa a minha! E disse. Cai o pano. E finda a epístola. \*\*\* Da segunda carta de Júlio Dinis ao seu primo José Joaquim Pinto Coelho Eis a idade dos vinte anos,

Tão celebrada em poesia,

Em que a ardente fantasia, Cria mil visões de amor! Voa a alma atrás dos sonhos, No seu seio se embriaga, Como a abelha que divaga Poisando de flor em flor. Saudemos pois esta hora Se ela é hora de esperança! O isolamento cansa, Não amar, é não viver! Na floresta as aves cantam, Quando alveja a madrugada, Se a aurora d'alma é chegada, Cantemos-lhe o amanhecer.

Mas a própria natureza

Quis saudar-te neste dia,		
E num sorriso te envia		
Sua grata saudação.		
Ela fenece, declina,		
Já se despe de verdores;		
Tu na quadra dos amores		
Colhe as flores da estação.		
«Colhe-as, viçosas se mostram		
No teu extenso horizonte.		
Exulta pois, ergue a cara,		
Que a tua hora enfim chegou!»		
		1860.
	***	

«Venho uma vez ainda, movido de ansiedade

Dos teus, às alegrias, meus júbilos unir;

Queimar débil incenso nas aras da amizade,

Lembrar-me do passado, falar-te do porvir.

«Lembrar-me do passado, desviando a escura tela

Que as cenas dessas eras aos olhos nos cerrou...

Falar-te do futuro, mostrando-te essa estrela

Que para a juventude sempre nos céus radiou...

«Parar, onde a planície se espraia, vasta, imensa?

E a perspetiva se orna de flores e de luz?

Parar, pendida a cara, sem ânimo, sem crença,

Vergado sob o peso de imaginária cruz?

«Isto nos nossos anos, isto na nossa idade,

Tão cheia de futuro, de alento e de fé!

Oh, não! Para nós a esperança; deixemos a saudade!

Deixemos a flor murcha que outra em botão já ó!

«Saudemos o futuro, como a risonha aurora

Que tinge o alto dos montes de purpurina cor!

Saudemos o futuro à voz consoladora,

Que nos fale, em segredo, de uma época melhor!

«Da lira pelas cordas correndo as mãos nevadas

Tira sentidas notas de uma imortal canção...

Nem das harpas eólias, nos olmos pendurados,

As extrai tão sonoras, da noite, a viração...

«Não são da Terra as notas da música maviosa

Que escuto, não; são ecos de música no Céu...

Com a citara dos anjos, em nuvens cor de rosa,

Esta visão celeste junto de nós desceu. «Cantando, pouco a pouco, seu rosto se ilumina... Nos lábios tudo é risos; é tudo vida o olhar... Como, na madrugada, se despe de nebrina A risonha paisagem que o sol vem animar. «Falou na paz dos justos, falou na recompensa Que espera os virtuosos na celestial mansão... Para os Céus apontando, disse inspirada: — Crença! — Abandonando a Terra, disse saudosa: — Irmão! —

1862.

## FUGIR AO DESALENTO

«Sim, às vezes, não sei fugir ao desalento

Que baixa sobre mim, qual nuvem tempestuosa;

Nem posso desviar o curso ao pensamento,

Que desce sem parar, em senda tenebrosa.

«Então, se olho o porvir, vejo-o sombrio e escuro,

Como quando no céu se forma a tempestade,

E em torno do baixei, que voga mal seguro,

Uma neblina densa o espaço todo invade.

«Ontem ainda sentia esta tristeza vaga

Que pesa sobre nós, mais cio que um férreo jugo;

Sinistra cerração que nos sufoca e esmaga

Como o laço fatal de invisível verdugo!

«Vem, surge, ó Sol luminoso, Doura os cumes da alta serra, Inunda de luz a Terra, Vem refletir-te no mar... Acorda as aves no bosque, Chama os insetos às balsas, Onde em doudejantes valsas Vão as flores namorar... «Penetra nas espessuras, Nesses retiros aonde A flor silvestre se esconde Para sozinha florir. Dá-lhe o calor dos teus raios, Desperta-a do fatal sono Em que as nebrinas do Outono

## DAI-ME DO CAMPO

«Não as quero, que podem essas flores Renovar na memória, As mal curadas, as pungentes dores, De uma recente história. «O caminho da existência É então grato e florido. Ai! Bem fácil é o olvido De tudo o que a alma sofreu! Como à roseira da várzea Que todo o ano floresce, A cada flor que fenece Uma outra flor sucedeu. «Uma outra flor, e mais bela E cada vez mais viçosa. Uma outra flor, outra rosa,

Ou antes, outra ilusão.

Nunca, nunca o desalento

Extingue o fogo sagrado

Que arde no altar consagrado

Que se chama o coração.»

1864.

## SAUDADE

«A saudade, a fada amiga
Que nos renova o passado,
Como em jardim encantado,
Por seu mágico condão
Os prazeres da criança,
Alvos sonhos de inocência,
Os fogos da adolescência,
O nascer do coração
«A saudade, a ama dileta,
Que o sono nos acalenta,
E junto de nós se assenta
A falar-nos com amor!
Essa fiel guardadora
De nossas gratas memórias

Que sabe as longas histórias Da nossa vida, de cor! «A saudade, a irmã bem-vinda, À noite, às horas quietas, Em que amantes e poetas Livre curso à mente dão; A virgem pálida e triste, De branda melancolia, Que as penas nos alivia, Que nos mitiga a paixão! «Tens ao teu lado a saudade Falando-te em voz dolente. De uma memória recente, De uma luz que se apagou... Luz que tomaste por guia

Para termo da viagem;

Mas que o sopro de uma aragem,

Brandas, apenas, apagou.»

1865.

## PRIMAVERA

Nota: Última carta em verso que Júlio Dinis dirigiu a José Joaquim Pinto Coelho. Era
desta maneira que festejava os aniversários do seu primo.
«Veste-se a planta de flores
Quando a Primavera assoma;
E a espessura de verdores
Perfuma com o seu aroma.
«Mas nem sempre a mesma vida
Transluz nas flores abertas;
Uma seiva empobrecida
Só lhes dá cores incertas.
«Todos os anos floresce,
Ao despertar este dia,

A planta que, ignota, cresce,

Da minha pobre poesia.

«Porém, desta vez, roçada

Do mal, pela mão funesta,

Uma flor só, desmaiada,

Abriu para a tua festa.

«Mas seja o tributo pago,

Embora com pobre oferta;

Essa mesma aí a trago,

Desbotada e mal aberta.»